

UFRRJ

INSTITUTO DE AGRONOMIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ÁREA DE ESPAÇO, POLÍTICA E PLANEJAMENTO

DISSERTAÇÃO

**O SERTÃO NORDESTINO NA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA DE
EUCLIDES DA CUNHA (1897-1902)**

JOÃO CARLOS DE MATTOS FREITAS

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE ESPAÇO, POLÍTICA E PLANEJAMENTO

O SERTÃO NORDESTINO NA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA DE
EUCLIDES DA CUNHA (1897-1902)

JOÃO CARLOS DE MATTOS FREITAS

Sob orientação do professor
Guilherme Ribeiro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**, no Curso de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia

Seropédica, RJ
Novembro de 2019

F862s Freitas, João Carlos de Mattos, 1982-
O sertão nordestino na perspectiva geográfica de
Euclides da Cunha (1897-1902) / João Carlos de Mattos
Freitas. - Teresópolis, 2019.
81 f.

Orientador: Guilherme Ribeiro.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Geografia, 2019.

1. Euclides da Cunha. 2. História da Geografia
Brasileira. I. Ribeiro, Guilherme, 1980-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em Geografia III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

JOÃO CARLOS DE MATTOS FREITAS

Dissertação submetida como requisito principal para obtenção de grau de **Mestre em Geografia**, no Curso de Pós Graduação em Geografia área de Concentração de Espaço, Política e Planejamento.

DISSERTAÇÃO APROVADO EM / /2019

Prof. Dr. Guilherme da Silva Ribeiro - UFRJ
(Orientador)

Prof. Dr. Adriana Carvalho Silva - UFRRJ

Prof. Dr. Felipe Moura Fernandes - ISAT

Prof. Dr. Maurílio Lima Botelho - UFRRJ

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a produção desta dissertação de mestrado. Inicialmente ao meu orientador Guilherme Ribeiro pela amizade, confiança, compreensão e contribuição que me dedicou ao longo de todo o processo produtivo.

A todos os professores e funcionários ligados ao PPGGEO/UFRRJ pelo acolhimento e compreensão. Aos meus colegas de turma por todo apoio e amizade, em especial Priscila, Vinícius, Gabriela, Kahoma, Ariane e Anderson.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação e que fazem parte dessa banca dessa etapa final do mestrado, Adriana Carvalho da Silva, Felipe Moura Fernandes e Maurílio Lima Botelho por todas as críticas e conselhos que me ofereceram.

A todos da UERJ-FFP incluindo professores, funcionários e alunos com que tive contato. Aos amigos Guilherme Portela, Guilherme Toiço, Luciano Filé, Nelsinho, Leonardo Tio Chico, Gustavo Peixe, Nilton, Rafael Raçudo, Leo Nelsides, Bruno Holandês, Gilsão, Diana e tantos outros que são membros insubstituíveis da minha rede de amizade.

Aos amigos Marcos Cesar, Astrogildo e Maicon Gilvan, que sempre me incentivaram a persistir na vida acadêmica e contribuíram diretamente com esse trabalho.

Aos amigos de Teresópolis e de vida Bruno França, Vagner, Carla, Livia e Rodrigo. A todos os profissionais e alunos das escolas onde leciono – C.E. Euclides da Cunha, C.E. Club Lions e E.M. Celso Goulart – e aos amigos que fiz através do Gcang-Terê. Obrigado pela compreensão e incentivo.

A todos da minha família começando pelos meus pais João Carlos (Profeta) e Izabel Vianna por sempre me apoiarem em todos os momentos. As minhas irmãs Clarice e Mariana pelo incentivo e amizade. Aos meus sobrinhos Henrique, Guilherme, Brenda, Julia, Bruninha e Paulinha. A família que ganhei com o casamento, Juliana, Daniel, Bianca, Ricardo, João, Pedro, Rossana e José Alberto. A esse último um agradecimento especial por todo o conhecimento compartilhado.

Deixo por último o agradecimento a minha esposa, Clarissa Peixoto (KK). Sem sombra de dúvidas você foi à pessoa mais importante de todo esse processo. Aturou meu lado mais ranzinza, revisou o texto, me escutou quando eu só precisava colocar as ideias pra fora, entre tantas outras coisas que deixam esta lista imensa. Obrigado pela parceria, paciência e zelo com que me vem oferecendo ao longo desses sete anos juntos.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001" e "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001".

RESUMO

Freitas, João Carlos De Mattos. **O sertão nordestino na perspectiva geográfica de Euclides Da Cunha (1897-1902)**. 2019. Dissertação em Geografia, (Mestrado em Geografia, Ciências Humanas). Departamento de Geografia, Pós Graduação em Geografia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

Euclides da Cunha (1866-1909) é um dos personagens emblemáticos de seu tempo, sendo protagonista de importantes processos e eventos que marcaram a história brasileira na virada do século XIX para o XX. Possuidor de um vasto conhecimento científico e de uma escrita rebuscada e de personalidade – fruto de sua formação eclética – Euclides atuou com êxito em trabalhos nos ramos da engenharia, jornalismo, literatura entre outros cargos. O sucesso de sua carreira teve seu ponto máximo em *Os Sertões* (1902), livro que se tornou marco da literatura nacional por se tratar de uma obra capaz de provocar grande impacto no meio intelectual e social brasileiro. O objetivo dessa pesquisa consiste em entender o papel da Geografia no pensamento euclidiano, buscando compreender como esta serviu de base teórico-metodológica que fundamentou sua argumentação. Para tal questionamento optou-se por um recorte empírico focado em temáticas relacionadas a Canudos e ao sertão nordestino, utilizando como fonte de pesquisa os textos de Euclides escritos no ano de 1897 – quando a Guerra de Canudos se intensifica – e *Os Sertões*, visando reconstruir o caminho percorrido por ele ao longo de todo o período em que esteve dedicado as pesquisas sobre o tema. O primeiro capítulo visa apresentar a complexidade que cerca uma análise do texto de Euclides da Cunha, tendo como foco aspectos da teoria literária, os debates que giram em torno de sua obra e a relação dela com a ciência geográfica. O segundo capítulo trata da análise dos textos escritos por Euclides no ano que iniciou seu contato com a temática da Guerra de Canudos e os estudos sobre o sertão nordestino. O terceiro capítulo analisará os argumentos geográficos presentes em *Os Sertões*, apresentando a evolução dos seus estudos ao longo do processo de escrita. Com isso o pretende-se demonstrar que a obra de Euclides é de grande relevância para situarmos a geografia brasileira na história da ciência, entendendo-o como um dos representantes desses intelectuais que produziram conhecimentos geográficos entre o final do século XIX e início do XX.

Palavras-chave: Sertão Nordeste. Perspectiva Geográfica. Euclides da Cunha.

ABSTRACT

Euclides da Cunha (1866-1909) is one of the emblematic characters of his time, the protagonist of important processes and events that marked the history of Brazil at the turn of the nineteenth to the twentieth century. With a vast scientific knowledge and a refined writing and personality - fruit of his eclectic education - Euclides has successfully worked in engineering, journalism, literature and other positions. The success of his career had its peak in *Os Sertões* (1902), a book that became a milestone in national literature because it is a work capable of having a great impact on the Brazilian intellectual and social environment. The aim of this research is to understand the role of geography in Euclidean thought, to understand how it served as the theoretical and methodological basis that supported its argument. For such we chose an empirical approach focused on themes related to Canudos and the northeastern backwoods, and takes as a source of research the texts of Euclides written in 1897 - when the War of Canudos intensifies - and *Os Sertões*, focus at reconstruct the path taken by him throughout the period in which he was dedicated to research on the subject. The first chapter intends to present the complexity that surrounds an analysis of Euclides da Cunha's text, on aspects of literary theory, the debates that revolve around his work and its relationship with geographical science. The second chapter deals with the analysis of the texts written by Euclides in the year in which he began his contact with the theme of the War of Canudos and the studies of the northeastern backwoods. The third chapter will analyze the geographic arguments present in *Os Sertões* and shows the evolution of their studies along the writing process. Thus, it is intended to demonstrate that Euclides' work is of great relevance to situate Brazilian geography in the history of science, understands him as one of the representatives of these intellectuals who produced geographic knowledge between the late nineteenth and early twentieth centuries.

Keywords: Northeastern Sertão. Geographic perspective. Euclides da Cunha.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 A PERSPECTIVA GEOGRÁFICA DE EUCLIDES DA CUNHA	10
1.1 A análise de texto literário, histórico e geográfico	11
1.2 Interpretações do discurso euclidiano	15
1.3 Relações entre Euclides da Cunha e a Geografia	21
1.3.1 Euclides da Cunha no contexto científico e político nacional	25
2 A GEOGRAFIA NOS TEXTOS PRELIMINARES DE <i>OS SERTÕES</i>	30
2.1 A Guerra de Canudos em <i>A Nossa Vendeia</i>	35
2.2 O relato de um correspondente de guerra	38
2.2.1 Euclides da Cunha em Salvador: 7 a 30 de agosto	39
2.2.2 A caminho de Canudos: 31 de agosto a 11 de setembro	42
2.2.3 Euclides em Monte Santo-Canudos: 12 de setembro e 7 de outubro	46
3 OS ARGUMENTOS GEOGRÁFICOS EM <i>OS SERTÕES</i>	49
3.1 Os aspectos físicos do sertão nordestino em <i>A Terra</i>	49
3.2 O sertanejo na perspectiva euclidiana de <i>O Homem</i>	54
3.3 A Geografia na perspectiva militar de <i>A Luta</i>	64
CONCLUSÕES	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
ANEXOS	77
A- <i>A Nossa Vendeia</i> (14 de março de 1897)	77
B- <i>A Nossa Vendeia</i> (17 de julho de 1897)	78
C-O canudense em sua casa de taipa	79

INTRODUÇÃO

A Geografia é um ramo do saber utilizado pela humanidade ao longo de toda a sua história, tendo a missão de pensar as melhores estratégias para a sua atuação no espaço. Cada período histórico exigiu dela conhecimentos próprios que os auxiliasse, desde o local onde um determinado povo escolhe para se fixar nas sociedades primitivas até as estratégias de domínio e expansão territorial adotada pelos Estados Nacionais. Sua longevidade é fruto de sua adaptação a cada conjuntura, sofrendo diversas transformações a partir dos interesses específicos de cada contexto histórico, político e social.

As perspectivas geográficas que surgem principalmente no final do século XIX e início do XX aparecem então para que a sociedade pudesse obter maior compreensão das novas formas de atuar em um momento marcado pelos avanços tecnológicos no ramo da comunicação e transporte, capazes de conectar lugares que antes não conseguiam estabelecer relações. Os geógrafos que surgiram nessa conjuntura buscaram encontrar explicações científicas para criar uma lógica acerca da atuação dos seus Estados no novo sistema-mundo, em que as principais potências se destacavam pela política de expansão imperial e avanço urbano-industrial.

Durante esse período, o Brasil se encontrava como uma antiga colônia com ambições progressistas, o que tornou a Geografia um ramo indispensável para os desafios que o país enfrentava, tais como o conhecimento da totalidade do seu território e qual o seu papel nessa nova conjuntura. Assim, muitas produções científicas brasileiras na época apresentaram preocupações geográficas, a exemplo dos estudos das fronteiras nacionais e os relatórios de expedições para o interior do país publicadas nos institutos de geografia da época (SCHWARCZ, 1993). É nesse contexto que surge o autor escolhido como objeto empírico dessa análise: Euclides da Cunha (1866-1909).

Sua obra é considerada de grande relevância para variados campos do conhecimento no Brasil, apresentando características únicas em uma literatura marcada pela cientificidade aliada a uma estética linguística que misturava elementos de diversos gêneros de escrita. Entre os conhecimentos presentes em sua produção, a Geografia ganha destaque devido a sua qualidade e proximidade com o que estava sendo feito pelos principais geógrafos daquele tempo, tais como Humboldt (1769-1859), Ratzel (1844-1904) e Vidal de la Blache (1845-1918), promovendo estudos sobre a diversidade de ambientes terrestre e da adaptação das sociedades a tais ambientes, inspirando-se no cientificismo, no darwinismo, etc..

A proximidade de sua obra com a Geografia é o que motiva nossa pesquisa, defendendo a hipótese de que a produção intelectual de Euclides da Cunha pode ser lida enquanto um trabalho geográfico, uma vez que apresenta referências explícitas a essa ciência. Nesse sentido, optou-se por priorizar dois momentos de sua carreira, o ano de 1897 e de 1902, pois é nesse período que ele produz seus principais textos sobre o sertão nordestino. O primeiro é composto pelos textos escritos durante a Guerra de Canudos, publicados em artigos de jornal e em correspondências organizadas postumamente. Nelas estão os primeiros seus estudos sobre o que consideramos a geografia euclidiana sobre o sertão, em um material contendo estudos geomorfológicos e especulações acerca da relação homem e meio. O segundo apresenta o resultado do acúmulo de conhecimento adquirido ao longo de três anos de pesquisas dedicadas ao tema, em um livro que passou a ser sua principal obra: *Os Sertões*. Nele os argumentos geográficos de Euclides estão organizados de acordo com uma narrativa montada para estabelecer sua perspectiva acerca dos acontecimentos de Canudos, buscando explicações compreender a construção da história humana a partir de leis universais baseadas nas ciências da natureza, utilizando o sertão baiano, o homem sertanejo e a Guerra de Canudos como recorte empírico para a defesa de suas ideias.

A dissertação será organizada em três capítulos que visam primeiramente criar as bases teórico-metodológicas que serão utilizadas nesse trabalho, seguindo para a apreciação da Geografia presente nos textos sobre o sertão nordestino escritos em 1897 e finalizando com a investigação dos argumentos geográficos existentes em *Os Sertões*. O capítulo I terá como primeiro objetivo apresentar as perspectivas literárias e os métodos de abordagem do discurso escrito que podem auxiliar nessa análise. Para fomentar o debate, serão utilizados autores como Antônio Cândido (2005[1959] e 2006[1965]), Roland Barthes (1980 e 1987), Ciro Flamarion (1997), Vincent Berdoulay (2003), entre outros que contribuem para uma análise coerente com a complexidade do texto produzido por Euclides da Cunha. Em seguida, o capítulo apresenta as interpretações dos principais intelectuais que se debruçaram sobre a obra de Euclides, identificando as polêmicas que giram em torno do seu estilo de escrita, os gêneros textuais e os movimentos literários que o classificam, e sobre a relevância do seu conteúdo para a sociedade brasileira. Aqui serão utilizadas as contribuições dos principais euclidianos, buscando uma abordagem que demonstre as variadas visões que surgiram ao longo das gerações de estudiosos, tais como Walnice Nogueira Galvão (2009 e 2016), Luciana Murari (2002 e 2007), Nicolau Sevcenko (1999), Gilberto Freyre (1987[1944]), Luiz Costa Lima (1997 e 2000) entre outros que possam contribuir nessa análise. O último item do primeiro capítulo tem o objetivo estabelecer uma relação entre a obra de Euclides da Cunha e a Geografia, buscando compreender o contexto no qual tanto a ciência quanto o autor estavam inseridos. Essa abordagem terá início com uma breve reflexão sobre o surgimento da Geografia, enquanto ciência moderna e como essa se refletia no cenário brasileiro, identificando a importância dos institutos e sociedades de geografia da época. Em seguida, o subcapítulo apresenta alguns exemplos de produções geográficas realizadas no contexto de Euclides, em que será abordado as preocupações comuns a muitos intelectuais do período. O capítulo é encerrado com a defesa da hipótese de que a obra de Euclides da Cunha possui forte relação com a ciência geográfica, utilizando como exemplo sua produção direcionada à região do Alto Purus-Acre.

O capítulo II tem a finalidade de aprofundar a análise do texto euclidiano para a temática de Canudos e do sertão nordestino. Para tanto, optou-se por focar essa etapa nos escritos realizados por Euclides entre 14 de março e 7 de outubro de 1897, período em que cobre a Guerra de Canudos para o jornal Estado de São Paulo, buscando apresentar os elementos geográficos presentes. Assim, em primeiro lugar será realizado um breve histórico de Canudos antes e durante o conflito, com o objetivo de situar o leitor no contexto em que foi escrito o material que será analisado em seguida. Em seguida, o capítulo divide-se em quatro partes relacionadas com o período e local onde foram produzidos os textos de Euclides sobre o tema. A primeira situa-se entre março e julho de 1897 em São Paulo, quando escreve dos artigos para o Jornal Estado de São Paulo chamados *A Nossa Vendéia*. A segunda trata dos textos datados entre 7 e 30 de agosto, quando Euclides parte para Salvador como correspondente de guerra. A terceira visa apresentar os escritos realizados a caminho de Canudos, entre 31 de agosto a 11 de setembro. A quarta parte analisa os textos produzidos entre 12 de setembro e 7 de outubro na fase em que ele se encontra na cidade de Monte Santo e acompanha o cerco final do exército sobre Canudos.

O terceiro e último capítulo tem o objetivo de apresentar o resultado final das pesquisas de Euclides da Cunha sobre a Guerra de Canudos e o sertão nordestino presentes em *Os Sertões*. O texto será dividido em três subcapítulos que visam explicitar separadamente as partes em que o livro é dividido, buscando em cada uma a relação com a ciência geográfica. O primeiro irá tratar dos aspectos físicos do sertão nordestino descritos em *A Terra*. O segundo terá a finalidade de apresentar as argumentações presentes em *O Homem*, focando nas especulações teóricas referentes aos agentes físicos e biológicos que determinaram as características do homem sertanejo, assim como a descrição dos aspectos

culturais desses indivíduos e em especial de Antônio Conselheiro e seus seguidores. O último abordará a narrativa que Euclides desenvolve para contar o episódio de Canudos, buscando os argumentos geográficos utilizados por ele que corroboram com sua perspectiva.

Existem algumas lacunas presentes nessa pesquisa e que serão exploradas em trabalhos acadêmicos futuros. Entre eles, destacam-se a necessidade de um maior aprofundamento na relação entre a obra de Euclides da Cunha com a Geografia, estabelecendo uma análise comparativa de seus textos com as de geógrafos como Humboldt Ratzel, Vidal de la Blache, Ellen Semple etc., além de um levantamento mais amplo de outros trabalhos geográficos produzidos no Brasil nesse contexto. Outra lacuna a ser explorada em novas produções se refere à uma abordagem mais ampla da obra de Euclides, englobando outras obras como *Contrastes e Confrontos* de 1907 e os demais textos sobre a região amazônica, buscando novas provas da relação de Euclides com a Geografia.

Da mesma forma geral, a pesquisa pretende apontar para a relevância da obra de Euclides da Cunha para o desenvolvimento do conhecimento geográfico no Brasil, tendo como recorte temático os textos sobre o sertão nordestino. Acreditamos que esse material possui um forte argumento a favor da hipótese aqui defendida, pois demonstra um intelectual preocupado com os rumos de um país em um momento de intensas transformações e que precisava de intelectuais que buscassem entender a sua totalidade, olhando não só para as regiões litorâneas ou mais favorecidas pelos processos urbanos, mais sim para um interior isolado e esquecido pela maioria da população.

CAPÍTULO I

A PERSPECTIVA GEOGRÁFICA DE EUCLIDES DA CUNHA

Analisar a obra de um intelectual da grandiosidade de Euclides da Cunha exige uma ampla atenção devido a sua complexidade. Nela encontra-se um caráter híbrido entre diversas áreas do conhecimento e gêneros textuais, provocando o surgimento de alguns questionamentos acerca de um texto dessa magnitude. Como classificar uma obra tão variada e única na história da literatura brasileira? O texto escrito por Euclides pertence à literatura ou à ciência? É um texto de história ou ficção? Tais questões são levantadas há mais de um século pelos leitores e estudiosos euclidianos e geram polêmica até hoje.

Um exemplo que exprime os questionamentos acima está presente em *Os Sertões*, obra que foi capaz de provocar um grande impacto social no Brasil. Nela Euclides desenvolve uma estética de escrita marcada por nuances sintáticas, artifícios narrativos e conhecimento científico em prol de uma missão: denunciar a barbárie ocorrida na Guerra de Canudos. Mesmo tendo uma leitura de difícil compreensão dada à sua linguagem rebuscada, ela teve o poder de atingir uma parte significativa da sociedade brasileira ao criar um imaginário para o sertão nordestino em um país de intensa fragmentação e desigualdade regional. Mas como uma literatura tão peculiar e difícil conseguiu tamanho alcance social?

A complexidade das questões levantadas exige um olhar amplo acerca das contribuições teórico-metodológicas que cada área do conhecimento pode oferecer. Por esse motivo o capítulo terá como primeiro objetivo apresentar as contribuições de alguns dos especialistas no que se refere à teoria literária, para que nos auxilie na abordagem acerca da obra de Euclides. Para isso, serão utilizados intelectuais como Michel Foucault (1971[1970]) e Roland Barthes (1980 e 1987) que apontam para uma análise do discurso textual que desprenda das normas e regras semânticas e que procura as múltiplas significâncias que um texto pode oferecer. Além destes, outras contribuições estarão presentes nesse trabalho, oferecidas por Antônio Candido (2005[1959] e 2006[1965]), Mikhail Bakhtin (1997) e Luis Costa Lima (1997) que, apesar de apresentarem perspectivas diferentes acerca da análise de texto, possuem pontos comuns em suas abordagens, principalmente no que se refere ao olhar para a literatura enquanto um campo do conhecimento capaz de dialogar diversos outros saberes. Outros que servirão de suporte metodológico nessa parte do capítulo são os historiadores Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (1997) – que vinculam a análise dos textos históricos em uma perspectiva semiótica – e de Vincent Berdoulay (2003) com a “abordagem contextual” para a análise de textos de geografia histórica, entendendo que esses servem de ponte entre a teoria literária e o olhar que pretendemos inserir sobre o texto de Euclides da Cunha.

Outro ponto de destaque no primeiro capítulo está relacionado com as inúmeras interpretações que os textos de Euclides da Cunha vêm recebendo ao longo de mais de um século, recebendo críticas e elogios de gerações de intelectuais brasileiros e estrangeiros. Assim, pretende-se promover um levantamento das principais abordagens acerca do texto euclidiano, buscando apresentar proximidades e discordâncias entre autores especializados na análise de seus textos, tais como Herbert Parentes Fortes (1990[1958]), Gilberto Freyre (1987[1944]), Luis Costa Lima (1997 e 2000), Nicolau Sevcenko (1999[1983]), Mauro Rosso (2009) e Walnice Nogueira Galvão (2009) entre outras contribuições.

O último ponto explorado nesse capítulo se refere à relação entre a produção intelectual de Euclides e a Geografia. Apesar de sua obra possuir um grande número de referências à ciência geográfica, essa relação vem sendo pouco explorada pelos geógrafos. No entanto, suas idéias sobre a relação homem e meio se aproximam consideravelmente do pensamento desse campo, influenciada pelo darwinismo social e por idéias evolucionistas que

buscavam interpretar o homem a partir de premissas advindas das ciências naturais. Para demonstrar essa proximidade será feito um breve levantamento do surgimento da Geografia Moderna no final século XIX e como ela reverberou no Brasil desse contexto. Dessa forma será realizada um breve levantamento das contribuições de geógrafos com Ratzel (1897, 1904) e Vidal de la Blache (1845-1918), entre outros intelectuais ligados a esse ramo do conhecimento que estabeleceram as bases para o desenvolvimento do campo entre as ciências modernas.

Nesse sentido, o capítulo será finalizado abordando as características da Geografia praticada no contexto de Euclides da Cunha, indicando alguns dos intelectuais e instituições que promoviam as discussões acerca da ciência no Brasil. Para tanto, serão utilizados como base os trabalhos de Lia Osório Machado, Manoel Fernandes de Sousa Neto e Manoel Corrêa de Andrade – que promovem uma síntese da história da geografia nacional –, além de alguns exemplos de trabalhos geográficos publicados na revista do IHGB durante período próximo ao de Euclides. Por ultimo, será apresentado um resumo do texto “A Geografia do Alto Purus” - que corresponde a uma parte do relatório de expedição escrito pelo próprio sobre a região fronteira entre o Brasil e o Peru - como mais um exemplo de trabalhos geográficos realizados pelo autor para além dos trabalhos que serão analisados de forma mais aprofundada nos capítulos II e III acerca de Canudos e do sertão nordestino.

1.1. A Análise de Texto Literário, Histórico e Geográfico

Uma questão importante para a análise de texto se trata da concepção de discurso.

Segundo os teóricos relacionados ao campo da semiótica¹, o discurso é definido como: “sinônimo de fala (uso contingente da língua) em oposição à língua (sistema estruturado de signos)”; como unidade linguística que extrapola a frase, tornando-se assim “sinônimo de mensagem ou enunciado”; como as regras utilizadas na construção de uma frase ou grupos de frases que compõem um enunciado; “ou como enunciado visto a partir das condições de produção – linguística e social – que o geraram” (CARDOSO e VAINFAS, 1997, p.377).

Os historiadores Cardoso e Vainfas (1997) assinalam a necessidade de se ter cuidado perante os significados de um texto, pois:

(...) Uma atitude desta supõe o postulado implícito, na verdade impossível de sustentar, de que o sentido de um texto é sempre imediatamente perceptível ao lê-lo. Ou, se formularmos ao contrário a questão, de que a forma em que o texto se estrutura internamente — sua dimensão discursiva — não seja pertinente à sua análise e uso em história (CARDOSO e VAINFAS, 1997. p. 376).

Toda linguagem – em suas mais variadas manifestações – é um importante instrumento em que o poder é exercido. O poder aqui é visto em uma perspectiva múltipla e exercido pelas mais variadas escalas da sociedade. Sua multiplicidade imprime uma capacidade infinita de renovação, o que o torna difícil de ser combatido. A partir dessa concepção, a língua nada mais é do que um instrumento fundamental de controle social, perpetuado ao longo da história humana desde sua origem e quem é capaz de dominá-la consegue influenciar outros a favor dos seus interesses.

Alguns esperam de nós, intelectuais, que nos agitemos a todo momento contra o Poder; mas nossa verdadeira guerra está alhures: ela é contra *os* poderes, e não é um combate fácil: pois, plural no espaço social, o poder é, simetricamente, perpétuo no tempo histórico: expulso, extenuado aqui, ele reaparece ali; nunca perece; façam uma revolução para destruí-lo, ele vai imediatamente reviver, re-germinar no novo estado de coisas. A razão dessa resistência e dessa ubiqüidade é que o poder é o

¹ Ciência que estuda a relação entre os signos, lingüísticos ou não, e seus significados; semiologia [ETIM: fr. *sémiotique* ‘sintomatologia’]. (2011). *Dicionário Houaiss Conciso*.

parasita de um organismo transsocial, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história política, histórica. Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é: a linguagem — ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua (BARTHES, 1980, p 12).

Michel Foucault (1926-1984) abre em seus trabalhos um importante precedente para o surgimento de novas formas de interpretação e utilização do discurso. Sua reformulação dos preceitos do conceito de poder possibilitou o surgimento de novas perspectivas para outros conceitos e categorias ligados a ele, como o território, o espaço e até mesmo a linguagem escrita ou falada. Em *A Ordem do Discurso*, ele desenvolve uma análise em que o discurso serve como instrumento de poder, possuindo a capacidade de excluir quem não se insere em determinadas regras. Assim, existem três sistemas de exclusão que incidem sobre o discurso: a palavra interdita, em que uma grande parcela de indivíduos não as percebem; a partilha da loucura, relacionada ao rebaixamento de alguns discursos como não válidos; e a vontade de verdade, sistema que direciona os dois primeiros em busca da efetividade de um determinado discurso como o único válido (FOUCAULT, 1971, s/p).

Para quem possui o domínio das normas e padrões que determinam o poder da linguagem, o que é proferido se torna verídico entre os indivíduos que não possuem as habilidades necessárias para discernir as regras desse jogo, passando a ser um mero repetidor das ideias dos outros. Assim, a língua define sua ação a partir da autoridade de asserção e união a partir da repetição. Isso só é possível graças à capacidade dos signos presentes na linguagem de criar estereótipos que limitam a liberdade da língua.

Assim que ela é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder. Nela, infalivelmente, duas rubricas se delineiam: a autoridade da asserção, o gregarismo da repetição [...] reconhecidos, isto é, na medida em que se repetem; o signo é seguidor, gregário; em cada signo dorme este monstro: um estereótipo: nunca posso falar senão recolhendo aquilo que se *arrasta* na língua (BARTHES, 1980, p. 14-15).

Outro conceito que merece atenção diz respeito à concepção de literatura. Para Candido, “[...] o estudo da literatura propriamente dita pressupõe a expressão registrada por meio da escrita” (CANDIDO, 2005, p. 19). Nesse sentido, a literatura enquanto campo do conhecimento se faz presente nas mais variadas manifestações da escrita. Segundo Barthes (1980), as diferentes formas da linguagem humana são tolhidas por regras e normas, mas existe uma forma de expressão capaz de subvertê-las a partir da literatura. Ela é capaz de extrapolar os limites impostos pela língua, a partir de uma revolução constante da linguagem.

[...] Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura.

Entendo por *literatura* não um corpo ou uma seqüência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela viso portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso portanto dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto (BARTHES, 1980, p.16).

A literatura é concebida então como um tipo específico de texto capaz de dialogar diferentes áreas do conhecimento com conteúdos fictícios e realistas, possibilitando uma grande variedade de formas textuais. Os gêneros literários podem ser entendidos então “[...] enquanto tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais, contudo têm em comum a natureza verbal (lingüística)” (BAKHTIN, 1997, p.

281). Eles são uma forma organizacional de dividir da linguagem escrita que facilitam uma análise semântica do texto, estipulando regras que fragmentam os gêneros. Em uma análise literária que busque uma interpretação para além das normas estipuladas por seu gênero, a abordagem ganha novas significâncias.

Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal (CANDIDO, 2006, p. 22).

Barthes indica que na literatura existe a manifestação de forças que permitem ao escritor experimentar a liberdade. Elas são divididas em três forças “[...] que colocarei sob três conceitos gregos: *Mathesis*, *Mimesis*, *Semiosis*” (BARTHES, 1980, p.17). A primeira se refere à amplitude de saberes que a literatura é capaz de se apropriar. A segunda faz menção à representação da realidade de cada texto. A terceira diz respeito aos significados de cada elemento do texto, seja uma palavra, uma pontuação ou o próprio arranjo textual, recurso esse capaz de produzir uma infinidade de caminhos e interpretações para uma escritura.

[...] As forças de liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um “senhor” entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinai de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua: [...] (BARTHES, 1980, p. 16 - 17).

A *mathesis* indica o poder da literatura de se apropriar de outras áreas do conhecimento, mas sem respeitar as limitações destas. Isto se torna visível, por exemplo, quanto às aproximações entre a literatura e a ciência, em que “[...] a literatura trabalha nos interstícios da ciência [...]” (BARTHES, 1980, p. 18). Essa habilidade de se utilizar dos conhecimentos de outras áreas sem reproduzi-las em sua plenitude, permite ao texto uma aproximação do que Barthes intitula como “texto de fruição²”. Logo, “Ao se transportar aos limites do dizer, numa *mathesis* da linguagem que não quer ser confundida com a ciência, o texto desfaz a nomeação e é essa defecção que o aproxima da fruição” (BARTHES, 1987, p. 60).

O saber na literatura nunca está por inteiro, ela utiliza saberes, assim como representa a própria realidade a seu modo. É nesse ponto que o discurso enunciado pela literatura e pela ciência se distingue.

Segundo o discurso da ciência — ou segundo certo discurso da ciência — o saber é um enunciado; na escritura, ele é uma enunciação. O enunciado, objeto habitual da lingüística, é dado como o produto de uma ausência do enunciador. A enunciação, por sua vez, expondo o lugar e a energia do sujeito, quiçá sua falta (que não é sua ausência), visa o próprio real da linguagem; ela reconhece que a língua é um imenso halo de implicações, de efeitos [...] (BARTHES, 1980, p.19-20).

A *mimesis* enquanto segunda força da literatura está relacionada à representação, cujo objetivo é de tornar o que está sendo enunciado algo que pareça real para o leitor, mesmo quando se tratando de um texto fictício. Foi a partir dessa tentativa de representar da realidade que a história de literatura se reproduziu e criou sua fonte de prazer sobre o confronto de duas margens: “[...] A *mimese*, fonte ou figura do prazer, põe aqui em confronto duas margens prosaicas; ela opõe o que é útil ao conhecimento do segredo e o que lhe é inútil; é uma fenda”

² Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem” (BARTHES. 1987. p 20).

(BARTHES. 1987. p 18). Portanto, o autor não consegue prever como o leitor irá interpretar as entrelinhas do seu texto, o que gera a sensação de prazer na leitura devido a surpresa e a multiplicidade de caminhos que podem surgir.

[...] a proeza é manter a *mimesis* da linguagem (a linguagem imitando-se a si própria), fonte de grandes prazeres, de uma maneira tão *radicalmente ambígua* (ambígua até a raiz) que o texto não tombe jamais sob a boa consciência (e a má fé) da paródia (do riso castrador, do “cômico que faz rir”) (BARTHES. 1987. p 15 e 16).

Luiz Costa Lima (1997) indica a diferença entre a natureza da descrição e da *mimesis*. Apesar de ambos os termos serem um meio para a imitação de algo, o primeiro mantém certo distanciamento do objeto, se manifestando como uma simples cópia. No segundo termo, a imitação serve de palco para a interação entre o descrito e os propósitos de quem o descreve, criando o que Costa Lima entende enquanto os campos da cena e subcena:

Todos os veios então enunciados – desvio, essência, manutenção a todo transe do método positivista, literatura-ornato, impasses calados, denegação epistemológica do que continua a ser praticado – acumulam-se no interior do texto, nele formam uma espécie de massa ígnea que ameaça abrasar a cena laboriosamente construída e, em certos trechos, se condensam em verdadeiras subcena.

[...] Cada um destes dois campos, a cena e a subcena, privilegia um recurso narrativo específico. À exposição do método cabe a descrição. À subcena, porque constituída por imagens, corresponderá o que chamaremos a máquina de *mimesis* (COSTA LIMA, 1997, p. 161).

A terceira força da literatura se refere à semiologia da linguagem, teoria e método que tem como base a análise dos signos em suas variadas manifestações. Na concepção de Barthes, ela surge para o diagnóstico do que é implícito e explícito em um texto, assim como a intencionalidade desses para o exercício do poder. “A semiologia (minha semiologia, pelo menos) nasceu de uma intolerância para com essa mistura de má-fé e de boa consciência [...]. A língua trabalhada pelo poder; tal foi o objeto dessa primeira semiologia” (BARTHES, 1980, p. 32).

Já que todo discurso é reprimido por um conjunto de regras que direcionam o uso dos fonemas, palavras e articulações sintáticas a favor do domínio, a semiologia tem por objetivo encontrar caminhos para burlar esses limites, em busca de uma interpretação mais ampla do discurso. Cardoso e Vainfas (1997) apresentam a diferença entre a análise semântica³ e a semiótica, em uma aproximação da ciência histórica com a linguística.

A análise do discurso assim concebido [...] pode efetuar-se: pela semântica, teoria do conteúdo das significações que seja ao mesmo tempo gerativo (investimentos sucessivos de sentido em patamares diferentes), sintagmático (e não unicamente classificatório) e geral (não atado com exclusividade a um único sistema significante); ou pela semiótica, que se ocupa de expressão das significações e de sua produção, em outras palavras, em especificar como se chega a significar alguma coisa (CARDOSO e VAINFAS, 1997. p. 377).

Para os autores, a primeira propõe uma análise que se pauta na fragmentação do texto para buscar os significados de cada elemento utilizado de forma a elucidar suas entrelinhas. Apesar de o método contribuir para uma análise textual, suas premissas estão presas às regras e normas em que a língua foi construída e impõe seu domínio, dificultando o diagnóstico de elementos não explícitos presentes no texto.

³ Semântica: Ramo da linguística que estuda a evolução e as alterações sofridas pelo significado das palavras no tempo e no espaço. (2011). *Dicionário Houaiss Conciso*.

Já a semiótica corresponde à metodologia que busca o entendimento das coisas a partir de suas múltiplas significações. Comumente conhecida como método de análise e produção textual, a semiótica abrange outras de áreas do conhecimento – a exemplo da arqueologia, psicanálise, etc. – que busquem interpretar uma determinada linguagem, pois ela “[...] consiste em jogar com os signos em vez de destruí-los, [...] em instituir no próprio seio da linguagem servil uma verdadeira heteronímia das coisas” (BARTHES, 1980, p. 27 e 28). Assim, o semiólogo é aquele que “[...] joga com signos como um logro consciente, cuja fascinação saboreia, quer fazer saborear e compreender (*idem*, p. 38).

Outro tipo de análise que merece atenção é o referente aos textos produzidos em períodos históricos anteriores. Tal cuidado se deve por conta de um equívoco comum para os que se debruçam em textos pretéritos, utilizando preceitos teóricos e conceituais desenvolvidos para as interpretações de fenômenos de outra temporalidade, o que produz uma análise anacrônica. Outro exemplo desse tipo acontece quando o estudo se direciona para a perspectiva que classifica o conhecimento em uma escala temporal linear, entendendo que a história dos saberes deve ocorrer da mesma forma em todas as civilizações.

Ao refletir sobre a análise de textos históricos, Mariana Lamego (2013) defende que não devemos nos acomodar a uma versão hegemônica e explícita, pois ela é fruto dos interesses de um grupo. Lamego exalta a importância de uma constante revisão dos preceitos históricos de uma ciência tal como a Geografia, pois é nesse exercício que conseguimos encontrar as possibilidades de abordagens que uma ciência pode oferecer. Acrescenta também que cada período possui ferramentas próprias de análise que podem ser úteis em outra temporalidade quando utilizadas de forma crítica. “[...] Tais ferramentas começam a ser adotadas na construção das histórias do conhecimento geográfico e a perspectiva crítica dessa adoção não se pode perder de vista” (LAMEGO, 2013 p. 2).

Já o geógrafo Berdoulay (2003) – principal referência de Lamego – defende a revisão das perspectivas acerca da análise geográfica de textos históricos, apontando a “abordagem contextual” como um caminho mais abrangente, em que os conhecimentos geográficos não estão presos a um determinado período e podem receber influências dentro e fora do seu campo, pois tal perspectiva busca entender a relevância da conjuntura social para o desenvolvimento científico. Assim essa perspectiva é uma alternativa que contribui significativamente para uma análise que aponte para a complexidade entre o conteúdo de um texto e o contexto histórico que o originou.

A abordagem contextual, quase sem formalização como se encontra, serve como uma moldura abrangente para analisar a conjunção da lógica interna e do conteúdo da ciência com o contexto no qual o cientista está situado. Desatando os elos que unem a mudança no pensamento geográfico ao seu contexto, estaremos na melhor posição para avaliar, e aprender com, as contribuições criativas de indivíduos notáveis (BERDOULAY, 2003, p.53).

Todas as discussões e perspectivas aqui apresentadas têm o objetivo de demonstrar a complexidade de se analisar um texto com as características apresentadas na obra de Euclides. Em virtude das contribuições aqui mencionadas o trabalho irá buscar um olhar amplo para o texto euclidiano, em que se respeitem suas múltiplas referências e contextualize-o no interior dos processos históricos relevantes para a sua produção.

1.2. Interpretações do Discurso Euclidiano

Como foi dito anteriormente, Euclides da Cunha vem sendo objeto de estudo de gerações de especialistas que proporcionaram diferentes olhares sobre sua obra. Entre estes,

destaca-se o nome de Walnice Nogueira Galvão⁴ como principal euclidiana da atualidade. Seus estudos promovem um minucioso levantamento do que de mais relevante foi produzido sobre o autor, enfatizando a contribuição de quatro euclidianos: Antônio Houaiss⁵ (1915-99), Franklin de Oliveira⁶ (1916-2000), José Calazans⁷ (1915-2001), Oswaldo Galotti⁸ (1911-2001). “[...] Todos eles euclidianos eméritos, de dedicação de vida inteira, no entanto defendiam posições no mínimo dessemelhantes, quando não opostas” (GALVÃO, 2009, p. 159).

Um aspecto da escrita de Euclides que vem sendo mencionado com frequência se refere à estética textual que ele emprega, marcada por uma personalidade forte que o desvia dos modelos literários de sua época. É consenso entre os leitores que seu texto possui grande riqueza gramatical e mostra o domínio do autor sobre as normas cultas da língua. Herbert Parentes Fortes⁹ aponta alguns traços semânticos do estilo euclidiano, entendendo-os enquanto instrumentos filosóficos utilizados para estimular a imaginação do leitor:

Os mais freqüentes e seguros instrumentos filosóficos de Euclides são: o travessão, o assíndeto, o polissíndeto, a pontuação, o infinito, o particípio, o paradoxo, o imperfeito, o neologismo e por vezes o arcaísmo, o adjetivo, as “cintilações”, os “stacatos”...

[...] Donde se conclui o uso frequente do travessão poder “marcar” um estilo, como o de Euclides, cuja “constante intencional” e imaginação inquieta fizeram dele um poderoso “estímulo filológico” (FORTES, 1990, p. 62).

Conhecido por sua escrita de difícil compreensão – marcada pelo rebuscamento do vocabulário –, seu estilo gerou opiniões diversas entre os leitores. Em sua análise acerca do texto euclidiano, Gilberto Freyre¹⁰ (1987[1944]) expõe a opinião do professor Afrânio Peixoto sobre a estética de escrita de Euclides, questionando o gongorismo¹¹ que domina seu estilo literário.

O professor Afrânio Peixoto já observou de Euclides da Cunha que não tinha matizes nem inflexões”; que desconhecia “os meios-tons e as transições insensíveis”. Pior ainda: que cultivava “esse mau gosto nacional, espécie de gongorismo retardado, que o povo chama, avisadamente, falar difícil”. Wagnerismo literário (FREYRE, 1987, p. 29).

Freyre acentua o estilo gongórico de Euclides como uma escrita que flerta constantemente com uma retórica marcada pelo preciosismo e por uma narrativa que está sempre disposta a enunciar suas ideias da forma mais rebuscada possível. Contudo, ele afirma que “Euclides da Cunha não nos desaponta em momento algum com uma só expressão de inconfundível mau gosto” (FREYRE, 1987, p. 29). Ao assumir seu estilo, Euclides corre o risco de se tornar incompreensível para a maior parte dos leitores, contudo seu domínio ao jogar com as regras da língua o desviou desse destino.

⁴ Professora titular de Teoria Literária e Literatura Comparada na USP. Autora de mais de trinta livros, sendo boa parte deles dedicados à vida e obra de Euclides (GALVÃO, 2009).

⁵ Filósofo, lingüista e editor de enciclopédias, além de organizador do *Dicionário Houaiss* (GALVÃO, 2009).

⁶ Jornalista, ensaísta e crítico literário, autor de *Euclides: A Espada e a letra* em 1983 (GALVÃO, 2009).

⁷ Calazans trouxe novas perspectivas sobre Canudos à partir da coleta de relatos e levantamento documental em cartórios, jornais, igrejas e boletins de ocorrência, inaugurando o grupo dos *conselheiristas* (GALVÃO, 2009).

⁸ Médico que dedicou boa parte da sua vida a memória de Euclides da Cunha, coletando material e promovendo homenagens como o mausoléu e o tombamento da ponte construída por Euclides em São José do Rio Pardo-SP. (GALVÃO, 2009).

⁹ Filósofo e Lingüista piauiense. Escreveu um livro intitulado *Euclides, o estilizador de nossa história* dedicado a análise sintática do texto euclidiano (FORTES, 1990).

¹⁰ Em 1944 Freyre escreve um livro dedicado a Euclides, mostrando um profundo conhecimento de sua obra (FREYRE, 1987).

¹¹ Gongorismo: estilo literário marcado pelo uso de metáforas, palavras eruditas e alusões clássicas. (2011). *Dicionário Houaiss Conciso*.

A verdade é que Euclides da Cunha escreveu perigosamente. Transpôs para a arte de escrever o viver perigosamente de que falava Nietzsche. Escreveu num estilo não só barroco – esplendidamente barroco – como perigosamente próximo do precioso, do pedante, do bombástico, do oratório, do retórico, do gongórico, sem afundar-se em nenhum desses perigos: deixando-o apenas tocar por eles; roçando por vezes pelos seus excessos; salvando-se como um bailarino perito em saltos mortais, de extremos de má eloquência que o teriam levado à desgraça literária ou ao fracasso artístico. Que o teriam tornado outro Coelho Neto. (FREYRE, 1987, p. 52).

Quando relacionado aos movimentos literários, o texto de Euclides é comumente classificado como pré-modernista, pois foram escritos antes da Semana de Arte Moderna de 1922, marco da ascensão do movimento modernista¹² no Brasil. Contudo, sua obra antecipa algumas das características que marcariam esse movimento, tais como a renovação da linguagem textual e a valorização de temas nacionalistas. Essa discussão mostra o quanto à literatura euclidiana está em um patamar diferenciado em seu tempo, tendo em vista que as tentativas de enquadramento entre os movimentos e gêneros se mostram um grande desafio.

Se, por um lado, o naturalismo igualmente já dera seus melhores frutos, por outro lado os primeiros sinais do modernismo, que faria sua rumorosa aparição em cena na Semana de Arte Moderna de 1922, não chegariam alcançar Euclides em vida.

Por tudo isso, costuma-se colocar Euclides no pré-modernismo, sem dúvida na falta de melhor categoria. Quando se considera que o outro escritor de prosa do mesmo período que sobressai da média é Lima Barreto, a heterogeneidade se acentua desconfortavelmente (GALVÃO, 2009, p. 27-28).

Para Galvão, o texto euclidiano não se enquadra entre os escritores modernistas devido a sua forte influência naturalista e positivista, além da “[...] retórica do excesso, o registro grandiloquo, o tom altíssimo só poderiam ser avessos ao espírito modernista” (GALVÃO, 2009, p.28). Já Lima (1997) indica o que ele chama de *dupla inscrição* que caracteriza a obra de Euclides, cujo desprendimento com a estética literária vigente segue o exemplo da tradição que o antecede. “[...] críticos do começo do século não distinguiam entre a concepção retórica das belas-letas, que, não levando em conta o trabalho dos antiquários, incluía a história entre seus objetos, e a concepção romântica de literatura” (LIMA, 1997.p. 128).

Apesar de sua obra possuir características únicas, ela é repleta de referências e inspirações que podem ser percebidas em uma análise comparativa com clássicos da literatura mundial, como nos mostra Galvão ao identificar as semelhanças entre o *Os Sertões* e a *Ilíada* de Homero. Em ambos “Temos aí um épico que também é trágico” (GALVÃO, 2009, p.45).

Desde que Homero mostrou na *Ilíada*, com isso marcando todo o desenvolvimento da literatura, a tragédia que é a ruína do inimigo e a dignidade do vencido massacrado, neste sentido se pode dizer que o tema de *Os sertões* é a *menis* ou a cólera. E se lá o que se canta é a cólera de Aquiles - o herói -, em *Os sertões* é Euclides quem canta sua própria cólera, o que é um notável deslocamento. Mas, em ambos os casos, é um canto da *menis* (GALVÃO, 2009, p.44).

Em outro exemplo de análise comparativa, Galvão (2009) apresenta semelhanças entre *Os Sertões* e a *Bíblia*. Em *A Terra* – primeira parte do livro – Euclides enfatiza que os aspectos físicos exercem um papel determinante na formação dos homens, assim como Deus determina os acontecimentos que deu origem a todas as coisas para a Bíblia. Já *A Luta* – última parte do livro – é comparada ao *Apocalipse*, devido ao caráter trágico com que ambas apresentam o fim de suas narrativas.

¹² Movimento modernista repercutiu fortemente sobre a cena artística e a sociedade brasileira na primeira metade do século XX, sobretudo no campo da literatura e das artes plásticas.

[...] um esquema determinista que mimetiza a Bíblia, um Apocalipse com Gênesis porém sem redenção, uma demanda em que o herói é o autor, um diálogo escrito pelo simposiarca de convivas ausentes, um canto do bode entoadado pelo verdugo (GALVÃO, 2009, p.45).

Sevcenko (1999) indica que em Euclides múltiplos universos literários se misturam com o mesmo peso: o romantismo, o idealismo, o cientificismo, o naturalismo e o materialismo. O autor aponta que poucos na história se arriscaram a tamanho sincretismo de estilos.

[...] Euclides da Cunha possui igualmente vivos em si, com o mesmo calor, exatamente os dois mundos que se negam um ao outro, que só poderia sobre existir um à custa da morte do outro. Eram dois tempos, duas idades que se opunham pela própria raiz da sua identidade: o século XIX literário, romântico e idealista; e o século XX, científico, naturalista e materialista (SEVCENKO, 1999, p. 133).

Outro ponto de destaque em sua obra se refere ao realismo como escolha temática, demonstrando certa aversão à ficção em seus escritos, “[...] ao passo que a concretização textual a realiza sob a condição de a “camada” poética assumir o lugar de ornamento” (LIMA, 1997, p. 138). Apesar do romantismo presente em sua narrativa, ela a utiliza como recurso para enfatizar a realidade descrita. “Esse realismo premeditadamente intoxicado de historicidade e presente é uma das características mais típicas de sua literatura [...]” (SEVCENKO, 1999, p.131).

Euclides porém não era sensível somente ao evangelho dos mestres do romantismo no campo das correntes literárias. Averso como sempre foi à "ficção das escolas literárias", sua produção assinalava uma verdadeira composição de estéticas concorrentes, adstritas a uma mesma pena (SEVCENKO, 1999, p. 133).

Um aspecto que até hoje gera polêmica entre os estudiosos de Euclides está relacionado à indefinição de sua obra entre literatura e ciência. “No caso específico de *Os sertões*, o status de cientificidade da obra tem que conviver com seu status literário e, mais comumente, os dois concorrem pela predileção dos críticos” (MURARI, 2007, p.40). Apesar das tentativas de classificação literária – que se mostraram insatisfatórias –, alguns estudiosos defendem a tese de que sua obra teve propósitos cientificistas, ao passo que os recursos literários serviram de ornamentos para acentuarem suas afirmações.

Embora próxima, nem toda concepção pragmática da ciência há de constituir um cientificismo. Assim, só se dá quando persegue uma ambição totalizante. Como é usual no século XIX, o pragmatismo de Euclides é declaradamente cientificista (LIMA, 1997. P 151).

Em discordância com a visão de Costa Lima, Freyre afirma que “[...] Na obra de Euclides da Cunha predominaram as virtudes artísticas sobre as científicas” (FREYRE, 1987, p. 66). O autor defende então a classificação do texto euclidiano enquanto um “ensaísmo literário”, devido ao caráter híbrido entre os gêneros textuais e por apresentar especulações arriscadas para uma proposta limitada pelo cientificismo.

Foram estudos que sua presença, arcou de modo tão notável como marcou as letras nacionais: o ensaísmo literário que, sob a reorientação que ele deu a esse gênero de expressão ganhou novas perspectivas em língua portuguesa. Tão novas que talvez não haja exagero em falar-se de um tipo euclidiano de ensaio.

Diz-se da ciência que é a analítica retórica e impessoal, enquanto a arte é sintética, prática e pessoal, além de orgânica (FREYRE, 1987, p. 66).

Nesse ponto é passível fazermos um paralelo com a perspectiva defendida por geógrafos como Ratzel (2010 [1904]), quando afirmam que “A ciência não é suficiente para entender a linguagem da natureza”, propondo um “lado mais artístico da geografia”

(RATZEL, 2010, p. 157). A ciência e a arte são vistas com o mesmo objetivo de interpretar a realidade, por isso necessitam de artifícios visuais e literários para alcançarem o êxito de suas propostas, buscando corrigir seus erros a partir da observação e das experiências repetidas. Dessa forma, eles defendem que o diálogo entre os dois campos é de fundamental importância para o melhor desenvolvimento de ambos.

Sobre essa questão, Lima aponta suas divergências “[...] dessa idéia de literatura como ornato dependente da realidade” (LIMA, 1997, p. 144) presente no pensamento de Freyre. Entendendo que a prática da ornamentação do discurso é anterior à própria prática literária, ele defende a cientificidade do texto euclidiano apesar da presença demasiada de ornatos. Contudo, em sua afirmação de que “[...] *Os Sertões* tornou-se e se mantém o paradigma deste modelo. Para continuar sua tranqüila vigência, o modelo precisa não ser explicitado” (LIMA, 1997, p. 144), corroborando com Freyre. “A verdade é que é livro complexo: notável como literatura e notável como ciência: ciência ecológica e ciência antropológica e até sociológica. Mas sobretudo obra de literatura. Obra de revelação” (FREYRE, 1987, p. 54,55).

Outro aspecto que gera discussão sobre o texto euclidiano se refere ao seu caráter ensaístico. A facilidade com que o Euclides passeia entre argumentos científicos e ornamentos literários possibilitam uma escrita que envolve o leitor em uma atmosfera argumentativa que se tornou sua identidade. Segundo Murari (2007, p. 39), “O caráter ensaístico de que se revestiu grande parte da produção intelectual da época” corrobora a perspectiva de uma proximidade entre a ciência e a arte, permitindo aos escritores especular, teorizar e criar narrativas híbridas entre ficção e realidade. “Torna-se assim possível ler críticas e histórias da literatura sem falar, especificamente, de literatura” (*idem*, p.39).

Alguns euclidianos classificam sua narrativa enquanto relato de viagem. Essa perspectiva é defendida pelo fato de Euclides escrever *Os Sertões* mantendo seu distanciamento com o objeto, como um viajante que registra suas impressões sem interagir com aquela realidade. “Acredita-se, assim, poder compreender a obra como Hartog faz como as *Histórias* de Heródoto como um relato de viagem, que, buscando fazer crer no “outro” que apresenta, produz uma *retórica da alteridade*” (MURARI, 2007, p 26).

Mesmo possuindo referências a estilos e gêneros textuais variados, Euclides esteve sempre atento à coerência narrativa do seu texto, seguindo com rigor os preceitos linguísticos que traçará: “Não há, a bem dizer, variações sociolinguísticas na prosa do autor de *Os Sertões*. Seus textos seguem o mesmo estilo altamente elaborado do começo ao fim, compondo um bloco monolítico, sem flutuações [...]” (SEVCENKO, 1999, p.131). Apesar dessa firmeza discursiva, Euclides prova sua capacidade linguística ao passear por variados gêneros mantendo sua coerência textual.

Na naturalidade com que se movia no interior desses gêneros, dispunha como processos literários da narrativa e do verso, marcados pela utilização de recursos elocutórios, de uma linguagem cuidadosamente selecionada e trabalhada e trabalhada, de uma ironia sutil e superior. Há contudo ainda algo de absolutamente original na sua linguagem e no seu realismo, procedente em particular do seu estilo narrativo (SEVCENKO, 1999, p. 134).

Apesar das análises que defendem a classificação do discurso euclidiano entre os quadros da literatura, é notório perceber sua relevância para o campo científico “[...] ordenado por sua apropriação de um conhecimento já bastante difundido socialmente, e pela sua inserção em debates correntes em sua época” (MURARI, 2007, p.27). Em *Os Sertões* identificam-se diversos exemplos desse traço, como na metodologia implementada para construir a narrativa de *Os Sertões*, dividida em três partes: A Terra, O Homem e A Luta, inspiradas no esquema utilizado pelo historiador Hippolyte Taine (1828-1893).

Os três fatores do esquema taineano- meio, raça, momento-, assim como os conceitos científicos de que dispõe o autor descrevê-los – são preciosos porque agem, como os personagens do mundo grego do saber, como *operadores de*

inteligibilidade [que] servem para classificar, ordenar os fenômenos; eles ajudam a pensar o mundo, quase como instrumento do pensamento, ferramentas lógicas (MURARI, 2007, p.27).

Para Murari, o cientificismo de Euclides é justificado pelo contexto no qual ele se insere – final do século XIX e início do XX – quando a ciência ganha notoriedade e provoca “[...] um fenômeno intelectual à altura de todo este entusiasmo” (MURARI, 2007, p. 35). Empolgados com sua capacidade de encontrar explicação para variados fenômenos, a ciência acabou por se tornar uma “[...] generalização da metáfora orgânica, que promovia a incorporação racional das ciências do homem às ciências da natureza” (*idem*, p.36). Daí a necessidade das ciências humanas terem que se basear em fundamentos das ciências naturais, gerando assim “[...] uma máquina auto-regulada cujo mecanismo poderia ser desvendado pelas regras e métodos da ciência, generalizou-se e foi suficiente para fazer da ciência uma nova metafísica” (*idem*, p.35).

Para Lima (1997, p. 20), “[...] A literatura é subordinada aos hábitos do engenheiro” de Euclides. De fato sua cientificidade é fruto de sua formação eclética adquirida no curso de engenharia. Muitos dos que tiveram passagem pela mesma formação também demonstram uma desenvoltura intelectual de destaque, a exemplo de Lima Barreto, Vicente Licínio Cardoso, André Rebouças, entre outros¹³. Um fato comum entre os que se formaram em engenharia nesse período era o olhar para o interior do Brasil, como aponta Costa Lima ao citar Afrânio Peixoto: “Euclides da Cunha foi o primeiro bandeirante dessa *entrada* nova pela alma da nacionalidade brasileira” (LIMA, 1997, p. 20).

Outra questão permanente nas análises dos textos de Euclides são os dualismos entre termos opostos como: civilização e barbárie, fé e ciência, natureza e cultura, sertão e litoral. São esses conflitos conceituais que norteiam sua obra. “[...] uma longa lista de oposições que, na razão ocidental, separam o horizonte da modernidade daquele universo, tão romantizado quanto temível, da tradição” (MURARI, 2007, p.23). Para Euclides, a solução para os dilemas da sociedade, em especial a brasileira, estava na resolução desses dualismos temáticos, com a integração entre o sertão e o litoral, o combate ao fanatismo religioso com argumentos científicos e o fim da barbárie com o avanço civilizatório.

Entre os euclidianos existe uma unanimidade no que se refere ao sertão enquanto sua temática mais relevante. Segundo Galvão, o sertão está presente na vida de Euclides desde a adolescência, quando escrevia poemas sobre o tema: “Pode ser como mera rima para alexandrinos terminados na mais fácil das rimas da língua, aquela em *ão*, o que ocorre no poema “Eu quero”, de 1883, no qual se expressa um voluntarismo juvenil” (GALVÃO, 2009, p.53). Fadel Filho (2011)¹⁴ escreve um artigo onde ele apresenta a origem do termo sertão¹⁵, indicando como sua concepção foi alterada no Brasil após o sucesso do livro de Euclides. Nele o autor defende que o termo passou a ocupar o imaginário popular enquanto sinônimo do bioma da caatinga. Esse é um dos exemplos que mostram o impacto que a literatura euclidiana teve na sociedade brasileira.

Outro fato sobre sua obra que deve ser mencionado diz respeito à sua influência no surgimento do “[...] romance regionalista de 1930 e o nascimento das ciências sociais no país na década de 1940” (GALVÃO, 2016, p. 617). Inspirados em sua abordagem sobre o sertão,

¹³ Os três intelectuais citados tiveram passagem por escolas militares – o primeiro não chegou a completar os estudos –, onde além de estudarem para a função de engenheiro, recebiam grande acúmulo de conhecimento por conta do currículo eclético baseado na escola francesa de engenharia (MAIA, 2008).

¹⁴ David Antonio Fadel Filho foi professor do Departamento de Geografia da UNESP/Rio Claro, dedicando boa parte dos seus esforços acadêmicos ao estudo da relação entre Euclides da Cunha e a Geografia.

¹⁵ Segundo Fadel Filho, o termo sertão originalmente é usado como sinônimo de interior de um continente ou terras distantes do litoral (FADEL FILHO, 2011).

autores como Graciliano Ramos (1892-1953), Guimarães Rosa (1908-1967) e João Cabral de Melo Neto (1920-1999) utilizaram essa mesma temática para desenvolverem suas histórias fictícias, corroborando na construção do imaginário sobre o interior brasileiro iniciada por Euclides. O mesmo ocorre com as ciências sociais que partem das prerrogativas euclidianas para criarem argumentos sociológicos para entenderem o Brasil, com destaque para os trabalhos de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior¹⁶.

Ainda mais, o modernismo vai dar continuidade a algumas das preocupações de Euclides com os interiores do país e com a repulsa à macaqueação europeia nos focos populacionais litorâneos. Partilha igualmente com ele a reflexão sobre a especificidade das condições históricas do país, na medida em que já em *Os sertões* Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornarão centrais na produção intelectual e artística do século xx, ao debruçar-se sobre o negro, o índio, os pobres, os sertanejos, a condição colonizada, a religiosidade popular, as insurreições, o subdesenvolvimento e a dependência. Aí ficam suas raízes não só o modernismo mas também o romance regionalista de 1930 o nascimento das ciências sociais no país na década de 1940 (GALVÃO, 2009, p. 28).

O levantamento realizado acima demonstra o quanto o texto de Euclides da Cunha representa um exemplo de escrita original e capaz de gerar embates inesgotáveis acerca da sua classificação entre os gêneros textuais e movimentos literários. Contudo a abordagem que será defendida aqui irá enfatizar o aspecto científico de sua obra, destacando a importância dos conhecimentos geográficos como base argumentativa.

1.3. Relações entre Euclides da Cunha e a Geografia

Como vimos no subcapítulo anterior, a obra de Euclides da Cunha possui grande valor para o conhecimento científico brasileiro. Seus escritos retratam a tensão de um país em plena transformação político-social, todavia repleto de barreiras que dificultavam o seu desenvolvimento. Esse momento coincide com o surgimento da Geografia enquanto ciência moderna preocupada em entender e situar o papel do homem na nova configuração do “sistema-mundo” adquirida a partir do avanço técnico que emergia nesse período (PORTO-GONÇALVES, 2003, p. 15). A proposta desse item é o de esclarecer a relação de Euclides com essa ciência geográfica que surgia em seu contexto, defendendo a hipótese de que esta cumpriu um papel fundamental em seus objetivos políticos e intelectuais.

A Geografia é uma ciência que vêm acumulando conhecimentos ao longo da história humana, uma vez que “Partimos do pressuposto de que não existe sociedade a-geográfica [...] a geografia é uma necessidade histórica e, assim, uma condição de sua existência” (PORTO-GONÇALVES, 2003, p. 9). Apesar do período entre o século XIX e XX ser considerado o momento da consolidação da Geografia enquanto ciência moderna e disciplina acadêmica autônoma, ela vem sendo uma importante ferramenta de compreensão e atuação do homem no mundo ao longo do tempo. Esses conteúdos herdados passaram a ser organizados com base nos modelos deixado por essa geração de geógrafos que vieram antes da modernidade, destacando temas como a forma da Terra, as zonas climáticas entre outros que apontavam para uma Geografia baseada na descrição dos aspectos físicos do globo.

Depois da Renascença, o modelo de Ptolomeu foi adotado pela maioria dos geógrafos sob a forma de cosmografias, seguindo do mesmo esquema geral. A conduta consistia em uma discussão sobre a criação do mundo, a forma da Terra, os círculos, as zonas climáticas e alguns temas relativos à física do globo (as montanhas, os vulcões, as inundações etc.). Todas essas cosmografias, ou cosmogonias, pareciam com aquelas da Antiguidade. Contudo, elas procuravam

¹⁶ Esses intelectuais dedicaram suas produções acadêmicas a formulação de uma teoria para a formação do povo brasileiro e a construção do nosso país enquanto nação (CARDOSO, 2013).

enriquecer-se com novos dados e por uma maior precisão, exigências advindas no período pós-renascentista. Estes estudos tinham uma dupla consequência: reforçar o mesmo modelo conhecido há muito tempo e produzir uma *Imago Mundi* moderna (GOMES, 2010, p.128, 129).

A Geografia Moderna surge então para ajudar o homem moderno a lidar com o problema de um espaço ampliado, mas ainda não moldado, uma vez que nesse período as relações econômicas e culturais ganharam a dimensão total do mundo e a humanidade necessitava desenvolver formas de melhor usufruir dessa nova perspectiva. As questões que floresceram nesse contexto serviram de motivação para os intelectuais da época e a Geografia passou a exercer um papel central nesse processo. É nesse contexto que surgem geógrafos como Ratzel (1844-1904) e Vidal de la Blache (1845-1918) considerados como fundadores de uma Geografia Humana ao buscar entender os fatores que produzem a diferenciação entre os povos, atribuindo grande importância aos elementos naturais nesse processo.

A influência desses geógrafos no darwinismo social¹⁷ é evidente, uma vez que esses buscaram entender os motivos para a difusão e diferenciação dos homens na Terra a partir das mesmas premissas utilizadas para explicar esse processo entre os demais seres vivos. Cabe destacar que essa perspectiva possui grande similaridade com a elaborada pelo filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903) que buscou entender a humanidade a partir de esquemas de desenvolvimento evolutivo e pela similaridade entre as sociedades e os organismos biológicos (COSCIANI, 2018, p. 353).

É dessa forma que surge a noção ratzeliana em que “o Estado constitui-se como organismo ligado a uma fração determinada da superfície da terra” e onde um determinado povo produz sua história (RATZEL, 2011[1897], p 62). Assim, elementos como religião, vontade de potência e recursos naturais oferecidos pelo solo são o que determinam se um Estado será mais ou menos civilizado.

O Estado é um organismo não somente porque articula a vida do povo sobre a fixidez do solo, mas porque esta relação reforça-se por reciprocidade, ao ponto que formam não mais do que um único ser e que não se possa mais pensar em um sem o outro. Solo e povo alcançam esta situação, na medida em que possuem as características necessárias para a ação de um sobre o outro. Um solo inabitável, impotente para alimentar um Estado, é um desperdício histórico. Um solo habitável favorece, pelo contrário, o desenvolvimento do Estado, sobretudo se for limitado de fronteiras naturais. Se um povo encontra-se naturalmente estabelecido sobre o seu território, ele se reproduz constantemente com os caracteres oriundos do solo que se inscrevem e que continuarão a se inscrever nesse povo (RATZEL, 2011[1897], p 62).

O mesmo ocorre com Vidal de la Blache em sua Geografia baseada em leis gerais que “se traduz por afinidades de formas ou climas que, sem alterar a individualidade própria de cada área, marca-a com características análogas” (VIDAL DE LA BLACHE, 1896, p. s/n). Mesmo corroborando com um olhar organicista das dinâmicas sociais, sua abordagem foi influenciada por um contexto de significativos avanços técnicos e disputas territoriais – em uma França com o desafio de manter seus domínios imperiais –, apresentando uma geografia preocupada com a relevância dos aspectos sociais, econômicos e políticos na história mundial (RIBEIRO, 2012). Assim, tanto Vidal quanto Ratzel entendiam os agentes naturais enquanto

¹⁷ Corrente filosófica que utiliza as idéias do naturalista, geólogo e biólogo britânico Charles Robert Darwin (1809-1882) como a “seleção natural” e da “teoria da evolução das espécies” – publicadas em *A origem das espécies* (1859) – como modelo epistemológico para a interpretação da sociedade (COSCIANI, 2018).

estruturas que o homem tinha que lidar e que o impulsionavam para o desenvolvimento de técnicas que sobrepujassem seus limites.

Vale salientar que esses geógrafos produziram um conhecimento a serviço das necessidades dos seus respectivos Estados, negligenciando visões alternativas acerca dos agentes que moldam as sociedades que surgiam nesse contexto, incluindo os trabalhos de Elisée Reclus (1830-1905) e Pëtr Kropotkin (1842-1921). A Geografia produzida por eles foi capaz de subverter a tradição dessa ciência ao ser utilizada em prol de uma sociedade mais justa, a partir de uma atuação que pensava a educação enquanto a principal ferramenta mobilização social (FERRETI, 2018).

A rede dos geógrafos anarquistas travou essa batalha construindo teorias sobre a solidariedade e o federalismo, difundindo os ideais da tolerância e um saber não dogmático, organizando a propaganda de ideais avançados e mobilizando esses conceitos no âmbito da instrução e da educação popular. (FERRETI, 2018, p. 5).

Como vimos anteriormente, as perspectivas geográficas que aparecem com o advento da ciência moderna estavam dedicadas ao entendimento dos fenômenos sociais a partir da sua relação com os agentes naturais. Esse pensamento ultrapassou os limites do continente europeu, a exemplo de Ellen Semple (1863-1932), geógrafa norte-americana com clara inspiração na antropogeografia de Ratzel (COSCONI, 2018). Da mesma forma, as possibilidades de interpretação da realidade dessa Geografia também se fizeram presente entre muitos dos intelectuais brasileiros na virada do século XIX para o XX.

De fato, o pensamento geográfico esteve presente nos debates sobre a natureza físico-climática do território, a adaptação do indivíduo ao meio, as características raciais dos habitantes e as possíveis consequências desses aspectos sobre a formação social do povo brasileiro. Em síntese, a questão principal era o estabelecimento do potencial dos limites da natureza física social e política do país diante das idéias programáticas do "progresso". Dela emerge como questão subordinada, mas não menos importante, o papel da imigração européia na mudança da composição étnica da população – majoritariamente negra e mestiça, e como elemento (des)organizador da estrutura sócio-espacial do país (MACHADO, 1995, p. 310-311).

Durante esse contexto surgem institutos e sociedades dedicados à produção de conhecimentos geográficos que servissem aos propósitos das novas ambições do país, destacando-se o IHGB¹⁸ e a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (SGRJ)¹⁹. Esses institutos eram compostos por sócios “[...] desde políticos e proprietários de terra (a maior parte de seus sócios) até literatos ou pesquisadores de renome” (SCHWARCZ, 1993, p. 104). No caso do primeiro – apesar da majoritária produção relacionada a conteúdos históricos –, 18% dos 1862 textos publicados pelo instituto foram dedicados a temáticas geográficas, demonstrando uma produção significativa que abordavam principalmente “as questões territoriais e de demarcação de limites” (*idem*, p. 110).

Entre os exemplos presentes em revista trimestral, destacam-se os trabalhos “Descrição geographica abreviada da capitania do Ceará pelo coronel de engenheiros Antônio José da Silva Paulet” (PAULET, 1897) e o relatório produzido pela comitiva do exército em sua “Excursão ao Salto da Guahyra ou Sete Quedas, pelo capitão Nestor Borba – Notas e considerações gerais, pelo engenheiro André Rebouças” (BORBA & REBOUÇAS, 1898). Ambos produzem conhecimentos geográficos pautados em uma análise descritiva do

¹⁸ (...) fundado em 1838, aparece aos olhos de um sem-número de estudiosos como Freeman (1961) e Capel (1981), como sendo a congênere mais conhecida e importante no Brasil de tantas quantas houvesse espalhadas pelo mundo (SOUSA NETO, 2001, p. 132).

¹⁹ Sociedade fundada em 1883 e que, apesar de levar o nome da capital do país na época, tinha um caráter nacional em suas produções, tanto que já em 1946 tem seu nome alterado para SBG (Sociedade Brasileira de Geografia) (SOUSA NETO, 2001).

objeto em ênfase, partindo de uma abordagem dos aspectos físicos – apresentando as características geológicas, climatológicas, do relevo, flora etc. – para em seguida relacioná-los aos aspectos humanos local, destacando as manifestações culturais, as atividades econômicas, entre outras ações sociais. Tais textos simbolizam a influência que os geógrafos brasileiros desse período se apropriavam da mesma concepção vigente na Geografia produzida no continente europeu no contexto entre a virada do século XIX para o XX, visando entender as realidades regionais sob o mesmo pretexto da relação entre o homem e a natureza.

Essa tendência pode ser observada em intelectuais como “[...] Silvio Romero, Euclides da Cunha e Manuel de Oliveira Viana [...] comumente citados pelos geopolíticos militares e civis como precursores de uma interpretação nacionalista do território brasileiro” (MACHADO, 2000, p. 316). A maior parte deles eram formados nas escolas militares e possuíam graduação em uma engenharia, com destaque para as Escolas Politécnicas do Rio de Janeiro e a Escola Superior de Guerra em São Paulo.

A criação da Escola Politécnica é considerada um marco na história científica do país. Criada a partir da Escola Central, que por sua vez havia sido gerada na Escola Militar, a Politécnica organizou-se com base no modelo francês, que privilegiava a formação enciclopédica dos engenheiros. Nessa chave, os politécnicos não seriam especialistas, mas membros de uma elite científica com capacidade para operar em várias frentes e assumir distintos papéis na vida pública (MAIA, 2008, p. 93-94).

É compreensível entender o porquê dos engenheiros brasileiros terem essa capacidade de produzir argumentos geográficos autônomos e de qualidade. Além de um currículo eclético que dialogava estudos das áreas físicas, naturais e humanas, esses intelectuais eram acostumados a participarem de expedições para o interior do país – região que possuía as maiores demandas de infra-estrutura –, demonstrando habilidades singulares em suas análises de campo. Outro fator relevante se refere à fluência dos alunos de engenharia nos principais idiomas onde a ciência moderna se desenvolveu, como alemão, francês e inglês. Toda essa qualidade de formação proporcionou a esses profissionais ocuparem cargos públicos como secretarias e ministérios. O somatório dessas habilidades proporcionou a esses profissionais os instrumentos necessários para a produção geográfica.

A presença dos engenheiros nas áreas de estudos sociais, do pensamento político, da produção de obras pedagógicas, no exercício de cargos administrativos em instituições escolares ou entidades e associações corporativas, ou, então, assumindo o trabalho executivo de implementar as reformas da instrução em cursos explica-se, de um lado, pela formação humanista, e, de outro, pelas transformações por que passava o mercado de postos destinados aos detentores de diplomas superiores. Ante as resistências que vinham encontrando os projetos que visavam introduzir as ciências sociais no currículo de cursos jurídicos, os engenheiros dispunham de um mínimo de aptidões culturais para se lançar em novas especializações do trabalho intelectual, tidas como carreiras subalternas, incapazes de atrair os bacharéis em direito e desviá-los das carreiras tradicionais (a representação parlamentar, a magistratura, o magistério superior, o jornalismo) (MAIA, 2008 p. 100).

É nesse contexto de uma Geografia que busca compreender a sociedade como organismo em similaridade os demais seres vivos existentes na superfície terrestre e de uma produção científica realizada por um grupo seletivo que Euclides da Cunha surge no cenário nacional. Todavia, para uma maior compreensão dos motivos que tornaram possíveis a sua ascensão como escritor e cientista prestigiado, será realizado um breve levantamento sobre sua formação acadêmica e atuação profissional, destacando sua atuação no Itamarati e os trabalhos destinados à região amazônica.

1.3.1. Euclides da Cunha no contexto científico e político nacional

Euclides nasceu em 20 de janeiro de 1866 na Fazenda Saudade, município de Cantagalo, na então Província do Rio de Janeiro, filho de Eudóxia Moreira da Cunha e Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha. Após o falecimento de sua mãe em 1869, vítima de tuberculose, ele passa a morar na casa de parentes por toda sua infância e adolescência, residindo respectivamente em Teresópolis, São Fidélis e Salvador entre os anos de 1870 e 1879, até que se muda para a cidade do Rio de Janeiro (DANTAS, 2002 [1967], p. 611-612).

Já adolescente Euclides ingressa no Colégio Aquino entre 1883 e 1884, onde tem aula com o professor Benjamin Constant (1836-1891), personagem de extrema importância nas transformações políticas em vias de acontecer no Brasil. Nessa fase, ele passa a escrever poesias e prosas, além de fundar com mais sete alunos o jornal *O Democrata* em abril de 1884, iniciando assim sua carreira amadora de jornalista. Por influência desse professor, Euclides matricula-se na Escola Politécnica situada na Escola Militar da Praia Vermelha, onde teve acesso a um ensino de grande valor para a sua formação intelectual (GALVÃO, 2009).

No ano de 1888, Euclides tem sua carreira militar interrompida por um ato de indisciplina ao protagonizar um protesto contra o regime monárquico vigente no Brasil na frente de Tomás Coelho – então Ministro da Guerra – em um desfile militar em sua homenagem, o que provocou sua expulsão da Escola Militar e do exército. Esse episódio demonstra o contexto tenso no qual ele se encontrava, pois esses alunos compunham uma elite intelectual – mas não econômica – influenciada por ideais republicanos e latentes por mudanças político-sociais no país (GALVÃO, 2009, p. 123).

Após o ocorrido, Euclides muda-se para São Paulo, onde passa a atuar exclusivamente como jornalista para o *Jornal Província de São Paulo*. Contudo, quatro dias após a Proclamação da República (15 de novembro de 1889), ele é convidado por Benjamin Constant – agora Ministro da Guerra – para reintegrar seu vínculo com o exército e a Escola Politécnica, estudando por um ano até se transferir para a Escola Superior de Guerra em 1890, onde completa sua formação como engenheiro, bacharel em matemática, ciências físicas e naturais, além de ser promovido a 1º Tenente em 9 de janeiro de 1892 (GALVÃO, 2009, p. 124). Nessa fase, Euclides passa a atuar em duas frentes, como jornalista e engenheiro a serviço da Diretoria de Obras Militares, atuando, por exemplo, na construção de trincheiras durante a Revolta da Armada²⁰ em 1893 e na edificação de um quartel na cidade de Campanha – Minas Gerais – em 1894 (*idem*, p. 126-127).

No decorrer dos anos seguintes, Euclides passa por um importante processo de amadurecimento intelectual ao unir todo o conhecimento advindo de sua formação acadêmica com as novas experiências profissionais, além de se tornar figura presente entre os grupos de discussão política. Convidado pelo *Jornal Estado de São Paulo* para ser correspondente da Guerra de Canudos (ocorrida entre 7 de novembro de 1896 a 5 de outubro de 1897) entre 4 de agosto e 17 de outubro de 1897, ele é enviado para Salvador, seguindo para Queimadas e posteriormente para Monte Santo – cidade utilizada pelo exército como base para as ações em Belo Monte-Canudos –, onde acompanha a fase final do conflito e consegue o material empírico utilizado para a construção de sua principal obra, *Os Sertões* (CUNHA, 2003[1939]).

Após seu retorno de Canudos, Euclides passa a morar em São José do Rio Pardo, onde trabalha na Secretaria de Obras da cidade e se dedica aos estudos necessários para a produção de *Os Sertões*. O livro é finalizado em 1900 e publicado em dezembro de 1902 pela Livraria Laemmert no Rio de Janeiro, recebendo críticas positivas de intelectuais de renome como

²⁰ Movimento de rebelião promovido por unidades da Marinha brasileira no ano de 1893 contra os dois primeiros governos republicanos que estavam tomando feições de uma ditadura militar (GALVÃO, 2009, p. 126).

José Veríssimo (1857-1916), Araripe Júnior (1848-1911) e Sílvia Romero (1851-1914) que apontaram os méritos do seu estilo de escrita e dos conhecimentos impressos em sua obra. O sucesso de *Os Sertões* o rende grandes honrarias, sendo eleito para a Cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras em 21 de setembro de 1903 e tomando posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 20 de novembro do mesmo ano (DANTAS, 2002 [1967], p. 615).

Nesse período, Euclides já revelava seu interesse pela região amazônica e em especial o Acre – palco de disputas territoriais entre Brasil, Peru, e a Bolívia –, publicando pelo *Jornal do Commercio* o livro *Peru versus Bolívia* em maio 1904. Em seguida, o ministro das Relações Exteriores barão de Rio Branco (1845-1912) o nomeia chefe da comissão brasileira de reconhecimento do Alto Purus em agosto de 1904, com a missão de fazer o levantamento cartográfico do rio e de suas nascentes. Seguiu então para Manaus em dezembro de 1904 e em 5 de abril de 1905 iniciou sua expedição, em uma viagem de mais de seis meses repleta de dificuldades, passando fome devido ao naufrágio do barco com mantimentos, contraindo febre e doenças e tendo alguns dos seus homens periclitados até chegar à cabeceira do rio Purus (ROSSO, 2009, p. 43-44).

Ao retornar para o Rio de Janeiro em 18 de dezembro de 1905, Euclides passa a integrar o Gabinete do barão de Rio Branco e escreve junto com outros membros de sua comitiva o *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*, documento com informações inéditas sobre a região, permitindo ao barão de Rio Branco resolver as questões fronteiriças com o Peru em setembro de 1909 (CUNHA, 1994[1906]). Outros textos foram dedicados à temática amazônica entre 1904 e 1909, com destaque para os artigos *Conflito inevitável*, *Brasileiros*, *Contra os caucheiros*, *Entre o Madeira e o Javari*, publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* e depois integrados à coletânea *Contrastes e Confrontos* de 1907, além de *Rio abandonado: o Purus* – publicado na Revista do IHGB em setembro de 1904 –, *Entre os seringais* – pela revista *Kosmos* em janeiro de 1906 – e *A transaccreana*, que fizeram parte do livro *A Margem da história*, lançado postumamente em 1909 pela livraria portuguesa Chardron (ROSSO, 2009, p. 88-89).

No ano de 1909, Euclides busca novos rumos para sua carreira profissional, sendo aprovado para o cargo de professor de lógica no Colégio Nacional – atual Colégio Pedro II –, onde leciona entre 21 de julho e 13 de agosto. Contudo, em 15 de agosto deste ano ele acaba sendo assassinado em um duelo como o cadete Dilermando de Assis, amante de sua esposa Anna Emília Ribeiro da Cunha, em um dos casos mais famosos de crime passionais ocorrido no Brasil, interrompendo a carreira de um dos principais intelectuais da nossa história (GALVÃO, 2009, p. 136).

Ao longo de sua vida, Euclides protagonizou eventos de extrema relevância em um país marcado por transformações significativas nos aspectos políticos e sociais, destacando-se entre os profissionais da sua área com trabalhos de qualidade e autênticos. Um exemplo pouco explorado da sua contribuição está em seus estudos acerca da Amazônia e em especial sobre a região do Alto Purus. Assim, o capítulo será finalizado com a apresentação e análise do texto *A Geografia do Alto Purus*, presente nas *Notas Complementares* do relatório escrito por ele após a expedição ao Alto Purus, com o intuito de utilizá-la como um dos indicadores da relevância e características da ciência geográfica presentes em sua obra.

Nesse texto, Euclides promove uma descrição geográfica da região a partir de três grandes divisões temáticas: a primeira direcionada à demarcação dos limites e caminho percorrido pelo Rio Purus, citando dados das expedições anteriores e comparando com os levantados por sua comitiva. A segunda, intitulada *O Povoamento*, é composta por suas especulações sobre a população que lá habitam e as atividades econômicas de destaque no lugar. A terceira, intitulada *A Navegabilidade*, é abordada as dificuldades de navegação no trecho do rio Purus devido à irregularidade e declividade da região. As duas primeiras

possuem a mesma proposta de subdivisão, em duas partes intituladas: *Da foz às cabeceiras*, que utiliza o recorte espacial referente à trajetória do rio até sua nascente; *Na cabeceira*, que analisa a região onde o rio nasce.

O texto inicia com uma crítica aos cronistas que promovem uma abordagem parcial da região amazônica, indicando que “Aos nossos antigos cronistas faltou sempre uma visão superior, de conjunto, permitindo-lhes abranger outras relações além da marcha linear dos roteiros que seguiam” (CUNHA, 1994, p. 140). Para exemplificar tais cronistas ele utiliza como referência o livro *Tesouro Descoberto no Máximo Amazônia* do Padre João Daniel (1722-1776) e a *Viagem filosófica* de Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815). Ainda sobre as descrições fantasiosas, Euclides menciona o Padre Cristóvão d’Acuña (1597-1670) como um dos primeiros registros sobre o Purus, caracterizando-o como um rio de fácil entrada e ocupado por tribos de gigantes que mediam dezesseis palmos de altura – por volta de 3,6 metros –, referindo-se especificamente a duas dessas tribos que habitam essas proximidades, “[...] a dos *curus-curus*, corruptela evidente de *purus-purus*, e a dos *curiquerês*” (*idem*, p. 141).

Saindo das referências imaginárias mencionadas acima, são citadas as contribuições do cartógrafo francês Guillaume de Lisle (1675-1726) – segundo Cunha (1994, p. 142), o primeiro geógrafo da Academia real de Ciências de Paris – que em 1703 desenha uma carta representando o rio Purus, indicando diversas nascentes localizadas na latitude 18°, para além de La Paz. Euclides aponta para esse e outros erros sobre o posicionamento da nascente do Purus, citando a carta produzida pelo astrônomo Antônio Pires da Silva Pontes Leme (1750-1805), o livro *Corografia brasílica* de Aires do Casal (1754-1821), o Professor James Orton (1830-1877), entre outros que se equivocaram nas demarcações do trajeto percorrido pelo Purus.

Diante de juízos tão contrapostos, compreende-se que a Royal Geographical Society, de Londres, comissionasse, em 1864, um de seus membros, William Chandless, para resolver o controvertido assunto, ou, como se usou dizer por muito tempo – o problema do Madre de Dios e do Purus (CUNHA, 1994, p. 143).

O geógrafo William Chandless é indicado por Euclides como a referência documental que mais se aproximou da realidade do Alto Purus, principalmente em função da valorosa contribuição de Manuel Urbano da Encarnação (1808-1897), desbravador da região que vinha participando em expedições para a região do Purus desde 1847.

[...] um cafuz destemeroso e sagaz, tinha, a par do ânimo resoluto e sobranceiro aos perigos, uma vivacidade intelectual, *a great natural intelligence*, no dizer de Chandless que muito contribuiu para a ascendente que teve sobre todas as tribos ribeirinhas, e para que se abrisse naquelas bandas um dos melhores capítulos da nossa história geográfica (CUNHA, 1994, p. 144).

Ainda sobre o caminho até as cabeceiras do Purus, Euclides enfatiza os trabalhos de outro explorador, o engenheiro Silva Coutinho (1843-1889), que em 1862 segue para a região a mando do então presidente da província do Amazonas – Dr. Carneiro da Cunha – para promover estudos sobre a hidrografia, a estrutura geológica, a flora e as propriedades do solo, além do levantamento das populações indígenas existentes no local.

Ainda sobre Chandless, Euclides destaca a precisão das leituras barométricas em um ambiente que oferecia grandes dificuldades para o manuseio do equipamento. Assim, suas medições da pressão atmosférica, altitude e declividade são dignas de elogios. “William Chandless dominou isolado (nem tinha quem lhe lesse o cronômetro) estas dificuldades” (CUNHA, 1994, p. 147). Apesar do valor dos dados levantados, Euclides indica por conta de uma decisão equivocada em relação ao caminho traçado pelo geógrafo o fez desviar de conclusões de extrema importância para uma real demarcação do Purus, como a independência de sua bacia “[...] que tantas vezes confundiram o grande afluente amazônico

com o Madre de Dios, como revelaria o fato geográfico” (*idem*, p. 149). Contudo, ele enfatiza a importância da expedição de Chandless que “[...] é ainda hoje a mais séria de quantas houve no Purus. As que se lhe sucederam em nada modificaram os resultados gerais” (*idem*, p. 149).

Euclides termina essa etapa do texto afirmando a importância de sua expedição de reconhecimento, “[...] sendo os seus resultados em grande cópia um complemento dos esforços daquele explorador” (CUNHA, 1994, p. 150), referindo-se às contribuições de Chandless.

Na parte intitulada “o povoamento”, o texto promove um levantamento dos habitantes daquelas paragens, indicando pontos de destaque em cada um dos exemplos mencionados. Para tanto, ele inicia citando as correspondências entre 1784 e 1786 que mencionam a presença “[...] do gentio mura [...] que pelo centro e lagos habita desde o Purus até o Juruá” (CUNHA, 1994, p. 157). Cabe salientar que a perspectiva euclidiana de civilização e barbárie fica aparente nessas passagens, em que os indígenas são tratados como selvagens a serem “[...] captados pelas gentes civilizadas” (*idem*, p. 157).

No caso do Purus, existia um intensificador para o processo civilizatório de seus habitantes, uma vez que a região apresentava “[...] incomparável riqueza de preciosas especiarias” (CUNHA, 1994, p. 157). Nesse sentido, Euclides apresenta cinco diretorias parciais estáveis citadas por Gabriel Guimarães – diretor geral dos índios no ano de 1866 – em seu relatório: Alto Purus, Ituxi, Tapauá, Arimã e Hiapuá. Nelas encontramos um exemplo da tentativa de adequação dos indígenas ao mundo civilizado (*idem*, p. 159).

O nome de Manuel Urbano é novamente enfatizado nessa parte do texto devido a sua capacidade de circular entre os ditos civilizados e os primeiros povoadores da região, estabelecendo bases para as práticas exploratórias.

Já lhe vimos o papel admirável como batedor de desertos. Mas a sua ação como fundador de povoados é maior, sendo ainda hoje tradicionais no Purus o seu atilamento e a sua pertinácia, a par de uma grande inteireza de caráter e uma bondade excepcional (CUNHA, 1994, p. 158).

Em seguida, Euclides cita uma série de tribos indígenas “não autóctones” que habitam a região, entre eles os *muras* e os *moxos* – expulso dos Andes pela expansão Inca –, os *jamamadis* fugidos “[...] das antigas bandeiras de resgate que os expeliram do Rio Negro”, os *hipurinãs* – que segundo Silva Coutinho apresentavam hábitos bem próximos dos *ubaias* do Paraguai –, os *canamaris* que, segundo Manuel Urbano, “[...] recordam-nos vivamente a envergadura rija e a *cusma* inconsútil dos *campas* que vimos nas cabeceiras”. Outras tribos são citadas, em especial os *pamaris* e *juberis* “[...] sob o nome geral de pupu-purus”, influenciando o nome que a localidade passou a ser conhecida (CUNHA, 1994, p. 159).

No processo civilizatório da região, Euclides menciona o impacto da navegação a vapor em 1869 na região “[...] progredindo em avançamento ininterrupto, uma poderosa vaga povoadora que ainda hoje não parou” (CUNHA, 1994, p. 160). A partir de então o texto apresenta dados estatísticos do crescimento das atividades econômicas da região, sobretudo a extrativista. Em um quadro comparativo das exportações praticadas no rio Purus e no Madeira entre 1881 e 1883 – destacando a extração da borracha, castanha, óleo de copaíba, pirarucu seco, salsaparrilha e cumaru –, Euclides deixa claro o contínuo avanço dessas práticas (*idem*, p. 161). Esse fato justifica o aumento gradativo de povoados como Itatuba, Parepi, Forte de Veneza, Nova Colônia, Açaituba, entre outros que viram suas habitações se multiplicarem durante a ascensão comercial.

Nessa última parte intitulada *a navegabilidade*, Euclides aponta para o que impede um desenvolvimento mais acelerado da região do Purus, indicando que apesar de alguns progressos como a instalação do telégrafo “[...] entre Manaus e a boca do Acre” (CUNHA, 1994, p.165) existem alguns pontos que devem ser melhorados, sugerindo o alargamento de

alguns dos trechos do rio para a passagem de embarcações maiores e a abertura de canais que encurtem os desvios provocados pelos meandros do rio (*idem*, p. 171).

Não precisamos prosseguir, demonstrando a necessidade, a urgência imperiosa e a vantagem, sob todas as formas incalculáveis, de uma navegação que em breve há de transfigurar as paragens por onde se alonga a mais dilatada diretriz da expansão de nosso território (CUNHA, 1994, p. 175).

De uma forma geral, o texto é um importante registro dos estudos geográficos de uma parte da região amazônica, promovendo um levantamento e revisão dos dados apresentados por expedições anteriores. Sua Geografia possui um caráter majoritariamente descritivo, mas que ao mesmo tempo apresenta uma concepção de homem atrelada ao darwinismo social, em que os povos originários da região são tratados como inferiores e passíveis de serem civilizados aos moldes da cultura ocidental. Assim, o texto se mostra um bom exemplo de como as idéias difundidas pela Geografia praticada pelos geógrafos europeus na virada do século XIX para o XX reverberavam entre nossos intelectuais, sendo Euclides um representante emblemático dessa ciência no Brasil.

A abordagem desse item teve como objetivo apresentar a extensão da obra euclidiana para além do tema na qual ela ficou mais conhecida, referentes ao episódio de Canudos e ao sertão nordestino, destacando seus trabalhos sobre a região amazônica e em especial a do Alto Purus. Feito isso, a dissertação parte para sua principal finalidade, que é a de se aprofundar nos estudos geográficos de Euclides da Cunha contidos nos textos dedicados ao sertão nordestino, utilizando como objeto empírico as cartas e telegramas presentes em *Diário de uma Expedição* (2003[1939]) e o livro *Os Sertões* (2002 e 2016 [1902]), que serão analisados respectivamente nos capítulos II e III.

CAPÍTULO II

A GEOGRAFIA NOS TEXTOS PRELIMINARES DE *OS SERTÕES*

O ano de 1897 foi de extrema importância para a trajetória de Euclides, pois é nesse momento que ele inicia suas pesquisas sobre o tema que se tornaria sua principal contribuição em termos científicos e sociais. Como foi dito anteriormente, ele atuava em duas funções nesse período, o de jornalista e de engenheiro militar. Tais ofícios eram em muitos momentos complementares, pois os conhecimentos adquiridos em sua experiência junto ao exército tornavam seus artigos e reportagens relacionadas a questões militares produtos de grande qualidade. Foi a partir desse currículo que Euclides começa o seu caminho intelectual em direção ao tema de Canudos.

O material que será analisado nesse capítulo terá como recorte temporal o ano destacado acima, composto por artigos, cartas e telegramas escritos por Euclides sobre Canudos. Esses textos são fruto do seu trabalho junto ao jornal *Estado de S. Paulo*, dividindo-se em duas fases: o período em que publica dois artigos sobre o tema ainda em São Paulo e quando ele é enviado ao Estado da Bahia pelo mesmo jornal para cobrir a Guerra de Canudos. Os artigos escritos na primeira fase estão presentes nas edições desse jornal dos dias 14 de março e 17 de julho, recebendo o mesmo título: *A Nossa Vendaia*. Já a segunda é composta pelas cartas e telegramas enviados por Euclides da Bahia para o jornal entre 7 de agosto e 14 de outubro e que serviram de material para a coluna diária publicada pelo jornal sobre o tema de Canudos. Esse material foi reunido postumamente por Antônio Simões dos Reis no ano de 1939, no livro publicado pela Livraria José Olímpio Editora, intitulado *Diário de Uma Expedição*.

O conteúdo apresentado por esses textos revelam um intelectual preocupado em criar argumentos científicos que justificassem suas conclusões sobre os motivos que proporcionaram os fatos que se dedicara a analisar. Esse material inaugura então as pesquisas de Euclides sobre os aspectos físicos, históricos e sociais influenciam e caracterizam o homem sertanejo, promovendo estudos detalhados sobre as espécies da fauna e da flora sertaneja, estudos geológicos, climatológicos etc., demonstrando suas bases no evolucionismo e no darwinismo social em semelhança com a Geografia insurgente nesse período. Dessa forma, a análise que será realizada nesse capítulo pretende defender a hipótese de que os textos escritos por Euclides no ano de 1897 são um importante indicativo da sua proximidade a ciência geográfica e que esta serviu de suporte teórico-metodológico que sustentou seus argumentos sobre os motivos que condicionaram os eventos que narra.

Para um melhor entendimento dos elementos que influenciaram na produção desses textos, é importante que se faça uma revisão histórica relevante para os acontecimentos de Canudos, abordando suas características e os motivos que motivaram o conflito. Para tanto, será utilizada as contribuições de autores como José Calasans Brandão Silva que, em seu livro de 1997, intitulado *Cartografia de Canudos*, aborda a história de Canudos a partir de uma revisão dos argumentos euclidianos utilizando novas fontes primárias, como jornais locais, documentos oficiais de cartório boletins policiais e em relatos de indivíduos que vivenciaram ou conheceram pessoas que estiveram em Canudos. Além de Silva, serão incorporados como fonte de informação os textos de Nicolas S. Costa (1990[1948]) e do próprio Euclides da Cunha (2002[1902]), uma vez que sua obra é até hoje uma das principais referências sobre os fatos que ocorreram em Canudos.

Apesar de a Guerra de Canudos ser um evento da história do Brasil ocorrido entre outubro de 1896 e outubro de 1897, o fenômeno de Canudos é resultado de uma conjuntura

que tem como principal elemento o personagem Antônio Conselheiro²¹, andarilho que viveu no sertão nordestino durante boa parte do século XIX e que acabou por se tornar o idealizador e principal líder do movimento. Demonstrando um vasto conhecimento em direito, arquitetura, práticas agrícolas²² – adquiridos pela prática e não por uma formação – e uma oratória típica dos grandes líderes religiosos, Conselheiro atraiu uma massa de trabalhadores rurais que o acompanhou em suas andanças.

As práticas de Conselheiro ao longo de sua vida como andarilho chamou a atenção dos grupos mais influentes nas cidades por onde passava, desafiando a Igreja ao pregar um catolicismo independente e provocando o descontentamento das elites econômicas da região, que viam seus empregados abandonando seus postos de trabalho para seguir a causa do messias.

Os crentes acompanharam-no. Não inquiriram para onde seguiam. E atravessaram serranias íngremes, tabuleiros estéreis e chapadas rasas, longos dias, vagarosamente, na marcha cadenciada pelo toar das ladainhas e pelo passo tardo do profeta... (CUNHA, 2002, p. 212).

Esse fato fez despertar em Conselheiro o desejo de estabelecer parada²³ onde pudesse desenvolver um estilo de vida dentro da sua concepção moral. Contudo, somente em 1893 ele consegue ter sucesso em sua empreitada ao fundar o Arraial de Belo Monte em uma antiga fazenda abandonada localizada às margens do rio Vaza-Barris no norte da Bahia (Figura 1).

Por volta de 1870, nos sertões da então Província da Bahia, existiam duas pequenas localidades denominadas Canudos - o lugar Canudos, também mencionado como o “deserto dos Canudos”, em terras da freguesia de Nossa Senhora da Graça do Morro do Chapéu e a “fazenda de Canudos”, referida nos limites entre as freguesias do Santíssimo Coração de Jesus de Monte Santo e Santíssima Trindade de Massacará (SILVA, 1997, p. 47).

²¹ Antônio Vicente Mendes Maciel (1828-1897) ganhou esse apelido por causa do seu hábito de aconselhar os menos favorecidos das cidades por onde passava pelo interior nordestino sobre os mais variados assuntos. (SILVA, 1997).

²² Estima-se que muito do conhecimento demonstrado por Conselheiro advém de sua experiência com o Padre Ibiapina (1806-1883), conhecido também por ser o mentor de outro líder religioso emblemático do sertão, o Padre Cícero (1844-1934). Essa hipótese surge devido à semelhança desses dois personagens nordestinos quanto ao caráter messiânico independente das orientações da instituição católica e por seus trabalhos junto aos trabalhadores rurais da região (COSTA, 1990).

²³ Um exemplo desse desejo ocorre em 1874, quando funda o Arraial de Bom Jesus, localizado em Itapicuru de Cima no norte da Bahia. O arraial durou cerca de dois anos até que Conselheiro é preso e enviado para Fortaleza em 1876 (COSTA, 1990, p. 54).

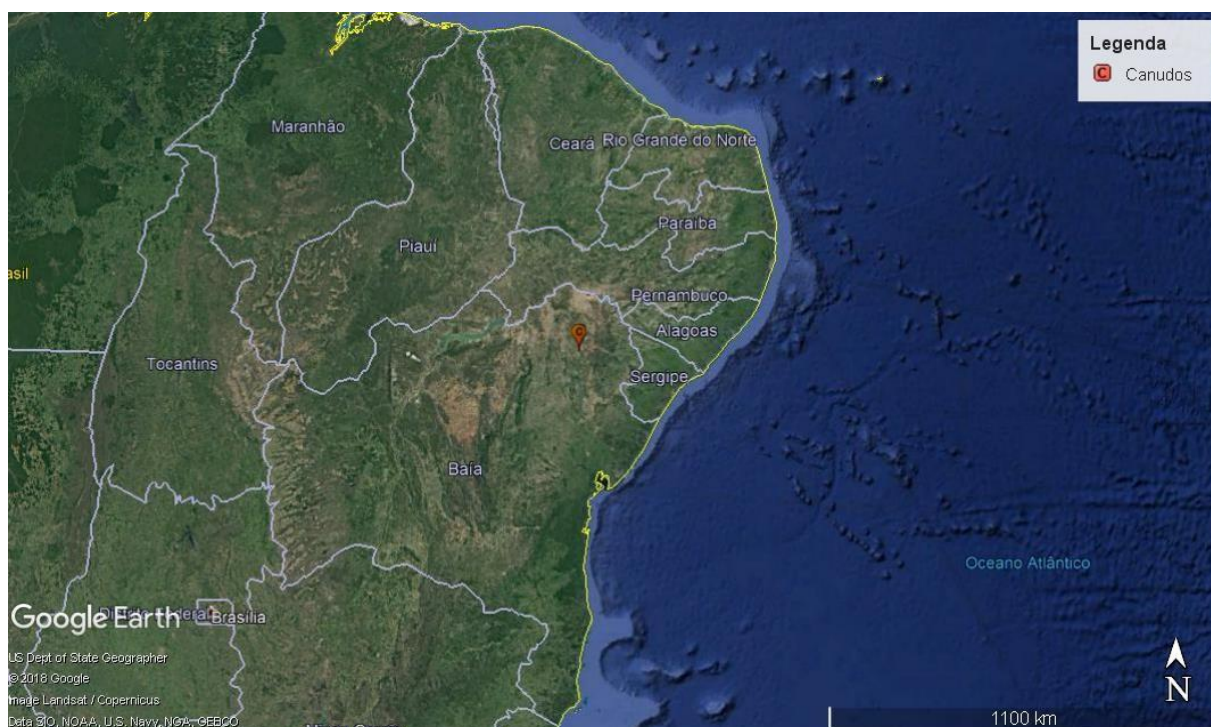


Figura 1- Localização de Canudos / Disponível em: Google Earth, 2019.

Durante três anos o aldeamento desenvolve um prospero estilo de vida baseado na agricultura de subsistência e criação de cabras e em rígidas leis formuladas a partir da concepção religiosa de Conselheiro, a exemplo da punição a chibatadas para o uso de bebida alcoólica e para as viúvas que não respeitassem o luto aos seus maridos mortos em batalha. Com o tempo a população de Canudos teve um significativo crescimento populacional – chegando à estimativa entre 25 a 30 mil habitantes – e econômico, com uma atuação na produção de derivados de cabra capaz de incomodar a elite local (COSTA, 1990, p. 21).

Nessa conjuntura – marcada por um sistema republicano recém-implantado e necessitando se afirmar perante seu projeto de nação – agravava-se significativamente as tensões sobre Canudos, que passou a ser vista como um fenômeno negativo para as ambições das elites do Brasil. Segundo Euclides, os líderes locais subestimaram a resistência dos jagunços²⁴, acreditando em uma “[...] vitória inevitável sobre a rebeldia sertaneja insignificante” (CUNHA, 2002, p. 273).

O governo baiano afirmou "serem mais que suficientes as medidas tomadas para debelar e extinguir o grupo de fanáticos e não haver necessidade de reforçar a força federal para tal diligência, pois as medidas tomadas pelo comandante do Distrito significavam mais prevenção que receio"; e aditava "não ser tão numeroso o grupo de Antônio Conselheiro, indo pouco além de quinhentos homens etc." (CUNHA, 2002, p. 273).

Dessa forma, o governo baiano organiza duas expedições – a primeira em novembro de 1896 e a segunda em janeiro de 1897 –, sendo ambas derrotadas pelos jagunços. Dois fatores foram determinantes para a complexidade que o conflito tomou: a simbiose entre os soldados canudenses com o meio ambiente – que permitia táticas de guerrilha que se mostraram bastante eficazes – e a melhoria do arsenal bélico via espólio das batalhas

²⁴ O termo é originalmente utilizado como sinônimo de cangaceiro, criminoso foragido ou qualquer homem violento contratado como guarda-costas por indivíduo influente e por este homiziado, contudo os seguidores de Conselheiro se identificaram com a alcunha, se autodenominando jagunços (CUNHA, 2002).

vencidas. Esses fatores somados ao despreparo do exército republicano para o combate em um ambiente como o sertão nordestino e a motivação em combate dos jagunços advinda da fé ministrada por seu líder, tornaram Canudos um grande desafio para os que queriam ver o fim do arraial.

Era preciso uma explicação qualquer para sucessos de tanta monta. Encontraram-na: os distúrbios sertanejos significavam pródromos de vastíssima conspiração contra as instituições recentes. Canudos era uma Coblenz de pardieiros. Por detrás da envergadura desengonçada de Pajeú se desenhava o perfil fidalgo de um Brunswick qualquer. A dinastia em disponibilidade de Bragança, encontrara afinal um Monck, João Abade. E Antônio Conselheiro — um Messias de feira — empolgara nas mãos trementes e frágeis os destinos de um povo... (CUNHA, 2002, p. 375-376).

A dificuldade da elite local em lidar com o problema exigiu do presidente Prudente de Moraes (1841-1902) uma rápida intervenção, enviando em fevereiro de 1897 o quantitativo de 1200 soldados comandados pelo Coronel Moreira César, herói da Guerra do Paraguai. Com a derrota da terceira expedição e a morte do seu comandante em 2 de março de 1897, o exército percebeu de fato a seriedade do conflito, organizando a quarta e derradeira expedição em julho, lideradas pelos generais Artur Oscar, Savaget, Silva Barbosa e Girard. Nela foram enviados 9500 soldados, acompanhados pelo próprio Ministro da Guerra do período, o Marechal Bittencourt (Tabela 1) (Figura 2).

1- AS EXPEDIÇÕES CONTRA CANUDOS

Expedição	Data	Comandante(s)	Nº de soldados	Resultado	Particularidade
Primeira	Novembro de 1896	Tenente Pires Ferreira	100	Debandada	Saque de Uauá (BA) pelos soldados
Segunda	Janeiro de 1897	Major Febrônio de Brito	600	Retirada	Guerrilhas dos canudenses
Terceira	Fevereiro e março de 1897	Coronéis Moreira César e Tamarindo	1200	Retirada	Morte dos coronéis Moreira César e Tamarindo
Quarta	Julho a outubro de 1897	Generais Artur Oscar, Savaget, Silva Barbosa e Girard	9500	Vitória	Morte de 4500 soldados e destruição de Canudos

Tabela 1 / Fonte: COSTA (1990, p. 47).



Figura 2- Mapa das Operações Militares na Guerra de Canudos/ Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart541268/cart541268.html > Acesso em: 01 set. 2019.

Somente após a 4ª expedição o exército brasileiro conseguiu ter êxito nas batalhas, montando um cerco a Canudos que enfraqueceu gradativamente a resistência dos jagunços. A guerra chega ao fim em 6 de outubro de 1897 com a morte dos quatro últimos defensores e a exumação do corpo de Antônio Conselheiro²⁵.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. [...] caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados (CUNHA, 2002, p.597).

A Guerra de Canudos foi um episódio que escancarou aos brasileiros o contraste existente no país, em que os habitantes dos principais centros urbanos ignoravam a realidade existente no interior, marcada pelo atraso e conflitos de classes. Denuncia também a hipocrisia que cercam as decisões políticas tanto na esfera estadual quanto na federal, que condenaram uma população formada primordialmente por camponeses que tentavam escapar de um destino miserável a um fim trágico.

A breve explanação dos fatos ocorridos em Canudos teve como intuito introduzir o leitor na atmosfera na qual Euclides esteve envolvido e que teve como resultado os textos escritos no ano ápice do conflito. O subcapítulo a seguir analisará os artigos homônimos – *A Nossa Vendaia* – escritos em São Paulo e que registram suas primeiras impressões acerca do

²⁵ O momento exato de sua morte é desconhecida entre os estudiosos, pois o exército já o encontrou falecido dentro da igreja principal do arraial no dia da última ofensiva à Canudos (COSTA, 1990).

sertão nordestino e dos homens que lá viviam e que protagonizavam os acontecimentos em foco.

2.1. A Guerra de Canudos em *A Nossa Vendéia*

O episódio de Canudos vinha tendo grande repercussão nos principais centros urbanos e os jornais passaram a dedicar espaços diários para atualizar a população sobre tais acontecimentos. É nesse contexto que Euclides é convidado para escrever um artigo utilizando argumentos científicos que explicassem o rumo que o conflito estava tomando. Para tanto, ele promove um levantamento bibliográfico dos estudos sobre o sertão nordestino que abordassem seus aspectos físicos, históricos e sociais, percebendo nesse momento a escassez de estudos sobre a região.

Nesses artigos, Euclides demonstra sua preocupação com os rumos que a Guerra de Canudos estava tomando, utilizando o exemplo da Vendéia, departamento da França localizado na região do País do Loire, no Golfo da Biscaia, onde a população majoritariamente composta por católicos defensores da monarquia se rebela contra a Revolução Francesa. O resultado da Guerra da Vendéia (1793-1796) foi um massacre promovido pelos revolucionários contra seus opositores (FURET, 1989). Pressentindo a semelhança entre os conflitos, Euclides baseia seus argumentos em uma análise comparativa entre os dois eventos, abordando os aspectos físicos e culturais comuns a eles.

O homem e o solo justificam assim de algum modo, sob um ponto de vista geral, a aproximação histórica expressa no título deste artigo. Como na Vendéia o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do Império (CUNHA, 2003, p. 124).

O primeiro artigo²⁶ sobre Canudos inicia apresentando o material utilizado por Euclides em sua descrição das características ambientais sertaneja. “O relatório apresentado em 1888 pelo Sr. José C. de Carvalho sobre o transporte do meteorito de Bendegó, os trabalhos do ilustre Professor Caminhoá e algumas observações de Martius e Saint-Hilaire”. No mesmo trecho, ele aponta para a escassez de estudos sobre a região onde fica Canudos, indicando os trabalhos acima como os poucos que “[...] fazem com que não seja de todo desconhecida a região do extremo norte da Bahia determinada pelo vale de Irapiranga ou Vasa Barris” (CUNHA, 2003, p. 121).

Euclides inicia sua análise dos aspectos físicos do sertão nordestino a partir da classificação geológica, “Pertencente ao sistema huroniano ou antes erigindo-se como um terreno primordial indefinido entre aquele sistema e o laurenciano pela ocorrência simultânea de quartzitos e gneisse graníticos característicos”. Em seguida, ele descreve a composição e características do solo, “[...] arenoso e estéril, revestido, sobretudo nas épocas de seca, de vegetação escassa e deprimida” (CUNHA, 2003, p. 121).

No momento posterior é apontada a falta de influência dos ventos alísios no sertão, pois sua ação é minimizada “[...] pela disposição topográfica e pela estrutura geognóstica da região” (CUNHA, 2003, p. 121). Como que se estivesse em um vôo panorâmico do interior para o litoral do Brasil, Euclides descreve o relevo observado ao longo desse trajeto, partindo do Planalto Central do Brasil até a Serra do Mar “[...] que desaparece na Bahia, diferenciada em serras secundárias” onde se apresenta um “[...] solo de ondulações suaves, patenteando num ou noutro ponto apenas, sem continuidade, as massas elevadas do interior” (*idem*, p. 122) (Figura 3).

²⁶ Anexo A.

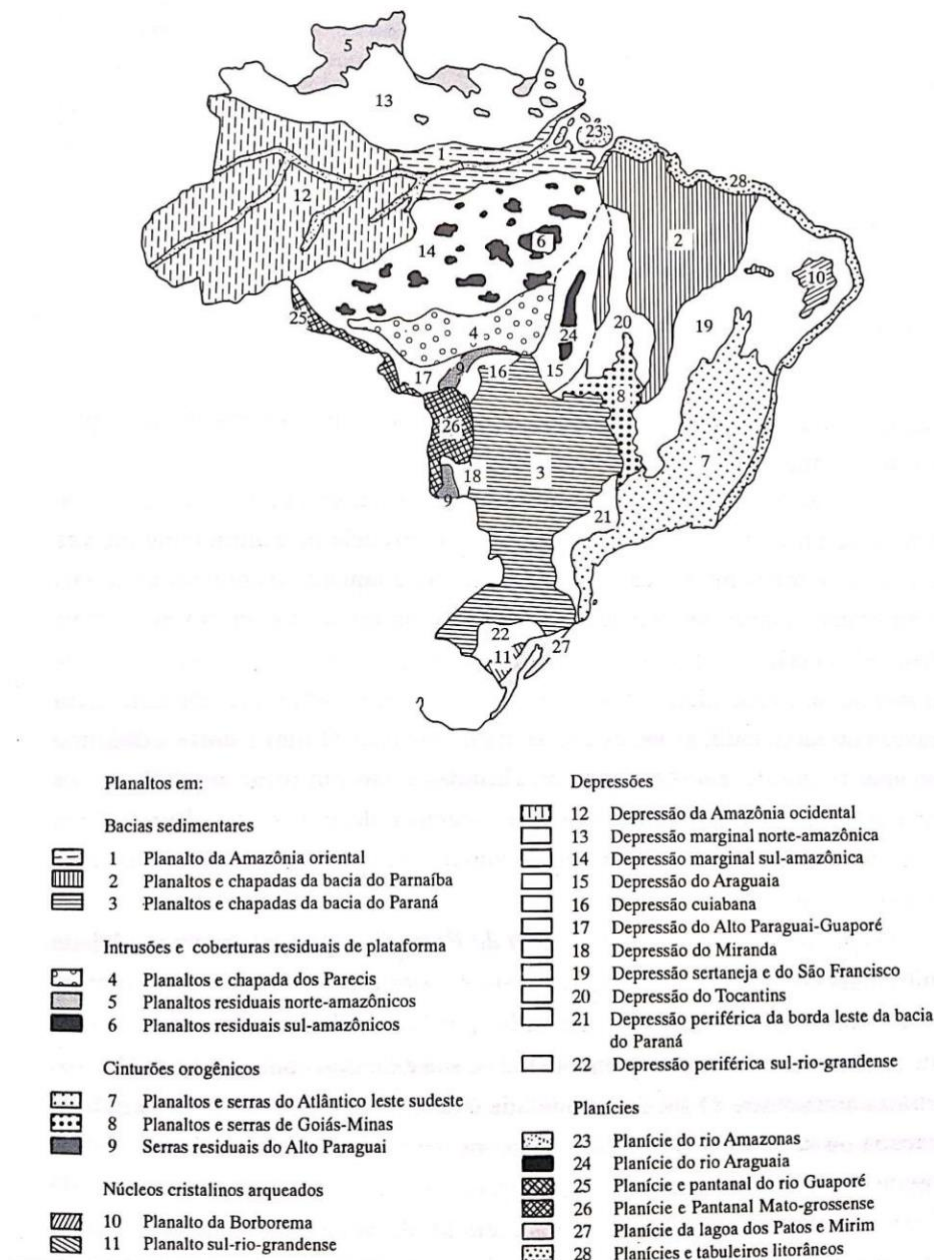


Figura 3 – Mapa Unidades de Relevo Brasileiro / Fonte: ROSS (1990, p. 53)

Após destacar as características geomorfológicas do interior nordestino como fator para justificar o clima seco predominante na maior parte do tempo, Euclides parte para a descrição da fauna e da flora, indicando a importância do conhecimento de suas propriedades para a sobrevivência no sertão, como no caso dos “[...] mandacarus (*cereus*) silentes e majestosos; últimos recursos para a satisfação de sede e da fome ao viajante retardatário” (CUNHA, 2003, p. 122). Outras espécies famosas do sertão catingueiro são citadas como o imbuzeiro (*pondia luberosa*) e a jurema (*acácia*). Contudo, o artigo mostra um conhecimento raso sobre os aspectos fitogeográficos do local, principalmente se comparado ao material apresentado em textos posteriores.

Em outro momento é indicada discrepância existente no sertão nordestino entre as duas estações climáticas que vigoram nessas paragens. Existem assim dois sertões que surgem conforme a situação climática, em que no período de seca vê-se um ambiente estéril e no

período chuvoso uma flora renascente. “Como se vê naquela região, intermitentemente, a natureza parece oscilar entre os dois extremos – da maravilhosa exuberância à completa esterilidade” (CUNHA, 2003, p. 123).

O primeiro artigo termina com uma breve especulação acerca da relação entre homem e natureza no caso de Canudos, traçando aspectos culturais dos sertanejos – como a descrição das vaqueijadas²⁷ que ocorrem “durante as estações das águas” – e estabelecendo semelhanças entre os sertanejos e o meio em que vivem. “Identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa rude escola de dificuldades e perigos, [...] refletem naturalmente toda a inconstância e toda a rudeza do meio em que se agitam” (CUNHA, 2003, p. 124). Euclides encerra o artigo acentuando o paralelo entre os personagens envolvidos no episódio de Canudos e no de Vendéia.

A mesma coragem bárbara e singular e o mesmo terreno impraticável aliam-se, completam-se. O *chouan* fervorosamente crente ou o *tabaréu* fanático, precipitando-se impávido à boca dos canhões que tomam a pulso, patenteiam o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados (CUNHA, 2003, p. 124-125).

O segundo artigo²⁸ foi produzido quatro meses após o primeiro, demonstrando o acúmulo de novas informações sobre os acontecimentos de Canudos. Euclides inicia sua argumentação apontando para a sua preocupação com “[...] os perigos futuros e aquela aproximação histórica” (CUNHA, 2003, p. 125), referindo-se ao episódio francês. Para intensificar sua hipótese acerca do desfecho desse episódio, ele utiliza outros exemplos além do já explícito no título para sustentar sua previsão.

Esquecemos-nos de exemplos modernos eloquentíssimos. A Inglaterra enfrentando os zulus e os afhans, a França em Madagascar e a Itália recentemente, às arrancadas com os abissínios, patenteiam-nos entretanto reveses notáveis de exércitos regulares aguerridos, bravos e subordinados a uma disciplina incoercível, ante os guerrilheiros inexperientes e atrevidos, assaltando-os em tumulto, desordenadamente e desaparecendo, intangíveis quase num dédalo impenetrável de emboscadas. A profunda estratégia européia naquelas paragens desconhecidas é abalada por uma tática rudimentar pior do que a tática russa do deserto (CUNHA, 2003, p. 125-126).

Apesar da descrição do meio ambiente se fazer presente nesse artigo, ela não ganha o mesmo destaque que o anterior. Contudo, Euclides mostra uma maior compreensão da forte relação do homem sertanejo com o meio onde vive, utilizando tal conhecimento como vantagem em batalha no caso dos *jagunços*, termo comumente utilizado para os trabalhadores rurais armados ou criminosos do sertão, mas que acabou se tornando a forma como os seguidores de Conselheiro se identificavam (SILVA, 1987). É a partir dessa premissa que ele apresenta as condições naturais das proximidades onde o conflito estava ocorrendo, buscando entender a partir do estudo empírico a *simbiose* entre os canudenses e o meio.

Vestido de couro curtido, das alpercatas sólidas ao desgracioso chapéu de abas largas e afeiçoados aos arriscados lances da vida pastoril o jagunço, traíçoeiro e ousado, rompe-os, atravessa-os, entretanto, em todos os sentidos, facilmente, zombando dos espinhos que não lhe rasgam sequer a vestimenta rústica, vingando célere como um acrobata as mais altas árvores, destramando, destro, o emaranhado dos cipoais.

Não há persegui-lo no seio de uma natureza que o criou à sua imagem – bárbaro, impetuoso e abrupto (CUNHA, 2003, p. 127).

²⁷ Festa popular tradicional do interior nordestino motivadas pelo período em que os vaqueiros se encontram para a contagem e comercialização do gado que está sob seus cuidados (CUNHA, 2002).

²⁸ Anexo B.

Euclides acentua que “[...] a estes obstáculos de ordem física aliam-se outros igualmente sérios”, indicando a semelhança entre o jagunço com um indivíduo da Idade Média na Europa. “O mesmo desprendimento pela vida e a mesma indiferença pela morte dão-lhe o mesmo heroísmo mórbido e inconsciente de hipnotizado e impulsivo”, fato crucial para a sobrevivência do sertanejo “[...] no meio das maiores misérias” (CUNHA, 2003, p. 128).

Em mais um exemplo da relação entre os sertanejos e o meio onde vivem, Euclides descreve o arsenal bélico dos canudenses – composto por ferramentas agrícolas, bacamartes e espingardas de pederneira²⁹ – bem inferiores ao utilizado pelo exército, mas que nas mãos dos jagunços “[...] constituem um recurso extraordinário” (CUNHA, 2003, p. 128). Segundo o artigo, essas armas eram municiadas por elementos rústicos como fragmentos de quartzo presentes nos leitos dos córregos e pólvora feita a partir do salitre³⁰, abundantes nas “[...] cavernas numerosas que se abrem nas camadas calcárias” (*idem*, p. 128).

O artigo finaliza indicando os erros cometidos pelo exército ao não considerar as particularidades do meio onde a guerra foi travada e subestimar a capacidade de organização e resistência dos revoltosos. Porém, Euclides ressalta o heroísmo dos soldados que são enviados para enfrentar os jagunços.

É uma página vibrante de abnegação e heroísmo.

E se considerarmos que, a partir daqueles pontos, convergindo para o objetivo da campanha, as colunas, nesse investir impávido para o desconhecido, como se levassem a certeza de uma vitória infalível e pronta, não se ligaram por intermédio de pontos geográficos estratégicos, à longínqua base de operações em Monte Santo deixando, portanto, que entre elas e esta última se interpusesse extensa região crivada de inimigos, somos forçados a admitir que a arte, esta sombria arte da guerra que obedece a leis inexoráveis, foi ofuscada num admirável lance de coragem (CUNHA, 2003, p. 128).

2.2. O Relato de Um Correspondente de Guerra

Após escrever *A Nossa Vendéia*, Euclides é convidado pelo jornal Estado de São Paulo para ser correspondente da Guerra de Canudos como adido da Comitativa Militar do Ministro da Guerra Marechal Carlos Machado Bittencourt (1840-1897). Cumprindo essa função, ele passa a enviar cartas e telegramas³¹ quase que diariamente durante todo o período em que esteve nessa missão – entre 4 de agosto e 17 de outubro de 1897 –, registrando suas impressões e reflexões acerca do conflito, em um total de 30 cartas e 52 telegramas.

Cabe ressaltar que, enquanto as cartas possuem uma narrativa jornalística que dialoga os fatos e impressões sobre Canudos com conteúdos das mais variadas áreas do conhecimento, os telegramas apresentam uma abordagem técnica e voltada para os propósitos militares. Além disso, os textos possuem uma divisão de acordo com o lugar onde foi escrito, sendo produzido a bordo do navio Espírito Santo e em Salvador, os a caminho de Canudos e os quando ele chega a Canudos e acompanha o cerco final do exército.

Os primeiros apresentam uma abordagem baseada nos relatos de indivíduos que tiveram algum contato com informações sobre o conflito – militares e jagunços aprisionados – e levantamento bibliográfico com novos estudos sobre as características do sertão catingueiro. Os segundos possuem uma abordagem mais realista em função do impacto que sofreu ao presenciar a complexidade dos aspectos físicos daquele meio, além de já ser capaz de perceber algumas incoerências entre as informações coletadas até então, revelando assim a

²⁹ Espécie de gatilho utilizado em meados do século XIX.

³⁰ Nitrato de potássio feito a partir de rocha calcária.

³¹ Essas cartas e telegramas foram organizados em ordem cronológica por Antônio Simões dos Reis no ano de 1939 no livro intitulado *Canudos: Diário de uma expedição*. (CUNHA, 2003, p. 28).

ignorância do exército e da população acerca do conflito. Os últimos textos marcam a virada narrativa que seria apresentada em Os Sertões, uma vez que ele acompanha o desfecho desastroso da Guerra. Optou-se então por organizar os textos respeitando a divisão apresentada acima, com um primeiro bloco composto pelas cartas e telegramas escritos entre 7 e 30 de agosto, o segundo entre 31 de agosto e 11 de setembro e o terceiro entre 12 de setembro e 7 de outubro.

2.1.1. Euclides da Cunha em Salvador: 7 a 30 de agosto

A primeira carta foi escrita por Euclides a bordo do navio “Espírito Santo”, com desembarque de sua comitiva até Salvador em 7 de agosto. Nela encontramos as suas expectativas sobre o conflito relacionados a sua narrativa em defesa da república. “É a admiração perene e intensa pela nossa natureza olímpica e fulgurante, prefigurando na estranha majestade a grandeza da nossa nacionalidade futura” (CUNHA, 2003, p. 29). Na mesma data, ele envia um telegrama em que se mostra surpreso ao perceber “[...] que nesta cidade há muito menos curiosidade sobre os negócios de Canudos do que aí e no Rio de Janeiro” (*idem*, p. 29).

Em outro momento da carta Euclides descreve ao observar a Ilha de Itaparica próximo a sua chegada em Salvador como “[...] ridente e envolta na onda iluminada e tonificadora da manhã, desdobra-se pelo seio da Bahia, revestida de vegetação opulenta e indistinta pela distância”. Em seguida vislumbra o Farol da Barra “cingindo-o de um sendal de espumas” e mais a frente a cidade, “[...] derramando-se compacta, sobre imensa colina, cujos pendores abruptos reveste, cobrindo a estreita cinta do litoral e desdobrando-se, imensa do Forte da Gamboa e Itagipe, no fundo da enseada” (CUNHA, 2003, p. 30).

Em seguida, ele comenta sobre a presença de “[...] um sinistro companheiro de viagem – o morteiro Canet, um belo espécime da artilharia moderna”. Euclides aponta para as dificuldades que o exército brasileiro teria em transportá-lo pelas veredas do sertão. “São duas toneladas de aço que só atingirão as cercanias da Meca dos jagunços através de esforços inconcebíveis”. Em seguida ele enfatiza sua esperança no sucesso das ações do exército brasileiro. “Maiores milagres, porém, têm realizado o exército nacional e a fé republicana” (CUNHA, 2003 p. 31). A carta termina, contudo, demonstrando sua ansiedade e temor de chegar a Canudos e acompanhar de perto o desfecho do conflito.

Em breve pisaremos o solo onde a República vai dar com segurança o último embate aos que a perturbam. Além, para as bandas do ocidente, em contraste com dia brilhante que nos rodeia, erguem-se agora, por uma coincidência bizarra, cúmulos tempestuosos. Surgem, erguem-se precisamente neste momento, do lado do sertão – pesados, lúgubres, ameaçadores... (CUNHA, 2003, p. 32).

Em nova carta, escrita em Salvador no dia 10 de agosto, Euclides promove uma análise mais aprofundada das ações do exército, a exemplo do elogio que tece ao General Savaget – comandante da 4ª expedição – e ao batalhão de São Paulo por sua organização. Mas posteriormente afirma que “Não são mais segredo para ninguém a causas determinantes do insucesso da quarta expedição”, apontando para “[...] dois graves erros de que se aproveitaram habilmente os jagunços – duplamente armados depois do fracasso da expedição Moreira Cesar – pela força moral da vitória e pelas armas tomadas”. Segundo o relato, as tropas apresentaram grande desorganização para aquele conflito, “[...] abandonando admirável posição estratégica arduamente conquistada”, referindo-se a travessia do Cocorobó, serra localizada a leste de Canudos (CUNHA, 2003, p. 35).

A mesma carta é finalizada com o presságio de estar “[...] prestes a findar a dolorosíssima campanha” (CUNHA, 2003, p. 37), pois as principais ligações dos canudenses com seus pontos de apoio já estavam sob o domínio do exército republicano. Euclides

aproveita para especular acerca da sua visão baseada em um darwinismo social que analisa as características físicas dos jagunços a partir de leis gerais que os moldaram e os adaptaram a vida no sertão.

Acredita-se quase uma inversão completa das leis fisiológicas para a compreensão de tais seres, nos quais a força física é substituída por uma agilidade de símios, deslizando pelas catingas como cobras, resvalando céleres, descendo pelas quebradas, como espectros, arrastando uma espingarda que pesa quase tanto como eles – magros, secos, fantáticos, com as peles bronzeadas coladas sobre os ossos – ásperas como peles de múmias” (CUNHA, 2003, p. 36).

Em 12 de agosto Euclides escreve um telegrama em que relata ao jornal as informações contidas em uma carta enviada em Canudos indicando a reviravolta do conflito.

Carta de Canudos hoje recebida diz que os jagunços estão encurralados no arraial, sob forte bombardeio. No dia 29 uma granada incendiou os depósitos de gênero, sofrendo os inimigos grandes prejuízos. Pajeú foi morto por uma bala na barriga. Foi substituído. Estão inteiramente inutilizadas, por Vila Nova, as duas igrejas tendo caído um lado da igreja nova que servia de reduto a Antônio Conselheiro. Em vista disto foi abandonada pelos jagunços que estão acoutados nas casas adjacentes. Seguiu hoje para Queimadas o 37º Batalhão de Infantaria. Seguirá amanhã para a mesma localidade o 39º Batalhão de Infantaria. É esperado amanhã cedo o batalhão patriótico paraense (CUNHA, 2003, p. 38).

Nas cartas seguintes, Euclides mantém o tom otimista e em defesa as ações militares em Canudos, abordando a repercussão das batalhas na população de Salvador e tecendo elogios ao General Savaget. Contudo, em 15 de agosto ele muda o rumo de sua escrita com um texto em que comenta sobre a composição étnica do exército, formada por tropas baianas, paraenses, paulistas e gaúchos.

Índoles diversas, homens nascidos em climas distintos por muitos graus de latitude, contrastando nos hábitos e tendências étnicas, variando nas aparências; fronte de todas as cores – do mestiço trigueiro ao caboclo acobreado e ao branco – aqui chegam e se unificam sob influxo de uma aspiração única (CUNHA, 2003, p. 43).

Em seguida, ele tece uma crítica aos “[...] vícios orgânicos e hereditários tolerados pela política expectante do Império” (CUNHA, 2003, p. 43) em que não se pensava em ações governamentais de unidade nacional. Para Euclides, Antonio Conselheiro não é a causa do conflito, mas sim parte da consequência de séculos de distanciamento regional. “[...] espécie bizarra de grande homem pelo avesso, tem o grande valor de sintetizar admiravelmente todos os elementos negativos, todos os agentes de redução do nosso povo” (*idem*, p. 43). Entre esses elementos, é posto em destaque o atavismo típico dos povos que vivem no interior, que distancia esses do entendimento da realidade a partir do pensamento científico.

Os que governam reconhecerão os inconvenientes graves que resultam, de um lado dessa insciência deplorável em que vivemos acerca das regiões do interior, de todo desconhecidas muitas e, de outro, o abatimento intelectual em que jazem os que as habitam (CUNHA, 2003, p. 45).

A citação acima indica uma visão pejorativa acerca do homem do sertão, pois Euclides entende a intelectualidade a partir dos conhecimentos científicos, ignorando a sabedoria própria dessa cultura. Esse tipo de afirmação aparece em outros trechos dos textos euclidianos, entrando em contradição com sua abordagem sobre os aspectos culturais do homem sertanejo que é feita em *Os Sertões* que serão apresentados no capítulo III.

Na carta de 16 de agosto, Euclides expressa uma visão mais realista do conflito, passando a duvidar das informações que adquirira a partir da opinião pública.

Ao chegar aqui e assaltado logo por impressões novas e variadas, perturbadoras de um juízo seguro, acredito às vezes, que avaliei imperfeitamente a situação e

dominado talvez pela opinião geral entre os que voltavam de Canudos disse também com eles:

- Está quase terminada a luta e não fará mais vítimas (CUNHA, 2003, p. 46).

Um exemplo dessas contradições está no relato de prisioneiros sobre uma suposta tentativa de rendição por Conselheiro que “[...] foi tenazmente impedido por Vila Nova, espécie de chefe temporal da grei rebelada” (CUNHA, 2003, p. 46). Essa informação supõe um desânimo dos revoltosos para com a luta que ao longo do seu desfecho se mostrou fora da realidade. Euclides endossa essa percepção em que as informações que chegam a Salvador se tornam obsoletas em pouco tempo, dada a imprecisão dos relatos e dinamismo dos fatos ao afirmar que “[...] todas essas versões já são velhas nesta quadra tormentosa em que uma hora tem um valor imenso; já têm quinze dias (*idem*, p. 47).

Ainda nesta carta, Euclides apresenta novos argumentos sobre a tática guerra dos jagunços, baseada em assaltos e tocaias em pontos estratégicos nos caminhos que levavam até Canudos. Em carta escrita um dia depois – 18 de agosto –, ele menciona um episódio que exemplifica muito bem essa tática ao descrever uma tentativa de sabotar o canhão Krupp 32 organizado por Joaquim Macambira, filho de quinze anos de um dos chefes da guarda de Canudos chamado de Macambira. “Os fanáticos audazes aprumam-se à borda da clareira e arrojam-se impávidos sobre a peça odiada” (CUNHA, 2003, p. 52). Apesar do insucesso dessa tentativa – que culminou na morte de quase todos os jagunços participantes, incluindo o filho de Macambira –, ela é descrita com detalhes por Euclides e é um exemplo da hierarquia em Canudos e da coragem com que os jagunços travavam suas batalhas:

- Pai, quero destruir a *matadeira*. (Sob tal denominação indicam os jagunços o canhão Krupp 32, que tem feito entre eles estragos consideráveis.)

O sinistro cabecilha, espécie grosseira de *Imanus* acobreado e bronco, fitou-o impassível:

- Consulta o Conselheiro – e vai.

E o rapaz seguiu acompanhado de onze companheiros atrevidos (CUNHA, 2003, p. 50).

Em nova carta – enviada em 19 de agosto – Euclides apresenta um personagem que mudaria os rumos de sua perspectiva acerca de Canudos e seus moradores, o jagunço adolescente chamado Agostinho. Ao longo da entrevista o jovem “Descreveu nitidamente as figuras preponderantes que rodeiam o Conselheiro e, tanto quanto o pode perceber a sua inteligência infantil, a vida em Canudos” (CUNHA, 2003, p. 53). Entre eles são citados: João Abade, braço direito de Conselheiro e líder na batalha de Uauá³²; Pajeú, combatente de grande valor em batalha; Vila Nova, comerciante que aderiu a causa; Pedrão, outro combatente e líder em batalha; Macambira, descrito como líder extremamente inteligente e ardiloso; Joaquim Macambira, descrito na passagem acima; Manuel Quadrado, curandeiro e profundo conhecedor de plantas medicinais; José Felix, chefe da guarda do santuário e das igrejas. Agostinho descreve também os hábitos de Conselheiro e a forma como os canudenses o tratam:

Raro abandona o santuário; não faz visitas. Todos, inclusive o João Abade, de aspecto minaz, dirigem-se a ele, descobertos, olhos fixos no chão. Nas raras excursões que faz, envolto na túnica azul inseparável, cobre-se de amplo chapéu de abas largas e caídas, de fitas pretas (CUNHA, 2003, p. 54).

Outras importantes informações acerca de Canudos e dos jagunços foram adquiridas por Euclides a partir dessa entrevista, como a origem dos armamentos dos jagunços a partir dos espólios das batalhas. Além disso, ele menciona a motivação dos canudenses para a causa de Conselheiro em que Agostinho afirma de forma direta:

³² Local onde ocorreu a batalha contra a primeira expedição a Canudos (COSTA, 1990, p. 47).

- Salvar a alma.

Estas revelações feitas diante de muitas testemunhas têm para mim um valor inestimável; não mentem, não sofismam e não iludem, naquela idade, as almas ingênuas dos rudes filhos de sertão (CUNHA, 2003, p. 55).

Entre 21 e 23 de agosto as cartas apresentam as impressões de Euclides ao ter contato com textos sobre Conselheiro e Canudos, a exemplo do livro “Descrições Práticas da Província da Bahia” de 1882 e o jornal *Pátria* de 20 de maio de 1894 (CUNHA, 2003, p. 59-62). Ainda em 23 de agosto ele traça “[...] as diversas fases da existência desse homem extraordinário, [...] lógicas nas suas mais bizarras manifestações, como períodos sucessivos da evolução espantosa de um monstro” (*idem*, p. 63). Assim, Conselheiro é descrito como “Grande homem pelo avesso” (*idem*, p.185).

Além disto, as condições mesológicas nas quais devemos acreditar, excluídos os exageros de Montesquieu e Buckle, firmando um nexó inegável entre o temperamento moral dos homens e as condições físicas ambientes, deviam formar, profundamente obscura e bárbara, uma alma que num outro meio talvez vibrasse no lirismo (CUNHA, 2003, p. 64).

Nesse momento, Euclides volta a abraçar a comum perspectiva darwinista social em que as condições naturais na qual o homem está inserido produzem não somente suas características físicas, mas também seu caráter moral. Essa visão euclidiana da relação entre homem e meio se assemelha em grande parte ao que é defendido por teóricos da eugenia do médico psiquiatra Cesare Lombroso (1835-1909) e do Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), sendo o segundo utilizado como referência sobre o assunto em *Os Sertões*. Da mesma forma, a ideia defendida por ele corrobora com as que estavam sendo desenvolvidas por Ratzel, em que a moral de um povo é concebida como algo indissociável do solo no qual está fixado (RATZEL, 2010 [1904]).

A carta de 23 de agosto é a última carta enviada em Salvador. Todavia, Euclides envia diversos telegramas com textos curtos relatando a repercussão das ações militares até o dia 30 de agosto. Em 31 de agosto, ele parte de trem para Alagoinhas, primeira parada para Canudos.

2.2.2 A caminho de Canudos: 31 de agosto a 11 de setembro

Em 31 de agosto, Euclides escreve nova carta promovendo uma belíssima descrição da paisagem que vislumbra na viagem de trem de Salvador até Alagoinhas de onde partiria para Queimadas. Nela, estão contidas suas impressões acerca da geologia, botânica, economia agrícola, urbanização das localidades por onde passou, além de registrar a repercussão da Guerra pelo caminho que percorreria. O texto apresenta de início as características geológicas que propiciam um solo fértil naquela região (Figura 4).

Em muitos pontos, porém, ilhados como oásis, uma povoação ridente ou um engenho movimentado e de plantação opulenta, indicam um afloramento de rochas cretáceas subjacentes cuja decomposição determina a formação de um solo mais fértil (CUNHA, 2003, p. 66).

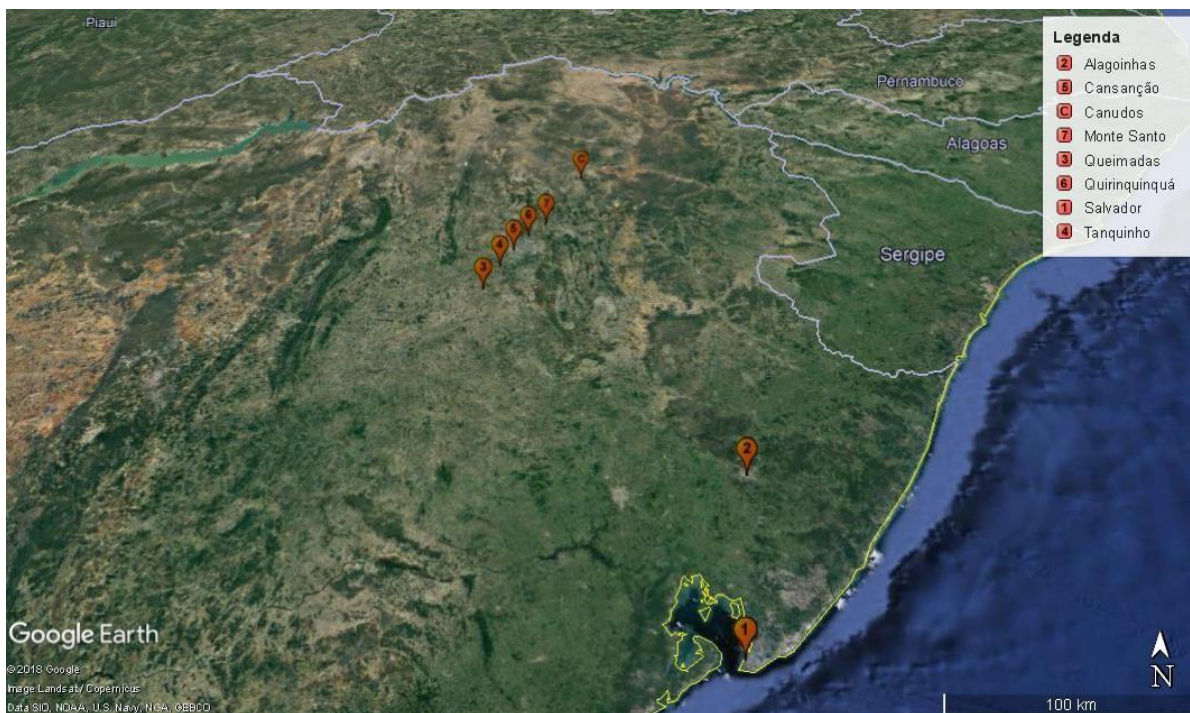


Figura 4 – Caminho de Euclides a Canudos / Fonte: Google Earth (2019)

Em um típico relato de viagem, Euclides descreve com ressalvas o que pareceu a sua vista “[...] distinguir nitidamente a transição entre dois terrenos”, se referindo à composição da paisagem onde “A flora é variada e muda continuamente de aspecto”. Esse trecho se mostra um bom exemplo do seu cuidado em tecer especulações levianas, terminando o parágrafo reafirmando sua seriedade científica: “Mudo cautelosamente de assunto” (CUNHA, 2003, p. 67).

Em seguida, ele passa por canaviais extensos que se expandem pelos tabuleiros nas proximidades de Pojuca. Nesse trecho a linguagem poética típica de sua escrita fica evidente em sua descrição da paisagem que avistara: “[...] miríades de folhas refletindo ao sol com brilho de aço antigo, ondulantes, vacilando em todos os sentidos ao sopro da viração, um cicciar imenso e indefinido”. Observa em seguida o Engenho Central da localidade, mencionado como “Uma vivenda histórica” e de “aspecto animador”, assim como a vila Catu de “[...] casinhas brancas derramando-se por uma colina ligeiramente acidentada encimada pela igreja-matriz que tem à esquerda o clássico barracão de feira, inseparável de todas as cidades e povoações baianas” (CUNHA, 2003, p. 67-68).

Chegando à cidade de Alagoínhas, ele a descreve como “[...] uma boa cidade extensa e cômoda, estendendo-se sobre um solo arenoso e plano. [...] É talvez a melhor cidade do interior da Bahia”, com ruas largas e praças imensas. Segundo Euclides, ela serve de centro comercial da região em condições normais, contudo no contexto de Guerra essa atividade apresentava uma baixa. “Esta situação lamentável reflete-se realmente sobre todas as cidades que se aproximam da zona do sertão” (CUNHA, 2003, p. 68).

Em 1º de setembro, Euclides escreve sobre suas impressões acerca da cidade de Queimadas, em que aponta para seu aspecto monótono onde se encontraria o “[...] último elo que nos liga, hoje, às terras civilizadas” (CUNHA, 2003, p. 69). Esse ponto é interessante para entendermos a concepção de civilização defendida pelo autor que está arraigada na ideia de que, quanto mais longe do litoral maior é a barbárie, enquanto os locais próximos do litoral possuem maior tendência aos processos civilizatórios. Esse é outro ponto em que Euclides e Ratzel se aproximam, pois para o alemão um Estado forte é aquele sem oposições territoriais,

exigindo grandes investimentos na comunicação entre as partes de um país (RATZEL, 2011[1897]).

Em seguida, Euclides demonstra seu espanto ao se deparar com elementos desconhecidos pela ciência sobre o ambiente sertanejo. “Um quadro absolutamente novo; uma flora inteiramente estranha e impressionadora, capaz de assombrar ao mais experimentado botânico” (CUNHA, 2003, p. 70). A partir dessa constatação ele passa a descrever espécies da flora sertaneja essenciais para a sobrevivência em um ambiente inóspito, como o *mandacaru*, o *xiquexique*, *palmatória*, *cabeça-de-frade*, *umburana*, *mangabeira* entre outras que oferecem alimento, água e matéria prima para a produção de utensílios ao sertanejo.

Extinguem-lhe a sede as folhas ácidas e as raízes úmidas do *umbu*, os caules repletos de seiva dos *mandacarus*; alimentam-nos fartamente os cocos de *dicuri*; as pinhas silvestres do *acaticum*, os frutos da *quixaba*, da *mari* ou das *mangabeiras* de folhas delicadas e galhos pendidos como os dos salgueiros.

As folhas grandes e resistentes do *icó* cobrem-lhe a cabana provisória e sustentam-lhe o cavalo; a *caruá* de fibras longas permite-lhe obter rapidamente cordas flexíveis e fortes. E se, à noite, ao atravessar uma paragem desconhecida, houver necessidade de aclarar o caminho basta-lhe quebrar a acender prontamente um galho verde de *candombá*, e agitar logo um facho rutilante... (CUNHA, 2003, p. 72).

Ainda no mesmo texto, Euclides desenvolve a ideia que fundamenta um de suas frases mais conhecidas nos dias de hoje, escrita posteriormente em Os Sertões: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2002, p. 146). Ele inicia essa abordagem mencionando o crescente fluxo migratório em direção a Canudos que utiliza Queimadas como rota. A partir daí, ele passa a descrever esses indivíduos, comparando com os identificados enquanto exemplo maior de sertanejo, o vaqueiro.

Além disto o homem do sertão tem, como é de prever, uma capacidade de resistência prodigiosa e uma organização potente que impressiona. Não o vi ainda exausto pela luta, conheço-o já, porém, agora em plena exuberância da vida. Dificilmente se encontra um espécime igual de robustez soberana e energia indômia (CUNHA, 2003, p. 73).

Em 2 de setembro, Euclides descreve nova carta descrevendo as dificuldades em atravessar a caatinga, principalmente devido à estação seca. “A água continua rara e de obtenção difícil, adquirida em cacimbas abertas no leito seco do Vasa Barris” (CUNHA, 2003, p. 74). Mais a frente, chama a atenção para uma “[...] espécie que não citei na carta que ontem escrevi – a *favela*”, vegetal abundante na região de Canudos e que deu nome ao morro próximo ao arraial, “[...] cuja folha sobre a pele, ao mínimo contacto, é um cáustico infernal, dolorosíssimo e de efeitos prolongados” (*idem*, p. 76).

Euclides parte de Queimadas em 4 de setembro a caminho de Tanquinho, percorrendo cerca de 24 quilômetros de distância, descrevendo-a enquanto “um lugar detestável” (CUNHA, 2003, p. 77). Nesta carta, ele compara os *mandacarus* que circundam a casa onde se hospedou como “[...] imensos candelabros implantados no solo, segundo a bela comparação de Humboldt” (*idem*, p. 78). Em seguida, ele calcula a altitude de Tanquinho, utilizando o aneróide como instrumento de medição, “[...] e vejo que estamos a trinta metros sobre Queimadas” (*idem*, p. 79).

Em 5 de setembro, Euclides chega em Cansanção que comparada a Tanquinho “[...] já merece o nome de povoado”. Ele menciona que a população local é formada por membros de uma só família, vivendo sobre um regime patriarcal (CUNHA, 2003, p. 79). Promove também uma análise do relevo local:

A povoação erige-se numa mancha de terreno argiloso – largo hiato no deserto de grés que a rodeia; e tem uma feição ridente erguida numa breve colina de onde se descortinam horizontes indefinidos. Nem uma elevação regular, porém, perturba a

monotonia de um solo chato – sucessão ininterrupta de tabuleiros imensos (CUNHA, 2003, p. 80).

Utiliza novamente seu aneróide, mirando dessa vez para seu próximo destino, o povoado de Quirinquinquá, calculando a altitude de 395 metros acima do nível do mar. Chegando nela, Euclides promove nova comparação aos dois povoados por onde passara. “Quirinquinquá, incomparavelmente superior ao Tanquinho, tem um horizonte menos monótono que Cansação”. Descreve, no caminho percorrido, novas espécies da flora, como “o *angicos* de folhas miúdas e porte elegante, as *baraienas* altas, as *caraíbas* de folhas lanceoladas e *cassuquingas* de cheiro agreste e agradável” (CUNHA, 2003, p. 81). A viagem dura dois dias até chegarem ao último ponto antes de Canudos, a cidade de Monte Santo.

Euclides chega a Monte Santo em 6 de setembro segundo o primeiro telegrama enviado na cidade. Na carta escrita no dia 7 de setembro, ele caracteriza a cidade como um lugar “simplesmente repugnante”, onde “Custa a admitir a possibilidade da vida em tal meio – estreito, exíguo, miserável”. Sobre a população local, ele a descreve como “uma multidão rebarbativa de megeras esqueléticas e feias, [...] acotovelam-se seres de todos os graus antropológicos”. Dessa forma, ele associa o povo à paisagem da cidade como resultantes da ausência de civilização, onde se tem a “sensação esmagadora de uma imobilidade do tempo” (CUNHA, 2003, p. 82).

Ainda na carta de 7 de setembro, Euclides escreve sobre a reviravolta do exército republicano nas batalhas travadas contra os seguidores de Conselheiro. Nela é relatada que tal mudança só foi possível porque o exército passou a copiar as táticas de assalto e tocaias dos jagunços, “pondo a astúcia diante da astúcia, jogando a cilada contra a cilada” (CUNHA, 2003, p. 83), aprendendo a se movimentar pela caatinga com menos alarde e prevenindo ataques surpresas. Aproveita também para elogiar os jagunços pelos seus ensinamentos em batalha.

Uma aprendizagem perfeita com instrutores selvagens.

Porque, devemos dizê-lo – ninguém deve acreditar que os jagunços combatam sem ordem; há leis naquele tumulto aparente; na ordem dispersa em que se dispõem, invariavelmente, o trilar dos apitos determina evoluções rápidas corretamente executadas – dilatando, encurtando, fazendo avançar ou retroceder, movimentando em todos os sentidos, vertiginosamente, as linhas de atiradores perfeitamente dispostas (CUNHA, 2003, p. 83).

No dia 8 de setembro, Euclides descreve a construção da *via-sacra* construída pelos canudenses com três quilômetros de extensão, caracterizando-a como “um milagre de engenharia rude e audaciosa”. Aproveita para analisar a geologia da Serra de Monte Santo, onde a *via-sacra* foi construída, indicando sua constituição de “[...] quartizo que irrompe através das formações graníticas, visíveis nos terrenos planos que a circundam” (CUNHA, 2003, p. 84). Ele termina a carta indicando a possibilidade da instalação de “[...] um telégrafo óptico, de transmissão pronta, por meio de um jogo combinado de cores, com Canudos” (*idem*, p. 85), estabelecendo uma via de comunicação com Monte Santo.

Entre 9 e 10 de setembro, Euclides escreve nova carta tecendo críticas as ações do exército que corroboraram para as dificuldades em lidar com o conflito, principalmente no que se refere ao deslocamento das tropas responsáveis pelo abastecimento de material bélico. “Todas estas dificuldades promanam em grande parte da base de operações adotada, encravada no deserto e já de si mesma de acesso penoso” (CUNHA, 2003, p. 86).

Ainda nessa carta, ele especula sobre a formação geológica daquela região onde se encontra Canudos “É uma das partes mais modernas talvez do nosso continente e surgiu das águas provavelmente depois da lenta ascensão da Cordilheira dos Andes, como um fenômeno complementar” (CUNHA, 2003, p. 86). Essa passagem corrobora com a compreensão defendida na atualidade, pois apesar de, a região citada por Euclides pertence às áreas

cratônicas, composta por terrenos antigos datados da Era Pré-Cambriana entre 2 a 4,5 bilhões de anos (ROSS, 1998, p. 48), a região de Canudos em especial data do final do período Terciário, por volta de 70 milhões de anos atrás.

Todos os morrotes do tipo inselberg ou agrupamento deles, como é o caso de Quixadá, foram relevos residuais que resistiram aos velhos processos denudacionais, responsáveis pelas superfícies aplanadas dos sertões, ao fim do Terciário e início do Quaternário: superfícies sertaneja velha e sertaneja moderna. Enquanto no Sudeste do Brasil ocorrem “pães de açúcar”, no entremeio dos mares de morros florestados ou em maciços costeiros (Serra da Carioca) e setores da Serra do Mar (Pancas), no interior do Nordeste seco, acontecem morrotes ilhados no dorso das colinas revestidas por caatingas (AB’SABER, 2019, p. 88).

As cartas de Euclides rumo a Canudos terminam em 11 de setembro, em que escreve com o seu relato sobre notícias favoráveis ao exército, vangloriando as ações do General Artur Oscar e dos Coronéis César Sampaio e Sotero de Meneses que haviam retomado o controle da estrada do Cambaio, tomada pelos jagunços após a derrota de 2ª expedição.

2.2.3 Euclides em Monte Santo-Canudos: 12 de setembro e 7 de outubro

As cartas escritas a partir de 12 de setembro apresentam maiores detalhes da Guerra de Canudos, uma vez que Euclides estava tendo acesso a informações mais atualizadas e detalhadas sobre o conflito. Um fato notório dessa fase é o espanto e surpresa que demonstra em relação aos canudenses, vistos agora com admiração por sua bravura e sabedoria rústica, ao mesmo tempo em que reconhece o despreparo das tropas republicanas em lidar com a complexidade do embate. Descreve também a cidade de Canudos com maior minúcia, observando de perto o perfil das casas, edifícios e ruas existentes no arraial.

A carta de 12 de setembro apresenta a análise da paisagem descrita a partir da vista dos morros que rodeiam Canudos, “[...] cuja disposição topográfica e constituição geológica são simplesmente surpreendedoras”. Com o uso dos binóculos ele observa os morros Canabrava, Poços de Cima e Cocorobó à direita; e os morros Calumbi, Cambaio e Caipã à esquerda, “traçando uma elipse perfeita”. A partir delas, Euclides traça o perfil urbano da cidade “dentro dela estende-se a região caótica, irregularmente ondulada, em cujo centro, aproximadamente, se ergue Canudos. Em seguida, ele descreve sua impressão da paisagem de Canudos, tendo “[...] a cor da própria terra em que se erige, confundindo-se com ela na mesma tinta de um vermelho carregado e pardo, de ferrugem velha”. Em seguida, descreve as casas do arraial³³³⁴, distribuídas entre as ruas que se cruzam “num labirinto inextricável” (CUNHA, 2003, p. 87). Nessa passagem, Euclides demonstra sua visão eurocêntrica ao compará-las com as casa populares da Roma Antiga:

Feitas de pau-a-pique e divididas em três compartimentos, no máximo, são como que uma paródia grosseira da antiga casa romana: - um átrio que é a um tempo a cozinha, sala de jantar e de recepção, um vestíbulo estreito em algumas, e uma alcova. Cobertas de uma camada de cerca de quinze centímetros de barro, lembram neste ponto as casas dos gauleses de César. Os nossos rudes patrícios têm, porém, um material mais apropriado nas placas largas da rocha predominante da região, que ainda quando decomposta conserva a estratificação primitiva. Assentam-nas sobre folhas resistentes de *icó* (CUNHA, 2003, p. 88).

Ainda nesta carta, Euclides apresenta alguns dos episódios que servem de exemplo das táticas utilizadas pelos jagunços para rechaçar as tropas republicanas, como no caso ocorrido

³³ Segundo telegrama enviado no dia 24 de setembro, existiam mais de 2000 casas em Canudos (CUNHA, 2003, p. 93).

³⁴ Anexo C.

em 18 de julho. Nele um único homem repeliu um batalhão inteiro a partir de um posicionamento privilegiado do relevo acidentado naquelas paragens, perfeito para os disparos e escondido dos inimigos. “Os melhores binóculos não o distinguiam: agachado na cova olhando segundo uma tangente à borda do fosso terrível e atirando, atirando sempre, desapiadado, terrível, demoníaco, num duelo de morte contra mil homens” (CUNHA, 2003, p. 92). No telegrama enviado em 22 de setembro, ele reafirma a “[...] tenacidade verdadeiramente extraordinária dos jagunços” (*idem*, p. 90), apesar de expressar no telegrama de 23 de setembro sua crença de que “[...] dentro de quinze dias estará terminada a campanha” (*idem*, p. 91).

Na carta de 24 de setembro, Euclides relata os resultados do cerco montado pelo exército ao redor de Canudos. Nesse momento, ele já percebe em interrogatório dos prisioneiros o enfraquecimento da resistência dos jagunços, como em relato de uma menina com nome não mencionado: “– Vila Nova esta noite *lascou o pé no caminho* e há um *lote de dias* que um *despotismo de gente tem abancado* para o Cumbe e Caipã. *Está com muitos dias* que há fome em Belo Monte” (CUNHA, 2003, p. 93). Nela ele afirma que a luta não dura oito dias, assim como em telegrama de 25 de setembro: “Está completo o sítio de Canudos. Viva a República!” (*idem*, p. 94).

Ainda sobre a mesma temática, Euclides relata em carta escrita no dia 26 de setembro o resultado de outro interrogatório, em que percebe a firmeza com que os canudenses respondiam as perguntas sem demonstrar fraqueza em suas convicções. “[...] não tremem, não se acobardam e não negam as crenças mantidas pelo evangelizador fatal e sinistro que os arrastou a uma desgraça incalculável” (CUNHA, 2003, p. 95). As respostas obtidas elucidaram muitas questões até então não esclarecidas, indicando que apesar da batalha estar caminhando para seu desfecho, ainda haveria muita resistência dos que permaneciam fiéis a Conselheiro.

Um fato curioso relatado por Euclides nas cartas escritas no dia 26 de setembro e posteriormente em 27 de setembro é quando ele se refere ao mistério sobre a origem do arsenal bélico dos jagunços. Apesar do conhecido armamentos dos canudenses após o espólio das batalhas com as primeiras expedições, foram reconhecidos projéteis de armas modernas que não eram utilizadas pelo exército. Esse fato o fez questionar a fonte dessas munições especiais, levantando a suspeita da existência de grupos locais apoiadores da causa de Conselheiro (CUNHA, 2003, p. 100).

Na carta de 28 de setembro, Euclides fala sobre a tática escolhida pelos jagunços nos momentos finais do conflito, em que eles ficavam escondidos dentro das casas de taipa sem fazer um único barulho, permitindo que as tropas entrassem no arraial acreditando estar abandonada. No momento em que o exército se encontrava na região central da cidade, os jagunços abriam fogo contra eles de dentro das casas, aproveitando os buracos deixados pelos bombardeios.

Realmente alguma coisa de anormal passava-se em frente, no arraial; e os corações começavam já a bater febrilmente ante a quase evidência da vitória longamente esperada, quando uma explosão formidável feita pelos disparos simultâneos das armas despedaçou o silêncio e a noite e um turbilhão de balas caiu rugindo sobre a nossa gente...

Incompreensível e bárbaro inimigo (CUNHA, 2003, p. 102).

A última carta foi escrita em 1º de outubro, em que ele narra os momentos finais do conflito. Nela Euclides deixa claro sua opinião de que, apesar do notório desfecho a favor do exército republicano, ambos os lados saíram derrotados nesse conflito, pois além do grande número de baixas ao longo das quatro expedições, a campanha demonstrou o despreparo do exército em lidar com esse episódio, como é afirmado no final da carta: “A verdade é que ninguém poderia prever uma resistência de tal ordem (CUNHA, 2003, p. 117).

De uma forma geral, o material apresentado nesse capítulo, apesar de retratar a visão de um militar descrevendo as ações do exército na Campanha de Canudos, traz à tona o lado pesquisador e cientificista do Euclides. Apresenta assim uma série de argumentos geográficos quando descreve a paisagem sertaneja, o relevo e promove estudos sobre as características ímpares dessa natureza. Aponta também para a influência nas teorias evolucionistas e do darwinismo social ao especular acerca da relação entre o homem sertanejo e o meio que o molda, demonstrando grande aproximação com o que estava sendo pensado pelos geógrafos dos grandes centros de produção científica.

Após voltar de Canudos, Euclides passa a se dedicar a produção do livro que pretendia escrever sobre a Guerra de Canudos e que três anos depois teria como resultado sua obra mais importante, *Os Sertões*³⁵. Durante esse período, ele participa de uma conferência de climatologia da Bahia, organizada pelo Instituto Histórico de São Paulo em 1898 (CUNHA, 2003, p. 171) onde apresenta seus estudos sobre o clima sertanejo, demonstrando que tinha se tornado referência no tema antes mesmo do lançamento do livro.

No ano de 1900, Euclides consegue chegar ao resultado que almejava quando iniciou sua caminhada intelectual para o entendimento da realidade dos acontecimentos de Canudos, publicando em dezembro de 1902 o livro que populariza sua perspectiva acerca do episódio. Assim, o próximo capítulo terá como foco *Os Sertões*, analisando a importância da Geografia nos argumentos utilizados para convencer o leitor da veracidade de sua perspectiva acerca da Guerra de Canudos.

³⁵ Segundo artigo do *Jornal do Comércio* de 23 de outubro de 1897, Euclides foi enviado para Canudos com o objetivo de escrever um livro relatando os acontecimentos da guerra, dando o mesmo nome dos artigos publicados pelo jornal O Estado de S. Paulo, *A Nossa Vendeia*. (CUNHA, 2003, p. 153).

CAPÍTULO III

OS ARGUMENTOS GEOGRÁFICOS EM *OS SERTÕES*

Os Sertões é sem dúvida a obra mais importante da carreira de Euclides da Cunha, pois – apesar de ser seu primeiro livro – marca sua ascensão entre os grandes escritores e intelectuais do Brasil. A proporção desse sucesso se deve a variados fatores, com destaque para o impacto que sua obra causou em nossa sociedade ao apresentar uma parte do país desconhecida para uma grande parcela dos brasileiros.

Nesse livro, Euclides utiliza uma linguagem extremamente rebuscada, o que para muitos torna a leitura difícil e cansativa. Porém, a forma como que seus argumentos são colocados prendem o leitor mais atento a sua narrativa, com a Geografia cumprindo um papel fundamental nesse processo. Ela aparece tanto no caráter descritivo presente especialmente na primeira parte da obra – dedicada à caracterização do meio ambiente sertanejo – quanto na segunda e terceira parte, em que ele apresenta os argumentos que justificam respectivamente a diferenciação entre os homens no planeta e os motivos que tornaram a Guerra de Canudos um fato único da história brasileira.

Um elemento do livro que corrobora com a hipótese dele ser possuidor de argumentos geográficos está na própria divisão proposta: *A Terra, O Homem e A Luta*. Como dito no primeiro capítulo, ela foi inspirada no esquema tríptico desenvolvido por Hippolyte Taine (1828-1893) que organizava seu método de investigação em três etapas: meio, raça e momento, em que o meio determina as características de cada raça e estas protagonizam os eventos históricos (MURARI, 2007, p. 27). A organização proposta por Euclides foi fundamental para a sua construção narrativa, buscando apresentar os elementos que condicionaram o sertanejo enquanto seres únicos no planeta – a natureza e a miscigenação – e capazes de protagonizar os acontecimentos em Canudos. Dessa forma, a Geografia surge na forma como ele trata a relação entre homem e meio, na qual o segundo é o vencedor dessa disputa e determina assim as ações humanas.

A análise de *Os Sertões* que aqui será realizada seguirá a própria divisão proposta pelo autor, no intuito de apresentar tanto os elementos de uma Geografia descritiva e voltada aos aspectos naturais, quanto na similaridade entre os argumentos euclidianos com as ideias de geógrafos como Ratzel e Vidal de la Blache que tinham como foco o entendimento das relações entre homem e meio. Assim, pretende-se fazer uma abordagem que dialogue com os argumentos apresentados por Euclides nos textos escritos em 1897, contudo de forma mais organizada e aprofundada, uma vez que o próprio livro aponta para a evolução dos conhecimentos euclidianos sobre o tema.

3.1 Os Aspectos Físicos do Sertão Nordestino em *A Terra*.

Em *A Terra*, Euclides apresenta o resultando do tempo dedicado às pesquisas para a construção dos argumentos científicos que fundamentaram sua perspectiva acerca dos aspectos físicos do sertão nordestino. Tais estudos impressionam pela qualidade do conhecimento organizado sobre a geologia, o relevo, as dinâmicas climáticas e a vegetação sertaneja, sendo esses até hoje referência no que tange os saberes sobre os aspectos naturais do sertão nordestino.

A sua análise dos aspectos geológicos do Estado da Bahia é uma prova da seriedade com que levou a produção desse livro. Conforme o mapa a seguir (Figura 5), Euclides divide o estado em quatro grupos de acordo com sua formação geológica, separando-os em: Terreno Paleozóico, Terreno Terciário, Terreno Cretáceo e Terreno Metamórfico.

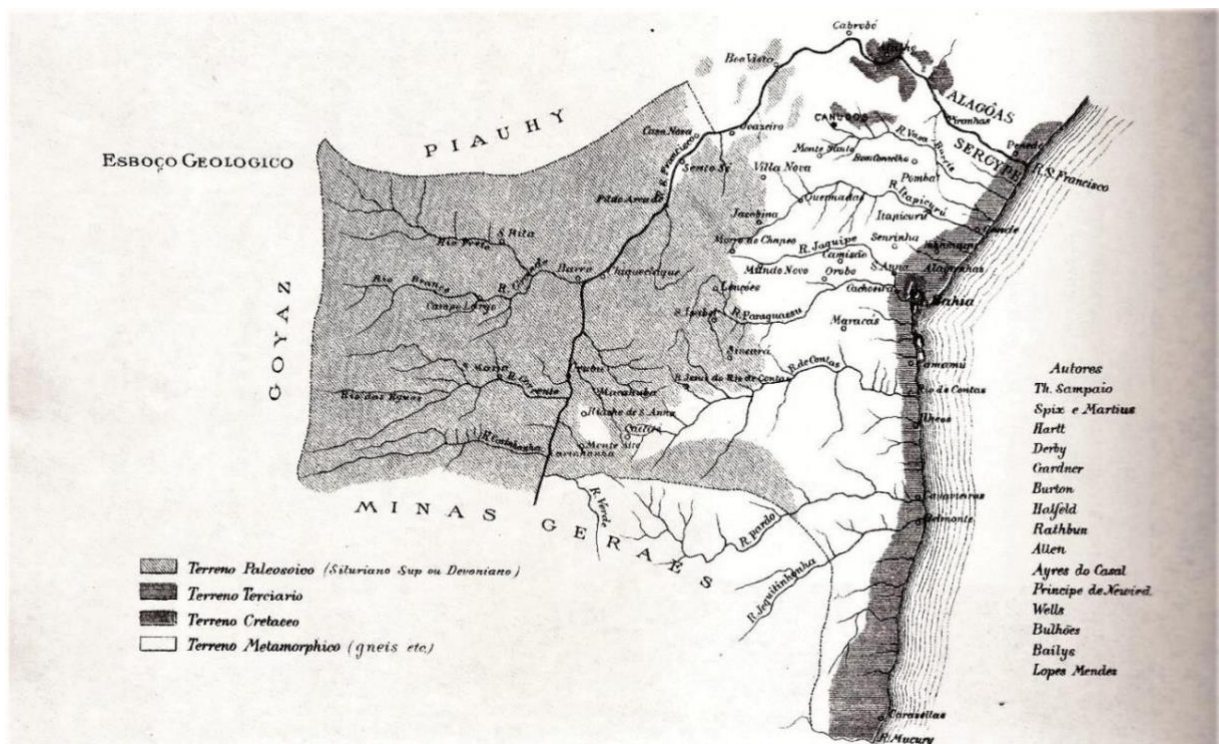


Figura 5- Esboço Geológico do Estado da Bahia/ Fonte: GALVÃO (2016, p.16).

O mapa corrobora com as informações trazidas na carta do dia 10 de setembro, em que ele afirma que os arredores de Canudos são datados do final do Período Terciário da Era Cenozóica. Cabe destacar que a Geologia enquanto ciência sempre esteve próxima da Geografia, uma vez que ela forneceu as bases para o desenvolvimento de ramos importantes da nossa ciência, a exemplo da Geomorfologia que surge como uma versão geográfica dos estudos geológicos da Terra associada a sua interação com as sociedades (GOMES, 1997).

Em seguida, para a análise do relevo baiano, Euclides compara-o a outras regiões caracterizadas pelo clima árido. Nela ele indica um fator que o diferencia das outras áreas desérticas, que ocorre devido a um “[...] flagrante antagonismo com as disposições geográficas: sobre uma escarpa, onde nada recorda as depressões sem escoamento dos desertos clássicos” (CUNHA, 2002, p. 50). Tal diferença se deve em particular a presença dos rios intermitentes existentes no sertão nordestino que caracterizam o clima semi-árido, que será descrito mais a frente. Defende então que o principal agente da seca nesse meio se deve ao perfil topográfico que impede o fluxo de massas de ar úmidas advindas do Oceano Atlântico.

De fato, a disposição orográfica dos sertões, à parte ligeiras variantes — cordas de serras que se alinham para nordeste paralelamente à monção reinante —, facilita a travessia desta. Canaliza-a. Não a contrabate num antagonismo de encostas, abarrecando-a, alteando-a, provocando-lhe resfriamento e a condensação em chuvas.

Um dos motivos das secas repousa, assim, na disposição topográfica (GALVÃO, 2016, p. 46).

Segundo a sua descrição, a Chapada da Borborema e a Chapada do Araripe — localizadas respectivamente a nordeste e norte do sertão baiano — formam uma barreira orográfica que impedem a chegada das massas de ar empurradas para o continente pelos ventos alísios naquela região, criando as condições necessárias para a caracterização do

micro-clima que cerca Canudos. Contudo, essa dinâmica se altera ao longo do ano, pois “(...) o SE no inverno e o NE no estio [alteram-se] com rigorismo raro” (CUNHA, 2002, p. 59). Assim, a ocorrência de chuvas no sertão está associada, basicamente, aos ventos alísios que sopram do Hemisfério Norte. Esse regime de ventos somados ao relevo e demais fatores naturais criam uma paisagem repleta de oscilações, como afirma Euclides ao descrever as impressões de um viajante:

Para qualquer das bandas, deixa-o o viajante num dia de viagem. Se vai para o norte, salteiam-se transições fortíssimas: a temperatura aumenta; carrega-se azul dos céus; embaciam-se os ares; e as ventanias rolam desorientadamente de todos os quadrantes – ante a tiragem intensa dos terrenos desabrigados que dali por diante se estiram (CUNHA, 2002, p. 59).

Outro fator importante para a dinâmica morfoclimática sertaneja se refere ao processo de lixiviação provocado pelas chuvas torrenciais. Segundo Euclides, o solo pedregoso e compactado dificulta a infiltração da água, e as fortes precipitações agravam essa situação, provocando um grande escoamento superficial que movimenta grandes massas residuais, tornando o relevo irregular e impermeável.

Embruscado em minutos, o firmamento golpeia-se de relâmpagos precípite, sucessivos, sarjando fundamente a imprimadura negra da tormenta. Reboam ruidosamente as trovoadas fortes. As bâtegas de chuva tombam grossas, espaçadamente, sobre o chão, adunando-se logo em aguaceiro diluviano... (CUNHA, 2002, p. 78).

Após tratar da questão climatológica sobre o sertão, Euclides passa para uma abordagem descritiva da flora sertaneja, apresentando suas transformações de acordo com o período chuvoso e seco. Enquanto no estio ela é formada por uma vegetação de galhos secos e espécies de *cactáceas* que oferecem pouca variedade paisagística, ao chegar da estação chuvosa, a flora se transforma drasticamente, com o desabrochar de folhas e flores que antes pareciam mortas, tornando a paisagem da caatinga em uma mata vultosa e diversificada. “E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto. Sobre o solo, que as amarílis atapetam, ressurge triunfalmente a flora tropical. É uma mutação apoteótica” (GALVÃO, 2016, p. 56). A distribuição da flora do Estado da Bahia é caracterizada pela sua descontinuidade, onde a caatinga aparece em pequenas manchas localizadas entre matas de cerrados e campos, como pode ser percebido no mapa feito por Euclides em *Os Sertões* (figura 6).

Euclides passa então a citar uma grande variedade de plantas existentes no sertão, apresentando as estratégias de cada uma para sobreviver no período de seca. É o caso do cajueiro anão – cajuí – que possui seu caule de mais de 20 metros enterrados no solo para se proteger do sol maçante, deixando somente a copa acima da superfície, fazendo-o parecer um pequeno arbusto. Outras plantas são citadas como o juazeiro, jurema, umbuzeiro, mandacaru, xiquexique, cesalpina, catingueira, heliotrópios, favela e o canudo-de-pito, todas inseridas no cotidiano do sertanejo e em especial a última, responsável por dar nome ao lugar que protagonizou o evento narrado no livro (CUNHA, 2002, p. 74).

Ajusta-se sobre os sertões o cautério das secas; esterilizam-se os ares urentes; empedra-se o chão, gretando, restando; ruge o Nordeste nos ermos; e, como um cilício dilacerador, a caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos... Mas, reduzidas das reservas que armazena nas quadras remansadas e rompe os estios, pronta a transfigurar-se entre os deslumbramentos da primavera (CUNHA, 2002, p. 72).

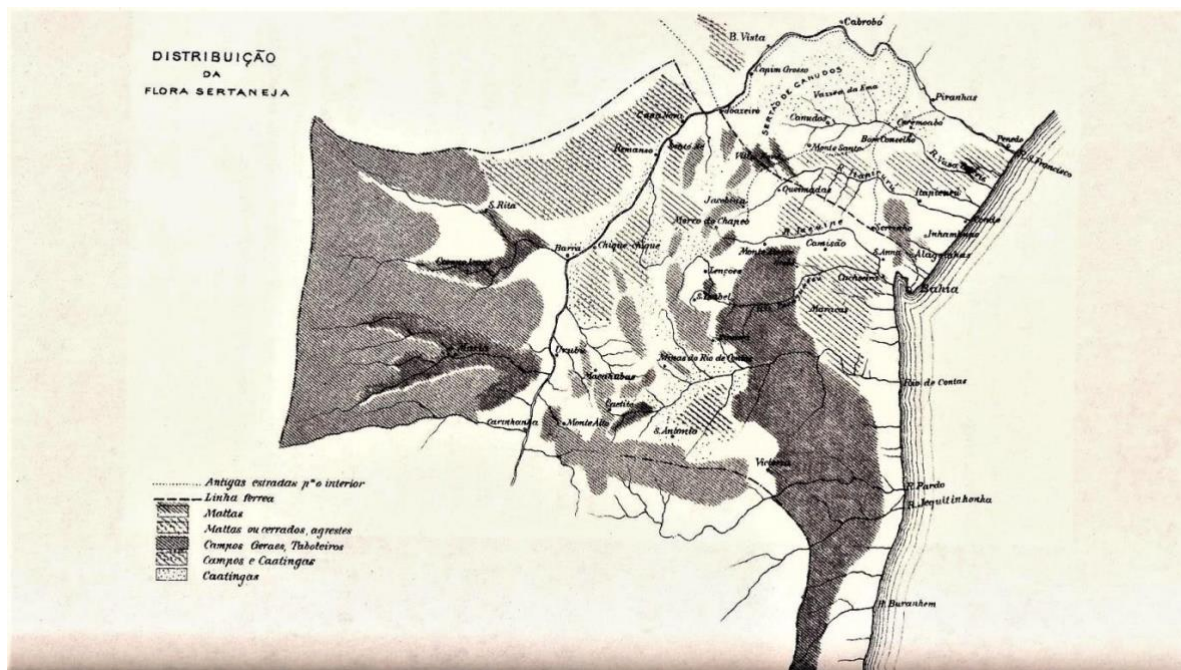


Figura 6 - Distribuição da Flora do Estado da Bahia/ Fonte: GALVÃO (2016, p. 74).

A última parte de *A Terra* é iniciada com a menção a Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) e seu conceito de *base geográfica da história universal* presente na introdução obra póstuma *Filosofia da história* (HEGEL, 2008 [1837]). Apesar de se apropriar da ideia do filósofo, Euclides o faz criticamente, pois entende que ele não se adéqua a realidade do sertão nordestino, identificado enquanto “Uma categoria geográfica que Hegel não citou” (CUNHA, 2002, p. 84). Na passagem a seguir, Euclides explica os fundamentos desse conceito:

Hegel delineou três categorias geográficas como elementos fundamentais colaborando com outros no reagir sobre o homem, criando diferenciações étnicas: As estepes de vegetação tolhiça, ou vastas planícies áridas; os vales férteis, profusamente irrigados; os litorais e as ilhas (CUNHA, 2002, p. 84).

Assim, as regiões de vales influenciam a formação de povos evoluídos por proporcionarem uma alimentação saudável e tempo ocioso para se dedicarem ao desenvolvimento civilizatório. No litoral e nas ilhas, o contato com outras culturas via comércio marítimo induz a constituição de povos evoluídos. Já nas regiões interiores o homem tem menor fixação com a terra devido ao seu caráter nômade, dificultando a formação de civilizações de nível elevado. Contudo, Euclides sugere que o sertão nordestino se enquadra na categoria das terras fluviais em sua estação chuvosa e como terras áridas no período de estio, devendo então ser uma considerado enquanto uma nova categoria.

Ao atravessá-los no estio, crê-se que entram, de molde, naquela primeira subdivisão; ao atravessá-los no inverno, acredita-se que são parte essencial da segunda.

Barbaramente estéreis; maravilhosamente exuberante...

Na plenitude das secas são positivamente o deserto.

(...) Ao sobrevir das chuvas, a terra, como vimos, transfigura-se em mutações fantásticas, contrastando com a desolação anterior.

(...) E o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono (CUNHA, 2002, p. 85-86).

A apropriação da especulação de Hegel confirma a preocupação de Euclides em criar bases conceituais que corroborem com a ideia de que o homem sertanejo é um ser único gerado pela relação com os agentes naturais próprios do seu meio. A *base geográfica da história universal* é um conceito que está fundamentado em uma noção eurocêntrica da

evolução dos povos, uma vez que o filósofo exclui o continente europeu dessa abordagem. Assim, a Europa seria uma mescla das três categorias, o que a torna um caso especial que proporcionou a formação de um povo mais evoluído em comparação aos demais (HEGEL, 2008 [1837]).

No final de *A Terra*, Euclides inclui o homem enquanto um importante agente erosivo, capaz de modificar drasticamente os ambientes naturais. “Este, de fato, não raro reage brutalmente sobre a terra e entre nós, nomeadamente, assumiu, em todo o decorrer da história, o papel de um terrível fazedor de desertos”. Euclides aponta que o fator antrópico vem agindo na região desde os povos originários, que “Na agricultura primitiva dos silvícolas era instrumento fundamental — o fogo” (CUNHA, 2002, p. 89). O mesmo processo foi intensificado posteriormente pelos bandeirantes e pelo avanço da pecuária para o interior do Brasil, ajudando a transformar o que antes pertencia ao domínio do cerrado em um semi-deserto.

(...) o homem fez-se um componente nefasta entre as forças daquele clima demolidor. Se o não criou, transmudou-o, agravando-o. Deu um auxiliar à degradação das tormentas, o machado do caatingueiro; um supletivo à insolação, a queimada (CUNHA, 2002, p.91-92).

Ainda sobre o tema, Euclides menciona algumas alternativas para minimizar a seca, como o exemplo utilizado pelo Império Romano no norte da África – no que hoje corresponde ao território da Tunísia – onde foram construídos barragens e reservatórios espalhados em pontos estratégicos e ligados por canais. Esse sistema, além de redistribuir a água de forma igual para todo o terreno de interesse, diminui o impacto do escoamento superficial no solo, tornando-o mais propício às práticas agrícolas (CUNHA, 2002, p. 93).

De uma forma geral, *A Terra* apresenta uma síntese dos conhecimentos sobre os aspectos físicos do sertão nordestino existentes no Brasil, apresentando uma típica geografia descritiva praticada no século XIX. Isso fica explícito nas diversas referências ao trabalho de Humboldt, utilizando-o como parâmetro comparativo entre o ambiente sertanejo e os demais existentes no planeta. Um exemplo dessa alusão está na explicação do geógrafo sobre a forma como a natureza combate a formação dos desertos, utilizando o norte africano como objeto empírico (CUNHA, 2002, p. 86-87). Esse ponto em especial é corrigido por ele nas *Notas do Autor*, utilizando para isso a citação de um cientista não identificado:

Penso que se a natureza combate os desertos, apenas o fâcies geográfico modifica as condições extrínsecas do meio. E se violência importa modificação, violar é desobedecer ao preestabelecido. Assim, não há violação contra as leis gerais dos climas, eis o que não padece duvida (CUNHA, 2002[1903], p. 602).

O último capítulo de *A Terra* se dedica a estabelecer uma relação entre o homem e o meio que foi descrito ao longo dessa parte, em uma disputa que a natureza leva vantagem na maioria das vezes. O homem não é um agente nulo nessa relação, ele atua como os demais elementos na tentativa de sobrepujá-los, todavia sem possuir técnicas capazes de alcançar tais objetivos. Nessa concepção, a diversidade humana se dá pela ação do meio nos indivíduos, criando assim leis gerais para justificar a desigualdade social e as diferenças culturais. Essa última pautada em uma perspectiva hierárquica que prioriza os costumes europeus em detrimento das demais civilizações.

Em uma perspectiva geral, *A Terra* apresenta uma análise que coloca os aspectos físicos do ambiente sertanejo como principal elemento que torna o homem que lá vive um ser diferenciado. Nesse processo, é possível notar a influencia do método positivista, principalmente por conta do detalhamento descritivo, mas que busca um diálogo entre conhecimentos de campos variados. Explicado as particularidades da natureza sertaneja, Euclides parte para a construção de sua hipótese acerca dos fatores que determinam e

caracterizaram o homem sertanejo. Assim, o próximo item abordara esses novos elementos de que os distingue, analisando os aspectos biológicos, históricos e culturais que tornaram possível a existência de homens como os que vivem no sertão.

3.2 O Sertanejo na Perspectiva Euclidiana de *O Homem*

Em *O Homem* Euclides apresenta a sua perspectiva acerca dos indivíduos que protagonizaram o episódio de Canudos e em especial Antônio Conselheiro, personagem que aguça a curiosidade do autor quanto a sua capacidade de mobilizar um grande contingente de camponeses do sertão. Para tanto, ele divide o texto em 5 capítulos que abordam um aspecto específico sobre o homem sertanejo e os canudenses. O primeiro trabalha com os processos históricos que contribuem na formação do povo brasileiro. No segundo, é definido o perfil étnico-racial do povo sertanejo. O terceiro aborda os aspectos culturais do sertanejo, indicando os diferentes tipos existentes naquela região. O quarto elabora um perfil psicológico para Antônio Conselheiro em que menciona os fatos mais importantes para a criação desse personagem marcante na cultura sertaneja. Por último, Euclides promove uma análise da vida em Belo Monte-Canudos durante os anos que antecederam o conflito.

O início de *O Homem* apresenta as características étnicas do povo brasileiro a partir do processo de miscigenação. Esse capítulo marca uma das questões mais polêmicas que cercam a obra de Euclides, pois se baseia em teorias datadas e bastante criticadas pelas novas gerações da comunidade científica que se debruçaram sobre o tema. Nele é apresentada uma perspectiva eugênica da distinção dos povos, em que as raças são estratificadas de acordo com seu nível de evolução. Devido à base eurocêntrica do seu pensamento, os povos do velho continente acabam por ser mais valorizados em detrimento dos demais. Assim, a miscigenação é vista de forma negativa para a formação morais de um povo, pois as raças superiores são enfraquecidas com a mistura genética. Portanto, “[...] a gênese das raças mestiças do Brasil é um problema que por muito tempo ainda desafiará o esforço dos melhores espíritos” (CUNHA, 2002, p. 99).

Conhecemos, deste modo, os três elementos essenciais, e, imperfeitamente embora, o meio físico diferenciados — e ainda, sob todas as suas formas; as condições históricas adversas ou favoráveis que sobre eles reagiram. No considerar, porém, todas as alternativas e todas as fases intermédias desse entrelaçamento de tipos antropológicos de graus díspares nos atributos físicos e psíquicos, sob os influxos de um meio variável, capaz de diversos climas, tendo discordantes aspectos e apostas condições de vida, pode afirmar-se que pouco nos temos avantajado (CUNHA, 2002, p. 101).

Euclides inicia sua explanação com as teorias que buscam explicar a chegada do homem na América do Sul, mencionando a ponte de Alêutica³⁶ e o autoctonismo³⁷. Defende então a segunda teoria, citando Wilhelm Lund (1801-1880), Samuel George Morton (1799-1851), Frederico Hartt (1840-1878), Trajano de Moraes (1889) entre outros intelectuais que sustentam o autoctonismo dos povos originários da América. “Erige-se autônomo entre as raças o *homo americanus*” (CUNHA, 2002, p. 100). Cabe destacar que essa teoria foi descartada após o avanço dos estudos arqueológicos sobre a origem do homem americano que indicam para o aloctonismo³⁸ (SELEÇÕES, 2001, p. 43-44).

³⁶ Teoria que defende a hipótese do homem americano ter chegado ao continente vindo da Ásia Oriental para o Alasca, passando pelo estreito de Bering (CUNHA, 2002, p. 99).

³⁷ Teoria que defenda a formação dos povos nativos americanos dentro do próprio continente, sem a hipótese de um processo migratório (CUNHA, 2002, p. 99).

³⁸ É o contrário de autoctonismo. Corresponde aos povos formados por grupos externos originários de processos migratórios (*Dicionário Houaiss conciso*, 2011, p. 45).

Em seguida, o autor apresenta os povos africanos segundo elemento da formação de nossa raça, destacando o negro banto³⁹ ou cafre⁴⁰. Euclides destaca como principais atributos do *homo afer*⁴¹, identificando-os – em uma frase que revela seu entendimento do negro enquanto raça inferior – como “[...] filho das paragens adustas e bárbaras, onde a seleção natural, mais que em quaisquer outras, se faz pelo exercício intensivo da ferocidade e da força” (*idem*, p. 101). Esse trecho indica uma das prerrogativas da perspectiva euclidiana acerca da diferenciação dos povos, que está pautada no darwinismo social e o evolucionismo.

Ele termina mencionando os portugueses enquanto a parte aristocrática do nosso povo, sendo estes herdeiros da “estrutura intelectual do celta”, ignorando outros fatores relevantes para a formação étnica de Portugal, como a influência romana na idade antiga e dos árabes no período medieval. Neste ponto, Euclides reconhece o risco de suas especulações, uma vez que é impossível contemplar todas as variantes de um processo de miscigenação. “Escrevemos todas as variáveis de uma fórmula intrincada, traduzindo sério problema; mas não desvendamos todas as incógnitas” (CUNHA, 2002, p. 101).

Após apresentar as três matrizes étnicas do povo brasileiro, Euclides passa a refletir sobre a complexidade da nossa miscigenação, formando três tipos de brasileiros ao invés de um: “o mulato, o mameluco ou curiboca, e o cafuz”. O pardo passa a ser então o nome genérico para a união destes, sendo compostos por “inúmeras modalidades consoante as dosagens variáveis do sangue” (CUNHA, 2002, p. 102). Todavia, o tema é tratado no livro com muita cautela, pois ele reconhece ser uma “[...] tarefa penosa de subordinar as suas pesquisas a condições tão complexas” que levou os antropólogos dedicados ao tema a cometerem exageros que determinaram “[...] a irrupção de uma meia-ciência difundida num extravagar de fantasias, sobre ousadas, estereis” (*idem*, p. 103).

O final do capítulo é marcado pela combinação das questões étnicas no Brasil com sua evolução enquanto civilização. “A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos” (CUNHA, 2002, p. 104). Assim, Euclides entende que a evolução de nossa civilização passa pelo processo de *branqueamento da raça*, voltando a cair na armadilha conceitual da existência de raças superiores – no caso a de origem europeia – em detrimento de outros grupos formadores. Esse ponto corrobora novamente com as perspectivas geográficas baseada em ideias evolucionistas.

Alguns firmando preliminarmente, com autoridade discutível, a função secundária do meio físico e decretando preparatoriamente a extinção quase completa do silvícola e a influência decrescente do africano depois da abolição do tráfico, prevêm a vitória final do branco, mais numeroso e mais forte, como termo geral de uma série para o qual tendem o *mulato*, forma cada vez mais diluída do negro, e o caboclo, em que se apagam, mais depressa ainda, os traços característicos do aborígine (CUNHA, 2002, 103-104).

Abrindo um paralelo com o artigo *Civilização* – publicado em 1907 no livro *Contrastes e Confrontos* –, Euclides tece uma crítica à afirmação defendida por Spencer de que a sociedade “[...] *recuo para a barbaria*” (CUNHA, 1975.p. 223). Ao longo do texto, o autor cita uma série de inovações nos campos da ciência, tecnologia, idealizações artísticas etc. como argumentos para discordar do filósofo. A perspectiva euclidiana sobre a civilização está pautada na em uma ideia evolucionista que valoriza o avanço tecnológico urbano-industrial e aproxima concepção de Spencer ao que defende Marx ao indicar que, enquanto o homem não for capaz de desenvolver uma organização mais harmônica, ele continuará preso

³⁹ *Banto (bantu)*: grupo étnico afro-negro do qual provieram para o Brasil, como escravos, os angolas, os cambindas, os congos, etc. (CUNHA, 2002, p. 100).

⁴⁰ *Cafre*: habitante da região africana da Cafraria (CUNHA, 2002, p. 100).

⁴¹ *Homo afer*: homem africano (CUNHA, 2002, p. 101).

à barbárie. Assim, ela “[...] é o que se opõe a cultura, que tem o papel de nos tirar da brutalidade de nossa origem animal” (MENEGAT, 2007, p. 28).

Voltando para o tema central do capítulo, Euclides volta a destacar a relação entre o homem e o meio associando as dinâmicas climáticas com os processos históricos que “[...] nos dois primeiros séculos do povoamento embateram as plagas do Norte”, indicando o clima do sertão como um “[...] obstáculos mais sérios que a rota agitada dos mares e das montanhas, na travessia das *caatingas* ralas e decíduas”. Afirmar então que os principais movimentos para o interior do Brasil, promovido pelos jesuítas, bandeirantes paulistas e pela atividade pecuarista – somado ao elemento negro e indígena –, enfrentaram os desafios de sobreviver em um ambiente hostil como o sertão semi-árido, provocando uma adaptação biológica e cultural que caracteriza o homem sertanejo (CUNHA, 2002, p. 107).

Ainda nessa temática, o autor faz uma crítica aos intelectuais que afirmam existir no Brasil uma única influência climática. “Daí os erros em que incidem os que generalizam, estudando a nossa fisiologia própria, a ação exclusiva de um clima tropical” (CUNHA, 2002, p. 112). Contudo, ele apresenta algumas das suas compreensões sobre a ação do fator climático no indivíduo, deixando as pessoas com tendências a “enervações periclitantes, em que pese à acuidade dos sentidos, e mal reparadas ou refeitas pelo sangue empobrecido nas hematoses incompletas...” (*idem*, p. 113). Assim, ele tenta explicar como o nosso organismo reage aos desafios que o meio impõe, em um caminho de “retrocesso evolutivo” para se adaptar e prevalecer enquanto espécie em um ambiente hostil.

Daí todas as idiosincrasias de uma fisiologia excepcional: o pulmão que se reduz, pela deficiência da função e é substituído, na eliminação obrigatória do carbono, pelo fígado, sobre o qual desce pesadamente a sobrecarga da vida: organizações combalidas pela alternativa persistente de exaltações impulsivas e apatias enervadoras, sem a vibratibilidade, sem o *tonus* muscular enérgico dos temperamentos robustos e sangüíneos. A seleção natural, em tal meio, opera-se à custa de compromissos graves com as funções centrais, do cérebro, numa progressão inversa prejudicialíssima entre o desenvolvimento intelectual e o físico, firmando inexoravelmente a vitória das expansões instintivas e visando o ideal de uma adaptação que tem, como conseqüências únicas, a máxima energia orgânica, a mínima fortaleza moral. A aclimação traduz uma evolução regressiva. O tipo depercece num esvaecimento contínuo, que se lhe transmite à descendência até a extinção total. Como o inglês nas Barbadas, na Tasmânia ou na Austrália, o português no Amazonas, se foge ao cruzamento, no fim de poucas gerações tem alterados os caracteres físicos e morais de uma maneira profunda, desde a tez, que se acobreia pelos sóis e pela eliminação incompleta do carbono, ao temperamento, que se debilita despido das qualidades primitivas. A raça inferior, o selvagem bronco, domina-o; aliado ao meio vence-o, esmaga-o, anula-o na concorrência formidável ao impaludismo, ao hepatismo, às pirexias esgotantes, às canículas abrasadoras, e aos alagadiços maleitosos (CUNHA, 2002, p. 113).

A citação acima é mais um trecho que aponta para a influência do darwinismo social e do evolucionismo como perspectiva para o entendimento da diferenciação dos povos. Como afirma Schwarcz (1993, p. 43), desde o ano de 1870 essas teorias vêm sendo introduzidas no cenário brasileiro de forma unívoca, mas com conclusões particulares entre os intelectuais que se ariscavam nessas especulações. Entre elas, a que mais se assemelha com a defendida por Euclides é a *poligenista*, que buscava interpretar o fenômeno das raças por leis biológicas e naturais, ao contrário da *monogenista*, pautada em argumentos de cunho religioso (SCHWARCZ, 1993, p. 48).

Em seguida, Euclides aborda as contribuições históricas para a construção do povo brasileiro, em uma análise comparativa entre os processos ocorridos no norte e no sul do país. “São duas histórias distintas, em que se averbam movimentos e tendências opostas” (CUNHA, 2002, p. 114). Assim, o sul é caracterizado como o representante da modernidade e

o norte como o atrasado, pois ambas constituíam “[...] verdadeiros mundos separados e diferentes que se olhavam com mesmo olhar de estranhamento com que nos olhavam da Europa” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p.53).

Duas sociedades em formação, alheadas por destinos rivais — uma de todo indiferente ao modo de ser da outra, ambas, entretanto, evoluindo sob os influxos de uma administração única. Ao passo que no Sul se debuxavam novas tendências, uma subdivisão maior na atividade, maior vigor no povo mais heterogêneo, mais vivaz, mais prático e aventureiro, um largo movimento progressista em suma — tudo isto contrastava com as agitações, às vezes mais brilhantes mas sempre menos fecundas, do Norte — capitânias esparsas e incoerentes, jungidas à mesma rotina, amorfas e imóveis, em função estreita dos alvarás da corte remota (CUNHA, 2002, p. 114-115).

Para Euclides tal diferença foi provocada principalmente pelas dificuldades do bandeirante em avançar pelo sertão, onde “[...] batia logo de encontro à natureza adversa”. Suas ações no interior nordestino acabaram sendo mais tímidas do que a praticada no sul, tornando o surgimento de povoados bem mais raros nas entradas para o sertão. Assim, os processos históricos que contribuíram na formação do povo sertanejo se deram de forma menos acelerada, mas que se somou a influência mesológica como agente modelador (CUNHA, 2002, p. 119).

Voltando para uma escala nacional, Euclides afirma que a miscigenação das três matrizes do nosso povo se deu de forma desigual nos diversos pontos de nosso território. Esse fato somado aos processos migratórios diversificados entre as regiões “Preparou o advento de sub-raças diferentes pela própria diversidade das condições de adaptação” (CUNHA, 2002, p. 120). Assim, Euclides reafirma sua convicção de que as civilizações são como “grandes organismos coletivos” e que os povos tiveram maior resistência à miscigenação possuem maiores condições de desenvolvimento, pois formam uma unidade.

Neste caso — é evidente — a justaposição dos caracteres coincide com íntima transfusão de tendências e a longa fase de transformação correspondente erige-se como período de fraqueza, nas capacidades das raças que se cruzam, alterando o valor relativo da influência do meio. Este como que estampa, então, melhor, no corpo em fusão, os seus traços característicos. Sem nos arriscarmos demais a paralelo ousado, podemos dizer que, para essas reações biológicas complexas, ele tem agentes mais enérgicos que para as reações químicas da matéria (CUNHA, 2002, p. 120).

Durante suas especulações sobre a ação dos agentes naturais nos caracteres do homem sertanejo, Euclides nos apresenta uma síntese do processo de povoamento do Brasil e em especial da Região Nordeste. Apesar desse mérito, sua abordagem adota deliberadamente os paradigmas científicos vigentes, pautados em bases positivistas e buscando explicações para os fenômenos sociais a partir da influência de métodos de análise advindos das ciências naturais. Cabe ressaltar que nesse momento existiam outras perspectivas científicas conhecidas no Brasil e mencionadas inclusive por Euclides. Durante sua juventude, ele escrevia artigos contra o Império utilizando o pseudônimo de “Proudhon”, em uma clara referência ao filósofo anarquista (ATHAYDE, 1989, p. 145), além dos documentos escritos para o jornal *O Proletário* em que organiza uma cartilha para os trabalhadores em uma explícita referência a Karl Marx (ROSSO, 2009, p. 313). Contudo, quanto o seu objetivo era o de tratar de questões raciais sua opinião tendia para o darwinismo social, como pode ser percebido no artigo *O Brasil Mental*, publicado em 1898 pelo jornal *O Estado de São Paulo* (ROSSO, 2009, p. 331). A proposta euclidiana de estratificar o ser humano em níveis de superioridade sob determinação dos agentes geográficos e biológicos abafou essas influências alternativas, reproduzindo as concepções conservadora acerca da luta de classes em *Os Sertões*, como afirma Prieto:

Assim, o tipo de sertanejo do *Norte* teria se diferenciado como resultante de componentes biogeográficos, como amálgama de uma visão romântico-conservadora sobre o campesinato, historicista em seu fundamento e associada a certo determinismo de matriz positivista em nome de uma interpretação teleológica do progresso e da civilização (PRIETO, 2019, p. 39).

Estabelecida suas concepções acerca dos fatores que interferem na formação dos povos, Euclides passa para a caracterização do homem sertanejo. Defende então que esses homens são fruto da fusão entre os bandeirantes com os povos originais que seguiram uma tendência oposta ao caráter repulsivo do sertão, em que “O meio atraí-os e guardava-os” (CUNHA, 2002, p. 133). Assim, eles aprenderam a usufruir de todos os recursos oferecidos pelo ambiente, demonstrando a capacidade humana de adaptação a um meio hostil.

Raça forte e antiga, de caracteres definidos e imutáveis mesmo nas maiores crises — quando a roupa de couro do vaqueiro se faz a armadura flexível do jagunço — oriunda de elementos convergentes de todos os pontos, porém diversa das demais deste país, ela é inegavelmente um expressivo exemplo do quanto importam as reações do meio (CUNHA, 2002, p. 134).

Assim, Euclides chega ao seu objetivo de traçar o perfil físico e psicológico do homem sertanejo a partir da diferenciação dos variados tipos, com o vaqueiro posto como exemplo maior. “Assim todo sertanejo é vaqueiro” (CUNHA, 2002, p.154). Compara-os aos gaúchos, que exerce sua pecuária em extensas planícies gramíneas que permitem galopes largos, visão ampla do horizonte e o uso de ornamentos pouco funcionais que caracterizam seu perfil.

As suas vestes são um traje de festa, ante a vestimenta rústica do vaqueiro. As amplas bombachas, adrede talhadas para a movimentação fácil sobre os baguaís, no galope fechado ou no corcovar raivoso, não se estragam em espinhos dilaceradores de *caatingas*. O seu poncho vistoso jamais fica perdido, embaraçado nos esgalhos das árvores garranchentas. E, rompendo pelas coxilhas, arreatadamente na marcha do redomão desensofrido, calçando as largas botas russilhonas, em que retinam as rosetas das esporas de prata; lenço de seda encarnado, ao pescoço; coberto pelo sombreiro de enormes abas flexíveis, e tendo à cinta, rebrilhando, presas pela guaiaca, a pistola e a faca — é um vitorioso jovial e forte. O cavalo, sócio inseparável desta existência algo romanesco, é quase objeto de luxo. Demonstra-o o arreamento complicado e espetaculoso. O *gaúcho* andrajoso sobre um “pingo” bem aperado está decente, está corretíssimo. Pode atravessar sem vexames os vilarejos em festa. (CUNHA, 2002, p. 150).

Por outro lado, o vaqueiro tem que enfrentar uma vegetação formada por galhos secos e um relevo acidentado, exigindo grandes habilidades na montaria e na confecção dos utensílios necessários para seu ofício. As dificuldades oferecidas pelo meio o tornaram um indivíduo com extremo conhecimento prático e capacidade de sobreviver com o mínimo necessário.

Atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes. Fez-se homem, quase sem ter sido criança. Salteou-o, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infância, o espantinho das secas no sertão. Cedo encarou a existência pela sua face tormentosa. É um condenado à vida. Compreendeu-se envolvido em combate sem tréguas, exigindo-lhe imperiosamente a convergência de todas as energias. Fez-se forte, esperto, resignado e prático. Aprestou-se, cedo, para a luta (CUNHA, 2002, p.151).

Euclides mostra uma visão cordial para o vaqueiro, valorizando suas habilidades e conhecimentos que o tornam um indivíduo capaz de suportar grandes adversidades ao longo de sua prática diária. Um exemplo desse valor está na sua moral inabalável, que pode ser percebida no momento em que um deles acha um gado desgarrado de outro rebanho. Seguindo um código de conduta rígido, o vaqueiro cria o intruso como os seus até achar o

dono. “[...] não o leva à feira anual, nem o aplica em trabalho algum; deixa-o morrer de velho. Não lhe pertence” (CUNHA, 2002, p. 157).

Se é uma vaca e dá cria, ferra a esta com o mesmo sinal desconhecido, que reproduz com perfeição admirável; e assim pratica com toda a descendência daquela. De quatro em quatro bezerros, porém, separa um, para si. É a sua paga. Estabelece com o patrão desconhecido o mesmo convênio que tem com o outro. E cumpre estritamente, sem juízes e sem testemunhas, o estranho contrato, que ninguém escreveu ou sugeriu. (CUNHA, 2002, p. 157).

Em seguida, Euclides passa a abordar outros aspectos da cultura sertaneja, tais como a vaquejada, evento anual que ocorre entre os meses de junho e julho em que os vaqueiros da região se encontram para a contagem do gado e para a troca de experiências. Nelas ocorrem diversas disputas para testar as habilidades necessárias para o seu ofício, enfrentando os marruás⁴² embrenhados no meio da caatinga.

Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na "vaquejada", trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas convizinhas, que por ali vivem em comum, de mistura, em um compáscuo único e enorme, sem cercas e sem valos (CUNHA, 2002, p. 159).

Fala também sobre as arribadas, espécie de cantoria entoada nos momentos em que a boiada segue com tranquilidade em amplos descampados. Essas cantigas possuem um caráter saudosista em que os vaqueiros relembram as histórias e lendas dos seus antecessores em um canto de tom melancólico.

E prosseguem, em ordem, lentos, ao toar merencório da cantiga, que parece acalentá-los, embalando-os com o refrão monótono:

E cou mansão...
E cou...ê cão!...

ecoando saudoso nos descampados mudos... (CUNHA, 2002, p.161)

Ao descrever as festividades dos sertanejos, Euclides destaca as cavalhadas e mouramas⁴³, que consiste em danças dramatizadas trazidas pelos portugueses e que representam as batalhas entre cristãos e mouros. Além dessas, são mencionadas os sambas, cateretês, choradinho ou baião como as principais manifestações culturais frequentadas pelos vaqueiros quando não estão tocando seu gado pelas veredas do sertão. “[...] divertimentos anacrônicos que os povoados sertanejos reproduzem, intactos, com os mesmos programas de há três séculos” (CUNHA, 2002, p. 163).

Outra riqueza da cultura sertaneja são os desafios travados nos intervalos da música, em que ocorre um duelo de rimas e trava línguas de extrema complexidade. A batalha começa com o desafiante e o que aceita o desafio se apresentando, e “[...] termina quando um dos bardos se engasga numa rima difícil e titubeia, repinicando nervosamente o machete, sob uma avalanche de risos saudando-lhe a derrota” (CUNHA, 2002, p. 165).

Nas horas de Deus, amém,
Não é zombaria, não!
Desafio o mundo inteiro
Pra cantar nesta função!

O adversário retruca logo, levantando-lhe o último verso da quadra:

⁴² Novilhos que ainda não foram castrados (CUNHA, 2002, p. 159).

⁴³ Dança dramática, folclórica, antiqüíssima, em que se enfrentam cristãos e mouros. Foram trazidas pelos colonos portugueses e pertencem ao mesmo gênero das cavalhadas, cheganças de mouros (CUNHA, 2002, p. 163).

*Pra cantar nesta função,
Amigo, meu camarada,
Aceita teu desafio
O "fama" deste sertão!* (CUNHA, 2002, p. 164-165).

Após descrever os momentos alegres do sertanejo, o livro passa a narrar suas vidas com a chegada da seca. “O sertanejo adivinha-a e prefixa-a graças ao ritmo singular com que se desencadeia o flagelo”. É nesse momento que eles mostram toda sua força, enfrentando as adversidades como “um complemento à sua vida tormentosa”, seguindo as “dolorosas tradições que conhece através de um sem-número de terríveis episódios” (CUNHA, 2002, p. 166).

Buckle, em página notável, assinala a anomalia de se não afeiçãoar nunca, o homem, às calamidades naturais que o rodeiam. Nenhum povo tem mais pavor aos terremotos que o peruano; e no Peru as crianças ao nascerem tem o berço embalado pelas vibrações da terra.

Mas o nosso sertanejo faz exceção à regra. A seca não o apavora (CUNHA, 2002, p. 166).

Euclides continua dizendo que essa resistência só termina quando todos os recursos se esvaem e não existe nenhuma probabilidade de chuva. “O sertanejo, assoberbado de reveses, dobra-se afinal”. Nesse momento, ele segue junto ao movimento sazonal dos retirantes em direção às cidades do litoral ou “para quaisquer lugares onde [não matem] o elemento primordial da vida” (CUNHA, 2002, p. 171).

Passam-se meses. Acaba-se o flagelo. Ei-lo de volta. Vence-o saudade do sertão. Remigra. E torna feliz, revigorado, cantando; esquecido de infortúnios, buscando as mesmas horas passageiras da ventura perdida e instável, os mesmos dias longos de transes e provações demoradas (CUNHA, 2002, p.171).

Sobre a questão religiosa, Euclides acentua o quanto esse fator é determinante na forma como os sertanejos conduzem sua vida. Suas práticas diárias estão sempre atreladas a argumentos místicos, em um sincretismo religioso que direciona cada decisão e atitude do sertanejo em “[...] *um caso notável de atavismo* (CUNHA, 2002. p. 173)”. O livro trata essa relação como um dos motivos para o atraso civilizatório da região, pois a religião não permite que a ciência surja como argumento para explicação dos fenômenos naturais e sociais.

O círculo estreito da atividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, evadido de misticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do africano. E o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios emocionais distintos.

A sua religião é como ele — mestiça (CUNHA, 2002. p.171-172).

Nessa argumentação, Euclides utiliza termos depreciativos baseados em concepções aceitas em seu tempo, demonstrando o embate existente até hoje entre os argumentos científicos e religiosos para a compreensão da existência e dos eventos. Partindo desse princípio, o livro apresenta suas justificativas para os acontecimentos de Canudos e os elementos que tornaram possível a unidade que os canudenses demonstraram ao longo de sua existência.

O homem dos sertões — pelo que esboçamos — mais do que qualquer outro, está em função imediata da terra. É uma variável dependente no jogar dos elementos. Da consciência da fraqueza para os debelar resulta, mais forte, este apelar constante para o maravilhoso, esta condição inferior de pupilo estúpido da divindade. Em paragens mais benéficas a necessidade de uma tutela sobrenatural não seria tão imperiosa. Ali, porém, as tendências pessoais como que se acolchetam às vicissitudes externas, e deste entrelaçamento resulta, copiando o contraste que

observamos entre a exaltação impulsiva e a apatia enervadora da atividade, a indiferença fatalista pelo futuro e a exaltação religiosa. Os ensinamentos dos missionários não poderiam exercitar-se estremes das tendências gerais da sua época. Por isto, como um palimpsesto, a consciência imperfeita dos matutos revela nas quadras agitadas, rompendo dentre os ideais belíssimos do catolicismo incompreendido, todos os estigmas de estádio inferior (CUNHA, 2002, p.175).

Após trabalhar todos os aspectos relevantes na reconstrução do sertanejo e do canudense enquanto indivíduo e unidade, Euclides inicia suas argumentações acerca dos elementos que compõe o personagem maior do episódio de Canudos, Antônio Conselheiro. São repassados então fatos que marcaram sua vida como a guerra entre as famílias Araújo e Maciel, em que seus pais morrem assassinados. Descreve também os episódios da falência da mercearia que herdara e o adultério de sua esposa em meados de 1861, estopins para a construção da figura de Conselheiro enquanto andarilho e religioso. Apesar de enxergar neste homem traços morais negativos – em função da sua postura contra a república e o avanço civilizatório em direção ao sertão –, Euclides percebia a existência de um grande homem a serviço da causa errada. “[...] mas de algum modo lúcido em todos os atos, impressionando pela firmeza nunca abalada e seguindo para um objetivo fixo com finalidade irresistível” (CUNHA, 2002, p. 186).

Conselheiro é caracterizado então como um representante de um catolicismo arcaico, “Um heresiarca do século II em plena idade moderna” (CUNHA, 2002, p. 204). Construindo sua fama como um representante de um atavismo⁴⁴ religioso a partir de discursos pautado em crenças sebastianistas⁴⁵ misturadas a uma espécie de “refluxo do cristianismo para o seu berço judaico” (*idem*, p. 204). Essa perspectiva pode ser percebida em um trecho de pregação feita pelo profeta:

Em verdade vos digo, quando as nações brigam com as nações, o Brazil com o Brazil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prussia com a Prussia, das ondas do mar D. Sebastião sahirá com todo o seu exercito.

Desde o princípio do mundo que encantou com todo seu exercito e o restituiu em guerra.

E quando encantou-se afincou a espada na pedra, ella foi até os copos e elle disse: Adeus mundo!

Até mil e tantos a dois mil não chegarás!

Neste dia quando sahir com o seu exercito tira a todos no fio da espada deste papel da Republica. O fim desta guerra se acabará na Santa Casa de Roma e o sangue hade ir até á junta grossa... (CUNHA, 2002, p. 204).

Com esse tipo de discurso, Conselheiro exerceu grande poder atrativo nas populações mais carentes do sertão baiano que passaram a segui-lo e a fazer parte da comunidade de Canudos, “[...] partindo de todos os pontos, turmas sucessivas de povoadores convergentes das vilas e povoados mais remotos” (GALVÃO, 2016, p. 173). Ainda sobre o líder religioso, Euclides descreve como suas atitudes reverberavam pelo sertão:

Acompanhado de duas professas, vive a rezar terços e ladainhas e a pregar e a dar conselhos às multidões, que reúne, onde lhe permitem os párocos; e, movendo sentimentos religiosos, vai arrebanhando o povo e guiando-o a seu gosto. Revela ser homem inteligente, mas sem cultura (CUNHA, 2002, p. 197).

Euclides finaliza essa etapa do livro abordando os antecedentes da Guerra de Canudos. Menciona então que o lugar foi uma antiga fazenda que servia de paragem para viajantes que atravessavam as estradas existentes no local, muitos destes, “como a maioria dos que jazem

⁴⁴ Reaparição de características de algum antepassado remoto que não estavam presentes em ascendentes diretos (Dicionário Houaiss, 2011, p. 92).

⁴⁵ Crença no retorno do rei português do século XV D. Sebastião.

desconhecidos pelos nossos sertões, muitos germens da desordem e do crime”. Contudo o lugar estava “em plena decadência quando lá chegou aquele em 1893”, mantendo a tradição desordeira do lugar (GALVÃO, 2016, p. 172).

Ao vislumbrar o local, Conselheiro viu ali um “[...] lugar sagrado, cingido de montanhas, onde não penetraria a ação do governo maldito”. A topografia de fato favoreceu a causa do messias, que precisava de um lugar escondido onde pudesse por em prática suas ideias sem interferências e que pudesse servir a sua intenção de que o relevo aguçasse “[...] a imaginação daquelas gentes simples como o primeiro degrau, amplíssimo e alto, para os céus...” (CUNHA, 2002, p. 214).

Euclides tece em seguida sua impressão negativa a primeira vista do arraial, descrito como um lugar onde “A urbs monstruosa, de barro, definia bem a civitas sinistra do erro. O povoado novo surgia, dentro de algumas semanas, já feito ruínas” (CUNHA, 2002, p. 216). Sobre as moradias em que os canudenses viviam, ele traça como principal característica a simplicidade dessas construções, comparando-as às existentes nas sociedades tribais africanas e nas moradias dos plebeus na Roma Antiga.

Nada mais. De nada mais necessitava aquela gente. Canudos surgia com a feição média entre a de um acampamento de guerreiros e a de um vasto *kraal* africano. A ausência de ruas, as praças que, à parte a das igrejas, nada mais eram que o fundo comum dos quintais, e os casebres unidos, tornavam-no como vivenda única, amplíssima, estendida pelas colinas, e destinada a abrigar por pouco tempo o clã tumultuário de Antônio Conselheiro (CUNHA, 2002, p. 218).

Ainda sobre o aspecto do arraial, Euclides destaca o choque entre as paisagens avistadas pelo caminho e a realidade de Canudos, onde de início “[...] acreditaria topar uma rancharia esparsa de vaqueiros inofensivos. Atingia, de repente, a casaria compacta, surpreso, como se caísse numa tocaia” (CUNHA, 2002, p. 220). Segundo o próprio, ao chegar a Canudos “O sertanejo simples transmudava-se, penetrando-o, no fanático destemeroso e bruto. Absorvia-o a psicose coletiva” (*idem*, p. 221).

Nada queriam desta vida. Por isto a propriedade tornou-se-lhes uma forma exagerada do coletivismo tribal dos beduínos: a apropriação pessoal apenas de objetos móveis e das casas, comunidade absoluta da terra, das pastagens, dos rebanhos e dos escassos produtos das culturas, cujos donos recebiam exígua quota-parte, revertendo o resto para a “companhia”. Os recém-vindos entregavam ao Conselheiro noventa e nove por cento do que traziam, incluindo os santos destinados ao santuário comum. Reputavam-se felizes com a migalha restante. Bastava-lhes de sobra. O profeta ensinara-lhes a temer o pecado mortal do bem-estar mais breve. Voluntários da miséria e da dor, eram venturosos na medida das provações sofridas. Viam-se bem, vendo-se em andrajos. Este desprendimento levado às últimas conseqüências chegava a despi-los das belas qualidades morais, longamente apuradas na existência patriarcal dos sertões. Para Antônio Conselheiro — e neste ponto ele ainda copia velhos modelos históricos — a virtude era como que o reflexo superior da vaidade. Uma quase impiedade. A tentativa de enobrecer a existência na terra implicava de certo modo a indiferença pela felicidade sobrenatural iminente, o olvido do além maravilhoso anelado (CUNHA, 2002, p. 222).

Sobre o padrão violento e apto ao confronto que os canudenses demonstraram ao longo do conflito, Euclides destaca a importância do fanatismo religioso como importante motivador. Outro fator é que muitos dos seguidores de Conselheiro já eram ambientados em combates nos conflitos existentes no meio rural como guarda dos senhores de terras.

Por fim as armas — a mesma revivescência de estádios remotos: o facão jacaré, de folha larga e forte; a parnaíba dos cangaceiros, longa como uma espada; o ferrão ou guiada, de três metros de comprimento, sem a elegância das lanças, reproduzindo os piques antigos; os cacetes ocos e cheios pela metade de chumbo, pesados como montantes; as bestas e as espingardas (CUNHA, 2002, p. 217).

O canudenses viram na causa de Conselheiro uma forma de se redimirem dos seus crimes, emprestando toda sua experiência em batalhas naquele terreno em prol de Canudos. Todos que passaram a viver no arraial se identificaram enquanto jagunços, apesar da origem do termo ser utilizado “[...] aos turbulentos de feira, aos valentões das refregas eleitorais e saqueadores de cidades” (CUNHA, 2002, p. 221).

Ao apontar o caráter religioso como importante elemento da identidade canudense Euclides descreve que “Lá se firmou logo um regime modelado pela religiosidade do apóstolo extravagante” (CUNHA, 2002, p. 221), indicando que as leis e os códigos de conduta dessa comunidade estavam atrelados às concepções e crenças de Conselheiro. Seus seguidores são relatados como indivíduos que aceitavam essas normas sem questionar e “resumia o mundo na linha de serranias que a cingiam. Não cogitava de instituições garantidoras de um destino na terra” (*idem*, p. 222).

Esse regime severo tinha efeito duplo: tornava, pela própria debilidade, mais vibrátil a enervação enferma dos crentes e preparava-os para as aperturas dos assédios, talvez previstos. Era, talvez, intenção recôndita de Antônio Conselheiro. Nem de outro modo se compreende que permitisse assistissem no arraial indivíduos cuja índole se contrapunha à sua placabilidade humilde (CUNHA, 2002, p. 224).

Euclides descreve que o povoado era regido com severidade e por princípios “[...] em que as leis eram o arbítrio do chefe e a justiça as suas decisões irrevogáveis” (CUNHA, 2002, p. 221). A liderança de Conselheiro era efetiva e capaz de criar uma unidade que tornou a cadeia do arraial um espaço quase inutilizado, servindo para os que “[...] haviam cometido a leve falta de alguns homicídios os que haviam perpetrado o crime abominável de faltar às rezas” (*idem*, p. 224). Algumas inversões de valores podem ser notadas nesse quesito, indicando a centralidade das concepções do seu líder.

Inexorável para as pequenas culpas, nulíssima para os grandes atentados, a justiça era, como tudo o mais, antinômica, no clã policiado por facínoras. Visava uma delinqüência especial, traduzindo-se na inversão completa do conceito do crime. Exercitava-se, não raro duramente, cominando penas severíssimas sobre leves faltas. O uso da aguardente, por exemplo, era delito sério. Ai! Dipsomaniaco incorrigível que rompesse o interdito imposto! (CUNHA, 2002, p.224-225).

Euclides continua ao longo de *O Homem* abordando os aspectos culturais de Canudos, se aprofundando na religiosidade e nas convicções praticadas no arraial. Menciona então o relatório feito pelo Frei Monte Marciano, que participou de uma missão com o objetivo de convencer aqueles indivíduos de deixarem a causa de Conselheiro. Assim, os missionários confrontam o messias na frente de seus seguidores, argumentando que se eles seguem os dogmas católicos devem “[...] considerar que a Igreja condena as revoltas e, aceitando todas as formas de governo ensina que os poderes constituídos regem os povos em nome de Deus” (GALVÃO, 2016, p. 197). A resposta veio dos próprios jagunços: “– V. Revma. é que tem uma falsa doutrina e não o nosso Conselheiro” (*idem*, p. 198). A missão durou entre 13 a 20 de maio de 1896, sendo um exemplo do ambiente tenso que antecedeu a Guerra de Canudos.

Em resumo, *O Homem* apresenta a perspectiva euclidiana sobre os indivíduos que protagonizaram o evento de Canudos, utilizando para isso argumentos etnológicos, históricos e culturais. Nela se encontra os trechos mais polêmicos do livro, sendo criticado por gerações de antropólogos e sociólogos posteriores quanto a sua opção pelo darwinismo social, uma vez que Euclides teve contato com pontos de vistas alternativos, mas escolheu uma abordagem que entende a desigualdade dos povos estabelecida por leis universais que naturalizavam as ações humanas. Assim, o povo brasileiro é composto por indivíduos inferiores devido ao processo de miscigenação e reação biológica as intempéries do meio. Seu olhar para o sertanejo inverte essa lógica, pois este é posto como um povo forte e capaz de suportar as maiores adversidades oferecidas pela natureza, valorizando seus aspectos culturais e sua fibra

moral. Porém, o perfil criado para os indivíduos que integraram o movimento social de Canudos é colocado em um tom deveras negativo, sendo esses traçados como fanáticos religiosos com sérios desequilíbrios intelectuais e morais que seguiam um líder excêntrico e poderoso no que tange a capacidade de mobilização das massas, mas que apresentaram grande tenacidade e inteligência em sua estratégia de batalha.

Desse modo, Euclides parte para a última etapa do livro, em que relata os acontecimentos da Guerra de Canudos, partindo da narrativa das primeiras expedições a partir de fontes indiretas como jornais e depoimentos – até a quarta expedição, em que expõe suas impressões ao se deparar com os momentos finais do conflito.

3.3 A Geografia na Perspectiva Militar de *A Luta*.

Nessa parte do livro, Euclides apresenta a sua versão sobre os acontecimentos de Canudos. Para tanto, ele faz um levantamento minucioso dos indivíduos que protagonizaram o evento – de ambos os lados –, destacando suas funções e feitos ao longo de sua narrativa. *A Luta* é dividida então em seis partes que são separadas de acordo com as fases do conflito. A primeira – também chamada de *Preliminares* – aborda os fatos que precederam o conflito e o fracasso da primeira expedição organizada pelo Governo da Bahia. A segunda recebeu o nome de *Travessia do Cambaio* e foi dedicada ao episódio da segunda expedição. Em seguida, Euclides narra a *Expedição Moreira Cesar*, em que aborda o fracasso da primeira expedição organizada em pelo exército nacional. A quarta parte – tendo como título *Quarta Expedição* – aborda os preparativos para a segunda expedição organizada pelo exército nacional. Em *Nova Fase da Luta*, Euclides relata as reviravoltas no resultado dos embates entre os soldados republicanos e os jagunços. Na sexta e última parte – chamado de *Últimos Dias* –, o autor relata o momento final da Guerra e a barbárie que acompanhou seu desfecho.

De uma forma geral, essa parte do livro é a que mais se assemelha como conteúdo de *Diário de uma Expedição* analisado no capítulo II. A diferença entre eles está principalmente nas primeiras fases do conflito, pois em *Os Sertões* Euclides apresenta uma pesquisa mais completa dos acontecimentos – acumuladas ao longo dos três anos em que se dedica a escrita do livro. Já os trechos referentes à quarta expedição são bem próximos do que foi descrito por ele nas cartas de 1897, porém com uma organização mais didática para o leitor, uma vez que diferente das cartas – que foram escritas em uma atmosfera de incertezas sobre os rumos da batalha –, ela possui uma maior continuidade argumentativa entre os capítulos que visava apresentar o desfecho trágico que o conflito tomou.

Essa parte do livro é iniciada abordando os acontecimentos que provocaram o primeiro revés entre os canudenses e o exército republicano. Segundo o relato, apesar da fama de desordeiros e do latente descontentamento da elite e dos líderes religiosos locais, ainda não existiam motivos explícitos que justificassem uma repressão efetiva contra o arraial. Contudo, o não cumprimento de uma entrega de madeira encomendada por Conselheiro para a construção de uma igreja se tornou a desculpa necessária para o início da ofensiva contra Canudos. “Tudo denuncia que o distrato foi adrede feito, visando o rompimento anelado” (CUNHA, 2002, p 253). Boatos de uma iminente invasão dos canudenses a Juazeiro para cobrar a madeira encomendada começaram a surgir nas proximidades e provocou a reação antecipada das autoridades locais, que organizaram a primeira expedição contra Canudos em 4 de novembro de 1896, como é relatado pelo general Frederico Solon, comandante do Terceiro Distrito Militar da Bahia:

A 4 de novembro do ano findo (1896) em obediência à ordem já referida, prontamente satisfiz a requisição, pessoalmente feita pelo dr. governador do Estado, de uma força de cem praças da guarnição para ir bater os fanáticos do arraial de Canudos, asseverando-me que, para tal fim, era aquele número mais que suficiente.

Confiando no inteiro conhecimento, que ele devia ter, de tudo quanto se passava no interior de seu Estado, não hesitei; fazendo-lhe apresentar, sem demora, o bravo tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, do 9.º Batalhão de Infantaria, a fim de receber as suas ordens e instruções, o qual, para cumpri-las, seguiu, a 7 do dito mês, para Juazeiro, ponto terminal da estrada de ferro, na margem direita do rio S. Francisco, comandando três oficiais e 104 praças de pré daquele Corpo, conduzindo apenas uma pequena ambulância, fazendo eu seguir logo depois um médico com mais alguns recursos para o exercício de sua profissão. O mais correu pelo Estado (CUNHA, 2002, p. 255).

Relata então que cerca de cem homens partiram de Juazeiro no dia 12 de novembro em direção a Canudos, enfrentando grandes dificuldades em se deslocar pelas trilhas acidentadas, pelos galhos secos da caatinga e a forte insolação daquelas paragens durante o dia, que é intensificada pela falta de cobertura vegetal. Esse ponto é um ótimo exemplo para o entendimento dos preceitos da Geografia euclidiana, que apresenta a análise descritiva da terra para indicá-la enquanto um obstáculo às ações humanas. No caso em especial, Euclides demonstra as penúrias enfrentadas pelos militares ao enfrentarem dois inimigos, os canudenses e o meio.

De sorte que logo em princípio o comandante reconheceu inexecutável dar à marcha uma norma capaz de poupar as forças das praças. No sertão, mesmo antes do pleno estio, é impossível o caminhar de homens equipados, ajoujados de mochilas e cantis, depois das dez horas da manhã. Pelos tabuleiros o dia desdobra-se abrasador, sem sombras; a terra nua reverbera os ardores da canícula, multiplicando-os; e sob o influxo exaustivo de uma temperatura altíssima aceleram-se de modo pasmoso as funções vitais, determinando assaltos súbitos de cansaço. Por outro lado raro é possível o itinerário disposto de maneira a aproveitarem-se as horas da madrugada ou da noite. É forçoso avançar a despeito das soalheiras fortes até às cacimbas dos pousos dos vaqueiros (CUNHA, 2002, p.256).

As tropas chegaram à cidade de Uauá no dia 19 de novembro exaustas da penosa viagem, planejando partir para Canudos no dia seguinte. O que o exército não sabia era que os arredores de Canudos estavam repletos de apoiadores da causa de Conselheiro, que rapidamente avisaram da chegada do visitante indesejado, provocando a reação imediata dos canudenses. Assim, em 21 de novembro os militares são surpreendidos por cerca de três mil indivíduos carregando entre bandeiras do divino e uma grande cruz de madeira, foices e espingardas velhas. “Renunciaram, por isto, transcorrido algum tempo, à operação inexecutável. Caíram sobre os contrários, de facão desembainhado e ferrão em riste, vibrando as foices reluzentes” (CUNHA, 2002, p. 261). Apesar do maior número de baixas, os revoltosos conseguiram provocar a debandada do exército.

Entre estes, dezenas de sertanejos — 150 — diz a parte oficial do combate, número desconforme ante as dez mortes — um alferes, um sargento, seis praças e os dois guias — e dezesseis feridos da expedição. Apesar disto, o comandante, com setenta homens válidos, renunciou prosseguir na empresa. Assombrara-o o assalto. Vira de perto o arrojo dos matutos. Apavorara-o a própria vitória, se tal nome cabe ao sucedido, pois as suas conseqüências o desanimavam. O médico da força enlouquecera... Desvairara-o o aspecto da peleja. Quedava-se, inútil, ante os feridos, alguns graves (CUNHA, 2002, p. 262).

Um ponto destacado em diversos momentos do livro diz respeito a forma como os jagunços se beneficiavam do conhecimento que tinham do meio no campo de batalha, em que os elementos da natureza “[...] Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agriem. [...] As *caatingas* não o escondem apenas, amparam-no” (CUNHA, 2002, p. 267). Nessa abordagem, pode-se perceber que Euclides entendia os canudenses e o meio como um elemento único, em uma espécie de simbiose entre homem e natureza que os

permitiam utilizar a vegetação e o relevo como recursos militar contra o exército inimigo, armando tocaias e se camuflando com extrema eficiência.

De repente, pelos seus flancos, estoura, perto, um tiro...

A bala passa, rechinante, ou estende, morto, em terra, um homem. Sucedem se, pausadas, outras, passando sobre as tropas, em sibilos longos. Cem, duzentos olhos, mil olhos perscrutadores, vovvem-se, impacientes, em roda. Nada vêem (CUNHA, 2002, p. 267).

Em seguida, Euclides analisa o episódio intitulado “Travessia do Cambaio”, em que o exército brasileiro sofre nova derrota para os jagunços. Apesar de estar com um maior contingente, “[...] 543 praças, 14 oficiais combatentes e 3 médicos”, e municiados com melhores armas, incluindo “[...] dois canhões *Krupp 7 ½* e duas metralhadoras *Nordenfeldt*”, a segunda expedição cometeu o grave erro de subestimar a capacidade dos canudenses de se prepararem para os combates que viriam. A confiança do exército era tanta que um dia antes do planejado para a invasão de Canudos eles deram uma festa em Monte Santo – doze de janeiro de 1897 –, sendo observados por vários adeptos e apoiadores da causa de Conselheiro, “[...] encapotados, contemplando tudo aquilo com ironia cruel, certos do prelúdio hilariante de um drama doloroso. O profeta não podia errar: a sua vitória era fatal” (CUNHA, 2002, p. 281).

Ao descrever a Serra do Cambaio – por onde passa a estrada escolhida como caminho pela segunda expedição –, Euclides chama a atenção para seu aspecto peculiar comparado a “um desses monumentos rudes” esculpidos pelos agentes erosivos (CUNHA, 2002, p. 292), citando o relato do tenente-coronel Durval de Aguiar para reafirmar sua impressão: “serras de pedra naturalmente sobrepostas formando fortalezas e redutos inexpugnáveis com tal perfeição que parecem obras de arte” (*idem*, p. 291). Apesar da impressionante característica geológica dessa paisagem, ela se mostrou um grande entrave para o deslocamento das tropas e seus canhões, ao mesmo tempo em que favorecia as tocaias armadas pelos jagunços.

Ao longo da marcha em direção a Canudos, o exército teve que enfrentar as armadilhas inimigas, que se misturavam à caatinga e ao relevo acidentado para se fazerem invisíveis aos olhos da tropa. Euclides destaca o papel de João Grande nesse episódio, líder dos canudenses nesse combate e modelo de bravura e inteligência tática para seus comandados.

Certos da inferioridade de seu armamento bruto, pareciam desejar apenas que ali ficassem, como ficaram, a maior parte das balas destinadas a Canudos. E falseavam a peleja franca. Via-se entre eles, sopesando o clavinote curto, um negro corpulento e ágil. Era o chefe, João Grande. Desencadeava as manobras, estadeando ardilezas de facínora provento nas correrias do sertão... Imitavam-lhe os movimentos, as carreiras, os saltos, as figurações selvagens, os sertanejos amotinados — num vaivém de avançadas e recuos, ora dispersos, ora agrupados, ou desfilando em fileiras sucessivas, ou repartindo-se extremamente rarefeitos; e a rojões, rolandes pelos pendores, subindo, descendo, atacando, fugindo, baqueando trespassados de balas, muitos; mal feridos, outros, em plena descida, e rolando até ao meio das praças, que os acabavam a coice de armas (CUNHA, 2002, p. 295-296).

Apesar da vitória do exército brasileiro nesse combate, o despreparo para aquele tipo de luta provocou grande desgaste nas tropas. Mesmo assim, eles seguiram em marcha para Canudos nos dias seguintes da batalha. Durante esse percurso o exército obteve nova vitória contra os jagunços, que dessa vez eram liderados por João Abade. Apesar da diminuição momentânea dos brios canudenses devido às sucessivas derrotas, outro importante combatente entrou em ação, conhecido como Pajeú.

Capitaneava-os, agora, um mestiço de bravura inextinguível e ferocidade rara, Pajeú. Legítimo cafuz, no seu temperamento impulsivo acolchetavam-se todas as tendências das raças inferiores que o formavam. Era o tipo completo do lutador

primitivo —ingênuo, feroz e destemeroso —, simples e mau, brutal e infantil, valente por instinto, herói sem o saber — um belo caso de retroatividade atávica, forma retardatária de troglodita sanhudo apurando-se ali com o mesmo arrojo com que, nas velhas idades, vibrava o machado de sílex à porta das cavernas... (CUNHA, 2002, p. 304-305).

Com o novo líder, os jagunços surpreenderam novamente o exército republicano, em que “Este bárbaro ardiloso distribuiu os companheiros pelas *caatingas*, ladeando as colunas” (CUNHA, 2002, p. 305). Assim as tropas ficaram presas na estrada do Cambaio, sendo alvejados por intenso tiroteio inimigo. Esse cenário fez com que os militares sofressem um desmembramento completo de sua organização militar, caindo em retirada desordenada. “Não havia um homem válido. Aqueles mesmos que carregavam os companheiros sucumbidos claudicavam, a cada passo, com os pés sangrando, varados de espinhos e cortados pelas pedras” (CUNHA, 2002, p. 307).

A segunda expedição deixou claro o despreparo do governo baiano em lidar com o problema, pois esses acontecimentos propagaram uma imagem extremamente negativa para a República Brasileira. Tal conjuntura exigiu do governo federal uma efetiva intervenção no conflito, sendo convocados os heróis combatentes da Revolução Federalista⁴⁶ (1893-1895) – os coronéis Moreira Cesar e Tamarindo – para organizarem uma nova expedição a Canudos. “Eram ao todo 1.281 homens — tendo cada um 220 cartuchos nas patronas e cargueiros, à parte a reserva de 60 mil tiros no comboio geral” (CUNHA, 2002, p. 334).

Moreira Cesar decidiu guiar suas tropas por outro caminho, seguindo na direção nordeste de Monte Santo, onde firmariam parada na vila do Cumbe – localizada entre as Serra Grande e Serra Branca – e no sítio do Rosário, próximo a Serra do Aracari. Mesmo tentando evitar os trechos favoráveis à estratégia jagunça, o exército voltou a cometer o erro de subestimar a organização e tenacidade dos seus inimigos. Não contaram também com o crescimento populacional de Canudos após o episódio da Travessia do Cambaio.

Canudos aumentara em três semanas de modo extraordinário. A nova do último triunfo sobre a expedição Febrônio, avolumada pelos que a espalhavam, romanceada já de numerosos episódios, destruíra as últimas vacilações dos crentes que até então tinham temido procurar o falanstério de Antônio Conselheiro (CUNHA, 2002, p. 326).

Antes de narrar os acontecimentos da terceira expedição, Euclides descreve a organização dos canudenses, abordando como estes souberam se preparar para a nova fase do conflito que viria. Assim, relata a divisão do trabalho no arraial, separados de acordo com a aptidão de cada indivíduo. Organizavam-se então grupos de piquetes de vigilantes de vinte homens que se espalhavam por diversos pontos estratégicos “[...] em Cocorobó, junto à confluência do Macambira, na baixada das Umburanas e no alto da Favela, a fim de renderem os que ali haviam atravessado a noite” (CUNHA, 2002, p. 327). Os menos aptos ao combate eram dirigidos para as plantações às margens do Vaza-Barris ou para as obras das igrejas. Um grupo seletivo de indivíduos “mais ardilosos e vivos” era enviado para longe do arraial – Monte Santo, Cumbe, Queimadas etc. – com a missão de confabular com seus apoiadores para obterem informações acerca das movimentações do inimigo, negociar armamentos e contrabandear outros recursos de necessidade (*idem*, p. 328).

A expedição de Moreira Cesar percorreu longo caminho até avistar Canudos do alto da Serra do Aracari, acreditando em uma vitória rápida, mas se depararam com uma defesa estrategicamente montada a sua espera. O primeiro encontro foi em Pitombas, onde os inimigos foram rechaçados rapidamente e deixaram para trás armamentos rudes que convenceram os soldados de que enfrentavam um inimigo com extrema fragilidade bélica.

⁴⁶ Guerra Civil que ocorreu no Sul do Brasil logo após a Proclamação da República.

Assim, os militares caíram em uma “[...] ebbriez mental perigosíssima, que estonteia o soldado duplamente fortalecido pela certeza da própria força e a licença absoluta para as brutalidades máximas (CUNHA, 2002, p. 344).

As tropas chegaram a Angico – penúltima vila antes de Canudos – onde fizeram a última parada antes de promoverem o ataque ao arraial. Ali eles determinaram os detalhes finais para o assalto e partiram em direção a Umburana e em seguida para o alto da Favela, morro que serviria de ponto de partida para o combate. Assim, deu-se início a invasão.

Chegaram primeiro a vanguarda do 7.º e a artilharia, repulsando violento ataque pela direita, enquanto o resto da infantaria galgava as últimas ladeiras. Mal atentaram para o arraial. Os canhões alinharam-se em batalha, ao tempo que chegavam os primeiros pelotões embaralhados e arfando — e abriram o canhoneio disparando todos a um tempo, em tiros mergulhantes (CUNHA, 2002, p. 348).

Euclides explica a fragilidade da ordem de batalha utilizada pelo exército nesse episódio, baseada em estratégias de combate realizadas em campo aberto, “[...] em que a superioridade do número e da bravura, excluindo manobras mais complexas, permitem, em terreno uniforme, a ação simultânea e igual de todas as unidades combatentes” (CUNHA, 2002, p. 350). Contudo, a geografia daqueles arredores se mostrou um grande empecilho aos planos do exército. “A previsão de tais inconvenientes, entretanto, não requeria vistas aquilinas de estrategista emérito. Revelaram-se nos primeiros minutos da ação” (*idem*, p. 352). O ataque a Canudos fez as tropas caírem na armadilha montada pelos jagunços, no que chamou de cidadela-mundéu⁴⁷. Esse ponto é mais um demonstrativo da importância dos conhecimentos geográficos para as ações militares, pois foi devido à ignorância desse fator que fez o exército cair na armadilha dos canudenses.

Assim, o que tinha sido planejado como um ataque unificado acabou por se dividir em combates parciais, em que os jagunços aproveitavam a fragilidade das paredes das casas de taipa para se esconderem e executarem disparos sem serem vistos. Essa estratégia se mostrou extremamente eficiente e minou a confiança dos soldados, obrigando uma atitude arriscada do seu general em busca de retomar o brio dos seus combatentes. Em sua investida, Moreira Cesar acaba sendo atingido por um tiro que culminou em sua morte e em um novo fracasso do exército republicano.

E foi uma debandada.

Oitocentos homens desapareciam em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas, em que se estorciam feridos: jogando fora as peças de equipamento; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos errados, correndo pelas estradas e pelas trilhas que as recortam, correndo para o recesso das *caatingas*, tontos, apavorados, sem chefes... (CUNHA, 2002, p. 367).

A debandada promovida pelo exército brasileiro foi uma grande vitória para os seguidores de Conselheiro, que viram seu arsenal bélico aumentado significativamente com os espólios das batalhas. Além de levaram para o arraial os quatro canhões *Krupps* armados no Alto da Favela, “[...] substituíram nas mãos dos lutadores da primeira linha as espingardas velhas de carregamento moroso pelas *Mannlichers* e *Comblains* fulminantes” (CUNHA, 2002, p. 370).

A repercussão dos acontecimentos em Canudos gerou grande agitação nos principais centros urbanos do país, que foram infestados de manchetes de jornais que atualizavam a população sobre a Guerra. Muitas destas eram envoltas de versões fantasiosas e sobre um falso heroísmo dos combatentes que lutavam pelo exército republicano. Foi nesse clima de incertezas e contradições que a quarta expedição a Canudos começou a ser organizada.

⁴⁷ Cidade-armadilha (CUNHA, 2002, p. 352).

Nessa nova expedição foram convocados batalhões de diversas partes do Brasil, demonstrando que o governo republicano do então presidente Prudente de Moraes passou a levar a sério o conflito. Euclides comenta sobre o aparente despreparo dos batalhões que chegaram a Queimadas – primeiro local de concentração das tropas –, em que “Faltava tudo. Não havia um serviço de fornecimento organizado, [...] Não havia um serviço de transporte suficiente para cerca de cem toneladas de munições de guerra” (CUNHA, 2002, p. 389). Criticou também a deficiência nos equipamentos dos soldados, “[...] com o armamento estragado e carecendo das noções táticas mais simples. Era preciso completá-los, armá-los, vesti-los, municia-los, adestrá-los e instruí-los” (*idem*, p. 389).

Como mencionada na análise das correspondências presentes no capítulo II, a quarta expedição é marcada pela reviravolta do exército brasileiro nas batalhas, mas não no primeiro momento. Apesar do número bem superior de contingente e armas, a falta de organização continuava a ser um grande empecilho para o sucesso da expedição. Contudo, o investimento do estado na campanha ganhara uma proporção que extrapolava em demasia a capacidade de resistência de Canudos, o que iniciou “uma nova fase da luta” (CUNHA, 2002, p. 513). É nesse momento que o livro chega a seu clímax, em que Euclides deixa explícito toda a sua intenção oculta durante as linhas anteriores. Isso ocorre porque a partir desse ponto ele passa a narrar os fatos que presenciara e registrara nas cartas, telegramas e anotações de sua caderneta, mas que agora faziam parte de um enredo traçado ao longo de toda a obra.

É nesse ponto que Euclides formula o termo “ficção geográfica”, expressão icônica de sua obra e cheia de significados. Apesar de entendido como uma espécie de distorção da realidade vivenciada por quem presenciara os fatos ocorridos em Canudos, ele pode nos ajudar a entender a concepção de Geografia presente no livro. Isso porque, se a terra é para ele um elemento que participa ativamente da história humana e direciona os povos a determinadas condutas, ela contribui ativamente na construção da realidade. Mas quando sua percepção é confundida por noções pretéritas, cria-se uma ilusão que te afasta do que é real. Assim, para Euclides a campanha desastrosa do exército aliado a barbárie que presenciara confrontava sua visão acerca do exército e da república recém instaurada no Brasil. Os acontecimentos vivenciados então passam a ser uma ficção geográfica porque não pode ser concebida, pois sua noção pretérita da realidade – fixada na crença de uma vitória rápida e segura do exército republicano – é somada a sua perspectiva geográfica – pautada no enfrentamento entre homem e meio –, criando imagens contraditórias.

O que ia fazer-se era o que haviam feito as tropas anteriores — uma invasão — em território estrangeiro. Tudo aquilo era uma ficção geográfica. A realidade, tangível, enquadrada por todos os sucessos, ressaltando à observação mais simples, era aquela. Os novos campeadores sentiam-na dominadoramente. E como aquele povo desconhecido de matutos lhes devolvia, dia a dia, mutilados e abatidos, os companheiros que meses antes tinham avançado robustos e altaneiros, não havia ânimo varonil que atentasse impassível para as bandas do sertão misterioso e agro... (CUNHA, 2002, p.515).

Euclides narra então os últimos episódios de Canudos, identificando “o seu caráter anormalmente bárbaro” (CUNHA, 2002, p. 590). Sua inconformidade é latente em suas derradeiras páginas, demonstrando sua intenção de apresentar a barbárie existente em ambos os lados do conflito, mas principalmente no que se refere ao papel do exército – que se valeu de uma força desproporcional para dar fim à guerra – e do exemplo final da resistência dos canudenses.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. (...) caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados (CUNHA, 2002, p. 597).

O livro termina então uma frase que marca sua perspectiva sobre tudo o que narrara ao longo dessa obra, mencionando o psiquiatra Henry Maudsley (1835-1918) para tecer sua crítica ao total despreparo do governo republicano em lidar com um país repleto de particularidades culturais e de desigualdades regionais. “É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...” (CUNHA, 2002, p. 599).

Em uma perspectiva geral de *A Luta* pode-se perceber que seus argumentos em defesa da ação do exército republicano em Canudos são confrontados com a realidade na qual se depara ao acompanhar os momentos finais da guerra. Apesar de apresentar uma visão depreciadora e que pouco explorou as motivações relacionadas à luta de classes no meio rural do interior nordestino – marcado por conflitos de terras, exploração do trabalho e desmandos dos líderes políticos –, seu olhar crítico para a campanha o fez enxergar as contradições existentes no Brasil. A sua intenção no livro passa a ser a de denunciar a disparidade existente entre as regiões do Brasil, principalmente entre o sertão e o litoral, escancarando o descaso do Governo Federal com a realidade de um povo carente e esquecido pelas autoridades e que viram em Canudos uma oportunidade de mudar seu destino de miséria e exploração.

CONCLUSÃO

A dissertação teve como objetivo principal defender a hipótese de que Euclides da Cunha produziu conhecimentos geográficos em seus trabalhos sobre o sertão nordestino. Para tanto, foi escolhido como recorte empírico os textos sobre o tema escritos no ano de 1897 e o livro *Os Sertões*.

Durante esse trajeto, optou-se por elaborar inicialmente um breve levantamento das perspectivas literárias que contribuíram para a interpretação da parte da obra selecionada. Entre as principais referências estão Barthes (1980 e 1987), Foucault (1970), Cardoso e Vainfas (1997) e Berdoulay (2003), autores de diferentes perspectivas nos conduziram a uma abordagem que – apesar de geográfica – se permitiu a enxergar o objeto para além do recorte acadêmico prioritário, produzindo uma análise que articulou conhecimentos advindos da Geografia com os de outras áreas, tais como a literatura, a história, geologia, botânica etc.. Essa visão mais liberta de uma obra eclética como a de Euclides é fundamental para o entendimento do seu potencial.

Em seguida, foi feito um apanhado de importantes interpretes da obra euclidiana, tais como Freyre (1987[1944]), Costa Lima (1997 e 2000), Galvão (2009 e 2016), Murari (2002 e 2007) entre outros que foram de fundamental importância para o entendimento da dimensão e possibilidades de uma pesquisa sobre Euclides da Cunha. A partir dessas contribuições foi possível estabelecer qual seria a perspectiva acerca do texto euclidiano adotada, em que foi indicada a de que ela é um trabalho científico com adornos literários. Cabe destacar que não discordamos dos que buscam interpretar sua obra entendendo-a enquanto uma literatura, pois ela também está presente nesse campo, contudo essa perspectiva se mostrou pouco efetiva para a análise que aqui foi realizada.

No momento seguinte, realizou-se uma breve revisão da História de Geografia, que partiu de seu surgimento enquanto ciência moderna para a chegada dela no Brasil, abordando as contribuições de geógrafos que dedicaram suas pesquisas aos estudos do desenvolvimento desse campo do saber. Entre as referências sobre o advento da Geografia Moderna, destacam-se os trabalhos de Gomes (1997 e 2010), Ribeiro (2012), Coscioni (2018) e Ferretti (2018), além de algumas obras originais de Ratzel (1897 e 1904) e Vidal de la Blache (1896). Sobre a Geografia Brasileira foram utilizados Machado (2000 e 2012) Sousa Neto (2000 e 2001), além dos textos presentes na revista do IHGB de Paulet (1897) e Borba e Rebouças (1898) e do próprio Cunha (2002[1902], 2003[1897] e 1994[1906]). Nesse ponto, buscou-se apresentar o contexto político e intelectual na qual Euclides estava inserido e desenvolveu sua perspectiva geográfica.

No capítulo II, foram destacados os textos escritos por Euclides no ano de 1897 sobre Canudos. A análise foi dividida de acordo com o momento e o lugar onde foi escrita, pois ela mostra uma evolução gradativa de sua abordagem ao longo do processo de produção. Algumas convicções defendidas por ele já ficam claras nesse material, tais como a supremacia do meio em seu embate com o homem, a ação deste sendo justificada por uma perspectiva organicista e baseada em leis universais que os regem. Assim, foram traçados alguns paralelos entre Euclides e geógrafos que se influenciaram pelo darwinismo social e o evolucionismo, ideias já demonstra convicções que seriam reafirmadas em seu livro, todavia com algumas ressalvas e reflexões que elevariam sua obra a patamares além da produção acadêmica vigente.

O capítulo III teve como foco a busca pelos argumentos geográficos contidos em *Os Sertões*. Apesar de repetir muitos temas com o que foi apresentado no capítulo anterior, o livro demonstra o amadurecimento das ideias de Euclides sobre sua concepção da relação homem e meio, das características do homem sertanejo e sobre a Guerra de Canudos. Para

tanto, ele elabora uma narrativa cientificista que procura referenciais que corroborem com sua perspectiva racial e determinista acerca do homem e na construção de sua história. A Geografia se faz presente em todas as partes do livro, aparecendo com um caráter mais físico e descritivo em *A Terra*, na tentativa de criar leis universais que justifiquem os caracteres físicos e intelectuais dos sertanejos em *O Homem*, e em como a natureza foi um elemento determinante para os rumos que a Guerra de Canudos tomou em *A Luta*, entendendo que os jagunços estabeleceram uma espécie de simbiose com o meio.

A hipótese que aqui foi defendida é a de que a obra de Euclides é de grande contribuição para o entendimento da História da Geografia no Brasil, pois ela produz um conteúdo de extrema relevância para os dilemas que o país vivia naquele contexto e que estão até hoje sendo temas dos estudos de geógrafos. Seus argumentos geográficos sobre o sertão nordestino ainda são referências aceitas pelos especialistas e demonstram a seriedade com que ele levou suas pesquisas. Apesar de ser responsável por concepções pejorativas que indicam para a supremacia de alguns povos em detrimento de outros e de sua aversão ao processo de miscigenação que caracterizou o povo brasileiro, seu rigor científico o permitiu estabelecer uma visão crítica de seus próprios argumentos, ao enxergar no sertanejo suas qualidades morais e culturais e em perceber que a República Brasileira era tão bárbara e violenta quanto seus inimigos no caso de Canudos.

Em virtude dos fatos mencionados, acreditamos que a pesquisa realizada contribui para o fortalecimento e valorização dos estudos elaborados por Euclides da Cunha, assim como para a História da Geografia no Brasil, uma vez que ele representa toda uma produção realizada nos institutos e sociedades frequentadas pelos geógrafos nacionais do século XIX e XX e que reverberavam os próprios rumos que essa ciência vinha tomando no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, Aziz. *No domínio das caatingas*. In: BARROS, Joana; PRIETO, Gustavo & MARINHO, Caio. *Sertão, Sertões: representando contradições, reconstruindo veredas*. São Paulo: Elefante, 2019.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*. 4ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.
- ANDRADE, Manuel Corrêa de. *A AGB e o Pensamento Geográfico no Brasil*. In: Terra Livre-AGB, São Paulo, pp. 143-152, nº 9, julho-dezembro 1991.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética Da Criação Verbal (tradução feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G. Pereira)*. 2ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 1997.
- BARTHES, Roland. *Aula – tradução e posfácio de Leila Perrone-Moisés*. 14ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.
- _____. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- BERDOULAY, Vincent. *A abordagem contextual*. In: Espaço e Cultura- UERJ, Rio de Janeiro, pp. 47-56, nº16, julho-dezembro 2003.
- BORBA, Nestor & REBOUÇAS, André. *Excursão ao Salto da Guahyra ou Sete Quedas, pelo capitão Nestor Borba – Notas e considerações gerais, pelo engenheiro André Rebouças*. Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. Rio de Janeiro, tomo LX, parte 1, p. 65-87, 1898.
- CAMPOS, Rui Ribeiro de. *Breve Histórico do Pensamento Geográfico Brasileiro nos Séculos XIX e XX*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura E Sociedade*. 9ª edição (revista pelo autor): Ouro Sobre Azul: Rio De Janeiro, 2006.
- _____. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *História e Análise de Texto*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 1997. p. 375-399.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Pensadores que inventaram o Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- COSCIONI, F. J. O Darwinismo Social na geografia humana do início do século XX: o caso da obra *Influences of Geographic Environment*, de Ellen Semple. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, v. 22, n. 2, p. 349-365, mês. 2018. ISSN 2179-0892. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/140469>> Acesso em: 27 de outubro de 2019.
- COSTA, Nicola S.. *Canudos: ordem e progresso no sertão*. 9ª Ed. São Paulo: Moderna, 1990.
- CUNHA, Euclides da. *Contrastes e Confrontos; com um estudo crítico de Dr. Araripe Júnior*. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- _____. *Um Paraíso Perdido: ensaios, estudos, e pronunciamentos sobre a Amazônia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p. 279.
- _____. *Os Sertões: A Campanha de Canudos*. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- _____. *Canudos: Diário de uma Expedição*. 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2003[1937]. .
- DANTAS, Paulo. *Antologia Euclidiana*. São Paulo: Editora Pioneira, 1967. In: CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: A Campanha de Canudos*. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- FADEL FILHO, David Antonio. *O Pensamento Geográfico de Euclides da Cunha: Uma Avaliação*. 1990. 272 f. Dissertação (Mestrado Em Geografia) - Instituição De Ensino: Universidade Estadual Paulista 'Júlio De Mesquita Filho'/Rio Claro, Rio Claro, São Paulo.

_____. *A Visão da Amazônia Brasileira: Uma Avaliação do Pensamento Geográfico entre 1900 e 1940*. 1996. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas: Universidade Estadual Paulista ‘Júlio De Mesquita Filho’/Rio Claro, Rio Claro, São Paulo.

_____. *Riqueza e miséria do Ciclo da Borracha na Amazônia Brasileira: Um olhar geográfico por intermédio de Euclides da Cunha*. In: GODOY, Paulo R. Teixeira de (org.). *História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

_____. *Sobre a palavra “Sertão”: Origens, significados e usos no Brasil (Do Ponto De Vista Da Ciência Geográfica)*. In: *Fronteiras da Geografia: Ciência Geográfica*: Bauru, Xv, vol. Xv: Janeiro/Dezembro – 2011.

FERRETTI, Federico. *Evolução e revolução: os geógrafos anarquistas Elisée Reclus e Pëtr Kropotkin e sua relação com a ciência moderna, séculos XIX e XX*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro. vol. 25 no. 2 Rio de Janeiro abr./jun. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702018005000001>>. Acesso em 27 de outubro de 2019.

FORTES, Herbert Parentes. *Euclides, o estilizador de nossa história*. 3ªed. São Paulo: GRD, 1990.

FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: Record, 1987[1944].

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970 (Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio)*.

Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Foucault_OrdemDoDiscurso.pdf>. Acesso em: 18 novembro 2018.

FURET, François. *Pensar a Revolução Francesa*. Lisboa: Edições 70, 1989.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss conciso*. São Paulo: Moderna, 2011.

GALLINO, Luciano. *Dicionário de Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Euclidiana: Ensaio sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 326.

_____. *Os sertões: Euclides da Cunha. Edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão*. São Paulo: Ubu Editora / Edições Sesc São Paulo, 2016. p. 700.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia fin-de-siècle: O discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões*. In: CORREA, CASTRO e GOMES (orgs.). *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. *Geografia e Modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da história. Trad. Maria Rodrigues e Hans Haden*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008 [1837].

LAMEGO, Mariana. *Dos propósitos e modos de se escrever histórias*. In: *Terra Brasilis (Nova Série): Historiografia da história da geografia*, 2|2013, disponível em <terrabrasilis.revues.org/617> acesso em 04 Março 2017.

LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: A construção de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 298.

_____. *Euclides da Cunha: Contrastes e confrontos do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000. p. 59.

MACHADO, Lia Osório. *Origens do Pensamento geográfico no Brasil Meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930)*. In: CORREA, CASTRO e GOMES (orgs.). *Geografia Conceitos e Temas*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 309-352.

_____. *As ideias no lugar: O desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no início do século XX*. In: Terra Brasilis (Nova Série): Geografia e Pensamento Social Brasileiro, 2|2000, posto online em 2|2012. disponível em:

<<http://terrabrasilis.revues.org/298>> acesso em 23 abril de 2017.

MAIA, João Marcelo Ehlert. *A terra como invenção: o espaço no pensamento social brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008. p. 223.

MENEGAT, Marildo. A Face e a Mascara: a barbárie da civilização burguesa. In: Pegada: A Revista da Geografia do Trabalho-UNESP, vol. 8, nº 2, São Paulo, Dezembro 2007. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1638/1568>> acessado em 12 de agosto de 2018.

MURARI, Luciana. *Brasil, Ficção Geográfica: Ciência e nacionalidade no país d'Os Sertões*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007. p. 233.

_____. *Tudo o mais é paisagem: Representações da Natureza na Cultura Brasileira*. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PAULET, Antônio José da Silva. Descrição geographica abreviada da capitania do Ceará pelo coronel de engenheiros Antônio José da Silva Paulet. *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro, tomo LX, parte 1, p. 75-101, 1897.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. A geograficidade do social: uma contribuição para o debate metodológico sobre estudos de conflito e movimentos sociais na América Latina. In: Seoane, José (org.). *Movimientos sociales y conflictos en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003. Disponível em:

<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/seoane/porto.rtf>> acessado em 27 de outubro de 2019.

PRIETO, Gustavo. *Coronelismo e camponato na formação territorial d'Os Sertões*. In: BARROS, Joana; PRIETO, Gustavo & MARINHO, Caio. Sertão, Sertões: representando contradições, reconstruindo veredas. São Paulo: Elefante, 2019.

RATZEL, Friedrich. Sobre a interpretação da natureza. *Geographia* (UFF), vol. 12, n.23, 2010 [1904].

_____. A relação entre o solo e o Estado - Capítulo I: O Estado como organismo ligado ao solo. (Tradução de Matheus Pfrimer). *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, Nº 29, pp. 51 - 58, 2011[1897].

RIBEIRO, Guilherme. Babel Insaciável: Modernidade E Urbanização Nos Estados Unidos Conforme Paul Vidal De La Blache. *Revista Brasileira De Estudos Urbanos E Regionais*, v. 14, n. 1, Maio 2012: Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2012v14n1p155>> acessado em 27 de outubro de 2019.

ROSS, Jurandyr. *Geografia do Brasil*. São Paulo: 2ªed. Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

ROSSO, Mauro. *Escritos de Euclides da Cunha: política, economia, etnopolítica (organização, introdução e notas)*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2009. p. 527.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 287.

SELEÇÕES, Reader's Digest. *Atlas de História mundial (tradução, Ana Valéria Martins Lessa)*. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1999.

SILVA, José Calasans Brandão. *Cartografia de Canudos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, EGBA, 1997.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. A ciência geográfica e a construção do Brasil. In: Terra Livre-AGB, São Paulo, pp. 09-20, nº 15, 2000.

_____ . Geografia nos Trópicos: história dos naufragos de uma jangada de pedras? In: Terra Livre-AGB, São Paulo, pp. 119-138, nº 17, julho-dezembro 2001.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Le principe de la Géographie Générale (Traduzido por Rogério Haesbaert e Sylvain Souchaud). *Annales de Géographie*, Paris, Armand Colin Editores, vol. V, out. 1895 a set. 1896.

O ESTADO DE S. PAULO

PROPRIEDADE DE J. FILINTO & COMP.

S. PAULO—Domingo, 14 de março de 1897

TIRAGEM 10.000 EXEMPLARES

Ano XXXII

ANNO XXIII

GERENTE—José Filinto da Silva

ANUNCIARIA

Numero do dia 100 rs.

REPUBLICA

Pela Republica

As manifestações de apoio que se verificam em todas as...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

Hoje passamos a discutir a respeito da República...

A nossa Vendaia

Hoje passamos a discutir a respeito da Vendaia...

Hoje passamos a discutir a respeito da Vendaia...

Hoje passamos a discutir a respeito da Vendaia...

OS MUNICIPIOS

Hoje passamos a discutir a respeito dos municípios...

Hoje passamos a discutir a respeito dos municípios...

Hoje passamos a discutir a respeito dos municípios...

OS FATOS DE BARAQUARA

Hoje passamos a discutir os fatos de Baraquara...

Hoje passamos a discutir os fatos de Baraquara...

Hoje passamos a discutir os fatos de Baraquara...

Notas e Informaões

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

Hoje passamos a discutir as notas e informações...

ESTADOS S. PAULO

PROPRIEDADE DE J. FILINTO & COMP.

S. PAULO—Sabbado, 17 de julho de 1897

Streete e impresso em machina rotativa de Mairland

Ano XXXIII

GERENTE—José Filinto da Silva

ANUNCIATORES

Numero do dia 100 rs.

A nossa vendêa

Rob este título, há tempo, se chama a nossa de inventiva inventiva... A nossa vendêa de 17 de julho de 1897...

PARA A BAHIA

PARA A BAHIA... A Bahia é uma das mais importantes cidades do Brasil...

COMPANHIA MARIANA

COMPANHIA MARIANA... Companhia Mariana de Seguros e Reasseguros...

CONGRESSO LEGISLATIVO

CONGRESSO LEGISLATIVO... Congresso Legislativo do Estado de São Paulo...

JORNAL DO RIO

JORNAL DO RIO... Jornal do Rio de Janeiro...

OS MUNICIPIOS

OS MUNICIPIOS... Os municípios do Brasil...

TRIBUNAL DO JURY

TRIBUNAL DO JURY... Tribunal do Júri...

ADUGUETO VILLERS

ADUGUETO VILLERS... O Filho do Assassino...

ADUGUETO VILLERS... O Filho do Assassino... Continuação da história...

ADUGUETO VILLERS... O Filho do Assassino... Continuação da história...

ADUGUETO VILLERS... O Filho do Assassino... Continuação da história...

ADUGUETO VILLERS... O Filho do Assassino... Continuação da história...

ADUGUETO VILLERS... O Filho do Assassino... Continuação da história...

ADUGUETO VILLERS... O Filho do Assassino... Continuação da história...

ADUGUETO VILLERS... O Filho do Assassino... Continuação da história...

ADUGUETO VILLERS... O Filho do Assassino... Continuação da história...

ANEXO C: O canudense em sua casa de taipa



Disponível em: <<https://www.historiaillustrada.com.br/2014/06/fotos-da-guerra-de-canudos.html>> Acessado em 4 de novembro de 2019.